

# O Tropel das Coisas

**EDUARDO CAMPOS**

# O Tropel das Coisas

C O N T O S

Fortaleza  
1970

*Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas dos mundos, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam.*

PE. ANTÔNIO VIEIRA – *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real, 1655.

A

BRAGA MONTENEGRO

e

MOREIRA CAMPOS

## **SUMÁRIO**

### **Primeira Parte**

#### **OS DRAMAS DE INFIDELIDADE**

O Banho .....	15
Adultério para Cego Ver .....	23
O Papagaio do Vizinho .....	31
Aquelas Cartas.....	39
Um Caso de Amor ou Separação Frívola .....	47
E a Máquina pra Pregar Botão em Cueca? .....	61
A Mão de Ouro .....	69

### **Segunda Parte**

#### **OS DESASTRES DO HOMEM**

Agente de Primeira Classe .....	81
A Cabeça do Capitão .....	117
A Longa Espera de Quem Sofre .....	147
O Menino que Tinha Fome e Era Guia do Cego que Morreu .	157
Velório de Amigo .....	167

PRIMEIRA PARTE

# Os dramas de infidelidade

---

*Cada qual dá segundo a **sua** fé  
ou o seu prazer.*

DHAMMAPADA, 249

*Uma mulher sessentona corre ao  
som do pandeiro como uma cri-  
ança de seis anos.*

TALMUDE, 66B

O BANHO

“**S**e não chover, olhe bem...” Tudo que combinara estava condicionado à mudança do tempo. Pedrão tinha bolado uma desculpa para dar em casa, achava fácil iludir a topeira da mulher. – Anita, vou sair hoje, sei que é domingo, mas peguei um envernizamento de cadeiras... Inventariou, cínico, o número de peças, afirmando que o dono da mobília, “o patrão” como dizia, ia pagar um bom dinheiro pelo serviço.

Por baixo da roupa vestira um calção azul, novo, pensando só na hora de se encontrar com a empregadinha do supermercado. Aquilo começara assim. Toda vez que parava diante da registradora, a moça tinha sempre uma piadinha. No começo acanhou-se de levar a sério o enxerimento, mas um dia, aproveitando a hora em que Anita escolhia um esfregão para o banheiro, disse que os olhos dela eram de artista. De outra feita, demorou ao pé da máquina mais do que o necessário para se despachar. Da última vez, fez que não achava a carteira. “Meu Deus, será que me abafaram?” Baixo, convidou a moça para um banho de mar. Ela, coquete, aceitou. “Se não chover, olhe bem... Praia só serve com muito sol”.

E chovia, como chovia! Na verdade, houve um instante em que Pedrão pensou que o tempo levantava.



Mas foi a segunda decepção do dia. Logo voltou a chuva, caindo forte, pesada. A mulher, que se esbaforia na cozinha, veio até o quarto onde ele estava, penalizada:

- E agora?

- Eu não contava com um tempo desse! - Desabafou o homem.

- Até que hora o dono da mobília te espera?

- E eu sei? Tinha de ser de manhã, aproveitando o sol. De tarde o homem já quer a mobília pronta.

Ela enxugava as mãos molhadas no vestido.

- Não gosto de ver você sair de casa nos domingos. Mas, indo ganhar dinheiro, vá lá! - Aquele tom de voz, pensava o homem, era de quando lhe pedia dinheiro... - Anda tudo tão difícil. Tem a prestação da máquina de costura.

- Outra? Não tinha acabado?

- Esqueci de dizer. Comprei um aparelhinho que a gente bota nela, pra bordar. O vendedor era sério, me afirmou que eu gastando mais cinqüenta cruzeiros, com dois meses estava faturando os tubos!

Pedrão pensava, enquanto se embalava na rede. "Ela agora vai falar para me zangar ainda mais. Mas até isso não me paulifica. Chato é não parar de chover, eu ficar sem poder ver Cremilda."

Encorajada pelo mutismo do marido, Anita prosseguia:

- Comprei o aparelhinho pensando em te ajudar, homem! A vida está cada vez mais dura. Até me lembrei que se mandasse deitar o baralho, podia ter um sonho bom, uma sorte melhor. E você sabe que não sou das tais que ficam de estadão, sentadas na janela, vendo quem passa na rua.

Chiaram as panelas na cozinha. Ela alertou-se:

- Chega, assim a gente vai comer feijão queimado!

Pedrão respirou aliviado quando a viu retirar-se. Bateu o pé na parede, impulsionou a rede. Daquele jeito, sentia ferver o juízo. Tinha na mão o quente da moça, a danação que lhe deixara o roçado do corpo jovem no seu, tão diferente do da mulher, acabado no esfregar de roupa diante da tina, todo dia. A moça não era virgem, viu então. E logo cuidou de marcar o banho de mar, o passeio sobre as dunas. Depois ia levá-la a um esconderijo, de carrapateiras, perto da praia, que vinha a calhar. Fechando os olhos, desvestia a caixa do supermercado; deitava-a nua ao seu lado, na rede. E, por lhe acudirem esses pensamentos, ansiava para que o tempo se modificasse, cessasse aquele aguaceiro sem razão de ser. Num domingo! Se tivesse telefone, avisava à namorada. Mas Cremilda tinha sido taxativa: “Se não chover. Com chuva mamãe não me deixa sair de casa.” Ah, não conhecia a senhora mãe dela, mas devia ser dessas mulheres que atrapalham a vida dos outros. Bruxa! Quem inventou que só se pode ir à praia em dia de sol?

Perto das dez, a mulher veio outra vez da cozinha. Estava suada de abanar o fogo, a lenha molhada não ardia. – Fogão a lenha... – lastimava-se. Pensando no dinheiro que o marido ia ganhar, fazia planos. Por isso queria saber quantas peças ele contratara.

– Por quê?

– Não se zangue, queridinho. Pode ser besteira, mas estou pensando que a gente podia comprar um fogão a gás.

– A gás? Um luxo de rico!

– O pagamento é módico, em suaves prestações, sem entrada... – Ela repetia o anúncio do patrocinador da novela, que acompanhava depois do almoço, roçando a barriga na pia, a lavar a louça.

- Eu ia envernizar umas vinte peças - mentiu Pedrão.

- Vinte peças?

Mentalmente ela calculou. Mesmo botando uma pela outra, o trabalho ia render, numa manhã de domingo, mais de setenta cruzeiros novos. Se não havia a entrada do fogão, estava resolvido o pagamento da primeira prestação.

- Você me dá a metade do ganho?

Aí o homem se afobou. Levantando-se da rede, começou a andar pelo meio do quarto, dizendo que ela só pensava em gastar o dinheiro que ele ganhava.

- Ambiciosa!

Era aquela ambição, repetia, que não deixava a chuva parar.

- Ambiciosa? Eu? Mas estou querendo pra nós dois, pra nossa casa!

Daí a pouco, o homem pensava melhor; acalmava-se.

- Que tolice! Nem ao menos ganhei o dinheiro, já estamos brigando!

Por sua vez ela se decepcionava: - Você só inventou isso pra me aperrear!

- Ora, não se faça de tola!

A mulher voltou para a cozinha, resmungando, proclamando-se a criatura mais infeliz do mundo. Se pudesse tornar ao passado, não mais se casaria com ele. Levava vida de escrava, os vizinhos tinham pena dela, o tempo todo na cozinha sem vez de passear. Ia a alguma parte, ia?

Pedrão impaciente só pensava no banho de mar que perdia. Era esperar outra oportunidade. Quando? No próximo domingo? O pior é que não conseguia afastar da lembrança a figura de Cremilda, aquele seu jeitinho de

receber o dinheiro, de passar o troco, segurando-lhe as mãos. Reparou no relógio de pulso. Quase meio-dia. O tempo cerrado. Chovia bastante, o aguaceiro estalando sobre o telhado, a rua escura. “Se não chover...”

Deu por perdida a manhã, o passeio à praia com a namorada. O melhor que fazia era mudar a roupa, meter-se num pijama velho, calçar os tamancos, afoagar as mágoas num quinado reforçado. Encostou a porta. Sacou a blusa de xadrez, de que gostava tanto, e viu-se no espelho; risonho. “Ei, velhinho, a Cremilda hoje ia ter uma surpresa com você!” No meio do quarto, livrou-se das calças. Estava de calção, agora, procurando posição para ver-se por inteiro na lâmina do espelho. À contemplação das pernas cabeludas, sorriu. Qualquer dia desse perdia o acanhamento, raspava o cabelo delas...

Nisso, a porta abriu-se.

A mulher, arrependida, ainda chorosa, vinha dizer a Pedrão que desse o dito por não dito, se conformava em esperar outra vez para ganhar o fogão.

Vendo-o metido no calção, estranhou:

- Que é isso? Pra onde você pensa que vai?

- Eu? Por quê? tartamudeou o homem.

- Estava pensando ir à praia, era? E eu? E eu? - Lastimava-se.

Depressa, Pedrão queria uma desculpa; precisava ter na ponta da língua uma explicação que satisfizesse à mulher.

- A chuva... - Começou a dizer. - A chuva...

Ah, a chuva! E ele então justificou. Pensando bem, dizia, adiantava zangar-se contra o temporal, achar que não devia chover? A chuva era obra de Deus, abençoada. Não lhe servia, mas acudia a outros. Assim, esque-

cia tudo, e ia tomar um banho de chuva! Era como se nada houvesse acontecido.

Um banho? de chuva? – admirava-se a mulher. – Isso é novidade em você!

Achava aquilo fora de qualquer propósito. A falar verdade só vira o seu homem assim nos velhos tempos de namoro, quando saíam da vila, de mãos dadas, e iam para a praia. Sempre aos domingos, e como era bom. Ele a apertava com tanto amor!

– É como te digo, criatura. – Esclarecia o homem caminhando para o quintal. – Eu vou logo aproveitar o jorro da biqueira.

O que queria era livrar-se dela, disfarçar o constrangimento que o assaltava. Debaixo da calha, que despejava água com abundância, começou a se molhar. Dava gritos. Cantarolava, para despistar. E daí a pouco, querendo pensar na caixa do supermercado, não podia. Havia nele um sentimento de frustração, de arrependimento, sobretudo de arrependimento pela cena de traição que, a manhã toda, maquinara, e que percutiu mais dolorosamente quando Anita, metida numa combinação velha, em que transpareciam os seios chupados, veio juntar-se a ele para se banhar também.

E ela era feliz, via o homem.

Adultério para cego ver

**R**eparou primeiro no que lhe chamou mais a atenção: as ancas enxundiosas, roliças, da criatura. Ela falava gesticulando para impressionar os dois homens e a mulher que a escutavam.

E Paulino imaginou, acertadamente, que o desejo dela era de que ele a ouvisse também. Discutiam o alto custo de vida, as alterações de preços da feira, a carestia doida. Os outros faziam-lhe coro, não contestavam, e houve hora em que Paulino julgou que os homens, quando a mulher se curvava à veemência dos gestos, espriavam a covinha dos seios, acentuada, no decote audacioso.

Como daí a pouco caminhassem lado a lado, inauguraram a amizade. “Então, o senhor mora por aqui?” – “Logo adiante, minha senhora...” – Sendo vizinho, que bom aparecer em nossa casa pra conversar... Me mato por uma discussão assim! Sou entusiasmada! Meu marido é ótimo. Não conhece o prof. Francisquinho?” Apon-tou a casa, chegando diante do portãozinho pintado de vermelho. “Não quer entrar? Podia logo beber o cafezinho. Aposto que ia gostar...” O marido era massagista, soube Paulinho, e cego. Recebia em casa mu-

lheres adiposas que queriam perder algumas polegadas de gordura. Tinha conceito; não lhe faltavam bons clientes. “Fique um pouco, seu Paulino. O café não demora”. Daquela vez ele não chegou a entrar na casa, mas não voltou depois, sentindo que a mulher estava interessada demais.

Um sábado à tarde, achou-se na sala, o cego acomodado numa cadeira de balanço, atento a todos os ruídos. Ele gostava de demonstrar habilidades. Quando passava o ônibus diante da calçada, sabia qual era. “O Expresso vai atrasado hoje”. Escutando as pisadas que soavam no corredor: “É a empregada com o cafezinho”, ou “e a vizinha, d. Adelaide, que vem devolver a sombrinha que pediu emprestada”. E assim por diante, entre-meando as informações com comentários, e querendo saber de tudo, que curioso era demais.

Paulino sentou-se ao lado da dona da casa, surpreso, vendo que ela vestia blusa tão fina, tão transparente, que lhe deixava apetecente o peito cheio. Ocupavam ambos um sofá de palhinha, que rangia o tempo todo, bastava Paulino mexer-se tentando aproximar-se da mulher que demonstrava o que queria. O cego então dizia: “Maninha, você não acha que esse sofá faz zoada demais? Seu Paulino, desculpe... E desculpe as mulheres, umas teimosas por natureza!”

Ora, professor... Não tem importância.

Entabulou conversa, mas a situação logo se tornou insuportável porque, sem que ele esperasse, a mulher do cego lhe segurou a mão, levando-a ao coração. A primeira reação de Paulino foi olhar para o cego, puxar a mão, mas se lembrando que o outro nada via, animou-se. Foi aí que descobriu o caderno de desenho, adrede preparado, a que se prendia uma esferográfica colorida.



Mostrando a utilidade do objeto, ela escreveu no papel, caprichando na caligrafia: “Você pode fazer tudo o que quiser comigo mas tem de falar o tempo todo, senão meu marido desconfia.”

Percebida a mensagem, enquanto passava a mão nos seios dela ou lhe acarinhava as coxas grossas, ele tinha de falar do último pronunciamento do Papa, do aumento do preço das passagens de ônibus, da moda dos cabeludos, etc., etc. Não se sentia de todo tranqüilo, entenda-se, pois havia o receio de ser descoberto, temor que, só da terceira ou quarta vez que tornou à casa, desapareceu. Era duro sacanear a esposa de um cidadão que se postava a dois passos, a fazer-lhe perguntas a propósito de tudo, sobre isso e mais aquilo. Enquanto as mãos de ambos trabalhavam em afagos mútuos, Paulino esmerava-se para sustentar palestra com o marido ludibriado.

Não se pense que o cego era tolo. Por todo o tempo em que durava a visita, mostrava-se vigilante, agitado, e não parava de falar um só minuto. Então, dava-se aquilo. Paulino agarrava a peitança de Maninha, mas tinha de largá-la em seguida. virar-se para o dono da casa, responder a uma pergunta feita – não faltavam perguntas! –, escrever algo no caderno, que mostrava à companheira, e recomeçar tudo de novo. Ela tranqüilizava-o quanto aos temores que o marido infundia. “Não se assuste, ele não desconfia nada. Faça tudo pra manter conversa com ele e não se incomode.” Ela falava pouco, lânguida e sensual às carícias de Paulino. Por sua vez o amante se deixando acarinhar, tinha cócegas, vontade de dar gritinhos, que a mulher, terrível, postava-se diante dele, rente às suas pernas, e o tonteava de todas as formas.

Por cima de tudo, o professor não dava folga. Queria saber as últimas notícias do jornal; que livro bom estava sendo anunciado, se verdade era que iam lançar um avião para mais de quatrocentos passageiros, etc., etc. Vexado, Paulino respondia como podia, a voz trêmula, em falsete muitas vezes. Em letras apressadas espiçava no caderno, já era o segundo que enchia de frases: “Tenha modos, sua maluca, que o seu marido desconfia!”

A mulher fuzilava-o com os olhos, tinha acessos de raiva diante da ingenuidade dele. Tomava o caderno, rude, e escrevia:

“Deixe de ser besta, eu sei o que estou fazendo. Pensará que sou criança? Vamos, me segure, me beije!”

Aprendeu a beijar silenciosamente, juntando os beijos dele aos da mulher tentadora que o retinha estreitado a ela, até que o professor, achando demasiado o silêncio, cobrava do homem:

– O senhor disse alguma coisa? Pode falar...

No começo, Paulino ia à casa do massagista só aos sábados. Depois, aos sábados e aos domingos. Agora, até nos feriados.

Por se amiudarem aqueles encontros, começou a desconfiar seriamente que o cego percebia. Quem sabe se não estava apenas esperando um momento para armar um escândalo, agredi-lo a faca? Sendo casado, não queria meter-se em complicações, principalmente agora que a sogra viera morar em sua casa e alardeava, feliz, que a filha não podia ter escolhido marido mais decente... “Desses, só existem em novela de televisão!”

Num domingo, aproveitando o instante em que Maninha se retirara para o interior da casa, após excitar-se mais do que convinha, Paulino comentou:

- O senhor tem sorte, professor, de ter encontrado uma boa mulher...

- É verdade. Sem Maninha acho que eu não teria mais motivo para viver. É uma mulher ideal.

- E direita, é o que importa, não é?

- E por que não haveria de ser correta, seu Paulino?

Ele assustou-se. Estava abotoando a braguilha, parou.

- Hem? Sim, sim... É o que me pergunto também. Por quê?

- Quando ela se casou comigo já sabia dos meus defeitos, que eu tinha esta deficiência...

Curioso, depois de um momento, como se algo o alfinetasse:

- O senhor já ouviu alguém falar da minha mulher?

Paulino apressou-se na resposta:

- De maneira nenhuma! Apenas falei, porque o senhor compreende, tem muita gente ruim... Os vizinhos às vezes julgam ver o que não vêem, etc., etc.

- Sei, sei... Mas compreenda que eu vejo mais do que eles, seu Paulino. Fique certo disso.

Calou-se. Paulino viu o cego erguer o cigarro à boca e acendê-lo em seguida. As mãos dele tremiam, mas os gestos saíam-lhe conscientes, como os de uma pessoa que sabe realmente o que quer.

Quando Maninha voltou, a primeira coisa que descobriu foi a fisionomia pálida e decepcionada do amante. Aqui se passou algo errado - pensou. Queria saber.

- Que há com vocês que estão tão calados?

- Comigo, nada, minha filha - falou o cego pausadamente.

- E com o senhor, seu Paulino?

- Nada não. - Apressou-se o outro. E se fingindo tranqüilo - Às vezes a gente é como passarinho. Canta, canta e pára de repente.

- Imagem bonita! Se caprichar mais o senhor dá pra poeta. - Retrucou o cego, de modo enigmático.

A mulher sentou-se no sofá. Aparentava ter ficado satisfeita com as explicações que ouvira, e, já devagarinho, começava a retirar a toalha que trouxera cobrindo o busto farto, em que se lia: “Eu te amo”. Estava sem blusa, se oferecendo ao homem, mais impossível do que antes, os peitos inteiramente desnudados.

Como ele se mostrasse estranhamente reservado, não escondendo o azedume e a impaciência que a acudiam, ela escreveu no terceiro caderno: “Ande logo, aproveite!”

Paulino desviara o rosto dela. Tinha os olhos grudados no cego, sucumbido à terrível sensação de que todos os seus gestos haviam sido testemunhados. Não sabia explicar por que chegara àquele raciocínio. Mas a verdade é que nesse instante estava sentindo vergonha de si mesmo por tudo que praticara ali. Achava-se pérfido, traindo a um incapacitado.

Sem mais atender aos acenos da mulher, ele levantou-se decidido. Ainda teve vontade de escrever no caderno uma frase qualquer, como esta: “O cego vê mais do que nós”. E foi embora.

O papagaio do vizinho

**P**rimeiro, foi o papagaio. “Ai, que bichinho mais lindo! Quero ele pra mim!” Pediu. O marido comprou, fazia-lhe todas as vontades. Depois, desejou ter também dois periquitinhos australianos. De tarde, Amelinha se sentava na calçada, tomando a fresca, o calorão no interior da casa era de matar. Mais adiante, soube que o dono da mercearia, o Amarílio, tinha um louro que dizia “doutor, bote o café”, e aí não houve mais quem lhe contivesse a vontade de possuí-lo. – “Vai, Zeca, vai atrás do papagaio. Eu quero ele.”

O homem se aborrecia, aquilo até mais parecia doença. Depois do jantar discutiram, palavrão pra lá, palavrão pra cá, mas acabou cedendo. Cedia sempre. Ela era jeitosa, fazia-lhe mimos, ia-lhe aos braços, blandiciosa, de peito trêmulo. Não havia outra saída senão seu Zeca botar preço no louro falador, contentar a mulher querida.

O merceiro fez finca-pé. Não o vendia por todos os ouros do mundo, nem do céu. O papagaio falador tinha sido presente de velho amigo do Ceará.

– Sou freguês seu há tanto tempo! – apelou o marido de Amelinha.

– Lhe agradeço, mas isso não vou fazer. O senhor desculpe.

- Homem, não me falte! A mulher lá em casa vai se danar.

- Se dana mas depois acalma. Eu é que não fico sem o papagaio.

Para apagar aquela contrariedade na mulher, Zeca soube onde existiam uns curiosos cantadores, cada qual mais aprumado no canto, tinha um que mais parecia correta de quartel. Consigo mesmo ele dizia, levando os passarinhos para casa: "A Amelinha agora se aquieta. Me deixa em paz."

Mas nada. Fingiu-se de grávida. Se o marido não conseguisse o louro falador, era capaz de perder a criança.

- Criatura, já fiz tudo. O Amarílio é doido pelo bichinho. Não dá, não vende, nem troca.

- Mas eu quero. - Batia o pé no chão, nervosa. - O meu louro é burrão, roedor de gaiola. Tem mais. Todo mundo que chega aqui acha ele bonito, mas lamenta que seja só de enfeite. Papagaio tem de falar, Zeca! Anda, deixa de meter o dedo no nariz, que é porcária, e vai atrás do papagaio do Amarílio.

- Vou o quê! Fui lá mais de dez vezes, o homem anda aporrinhado. Quando vou me encostando no balcão, pergunta logo: - É atrás do louro?

- E se eu perder o menino? Estou sentindo umas dores mesmo em cima da barriga. Vai dizer isso ao homem.

A contragosto, seu Zeca foi. Não sabia como entrar no assunto, lhe parecia feia a conversa da mulher que, prenha, desejava algo, precisamente o papagaio do vizinho. Pôs a vergonha de lado, foi franco com o outro. Nem com isso o endurecido vizinho se sensibilizou.

- Sabe, seu Zeca, lamento pelo senhor e muito mais pela vossa senhora, que pode perder o menino. É tão nova, tão bonita! Mas o papagaio é a minha única

alegria depois que fiquei viúvo. Coisa triste é homem só. Como me faz companhia... Não é, louro? Na vida temos de ter quem alegre a gente, não é? O senhor não tem sua mulher?

O outro assentiu. Lá isso era verdade. Amelinha era vistosa, cheia de vida, dava-lhe amor como nunca antes experimentara. A rigor, ela na cama não se cansava. Sempre se agarrava a ele dizendo: “Ainda não, não me deixe, quero mais.”

– Ah, que pena, ela desejava tanto o louro! – lamentou-se ele, pensando na desculpa que ia dar, na descompostura que ouviria daí a pouco.

– Pois é. Não posso fazer nada.

“Que homem duro!”, pensou Zeca. Se a mulher dele desejasse, estando grávida, não protelaria o obséquio. “Toma, leva...” Assim ficavam difíceis as coisas.

Voltou para casa. Vendo-o de mãos abanando, Amelinha irritou-se:

– Deixa estar que tenho a mandinga pra derrubar seu Amarílio!

Não quis comer nesse dia. Achou que o marido não tinha falado com bastante veemência. O coitado, fumando cigarro após cigarro, amargava a contrariedade, quase arrependido de se ter casado com mulher tão irritante. Quando queria possuir uma coisa, não media expedientes. E então, não tinha astuciosamente inventado que estava grávida?

Uma noite ela decidiu. Recomendou ao marido que ficasse em casa pastoreando o gato que ameaçava os periquitinhos australianos. Ela ia ver “se dobrava o coração daquele empedernido.”

– Mas, mulher, são quase onze horas, o homem é capaz de estar dormindo. Me disse outro dia que recolhia cedo, acorda quando passa o caminhão do leite.



- Não discuta, Zeca. Quero só que você bote sentido às gaiolas. Anda no quintal um gatão preto, comedor de avezinha inocente. Não demoro mais do que uma hora.

Vendo-a sair, sem ao menos lhe reparar o vestido exageradamente decotado, recomendou: - Não vá insistir muito, o homem é zangado e eu não quero encrenca com ele. Ponha sentido nisso!

Ela já se afastara. Diante da porta do merceiro, bateu palmas aguardando que o homem viesse abri-la e se assustasse vendo-a ali.

- É alguém doente na casa da senhora?

Não, não era. Viera por um certo assunto...

Remexendo os quadris, entrou. Sentou-se na primeira cadeira que encontrou, as coxas carnudas inteiramente à vista. Contava para o homem quantas gaiolas possuía, umas desse tamanho, - ia dizendo, meotas, e se baixava, de propósito, deixando os seios rolares fora do decote, a remanchar agora na dimensão do ninho dos canários.

- Ah! São de arame ou de palito, as gaiolas? - perguntava o homem, basbaque.

E tremia, afogeadado, quando ela se propôs ir lá dentro, sem ao menos repuxar a saia que lhe ficara suspensa no sentar. Amelinha queria ver de perto "onde mesmo dormia o lindo do papagaio falador." "Ai, como eu gosto do seu lourinho!" Caiu por cima do homem enquanto iam andando pelo corredor que, tocando de sorte, era estreito e comprido. Custaram a chegar ao sítio da gaiola desejada. A meio caminho havia um quarto de casal, solitário desde que o dono da casa enviudara. O papagaio, aos suspiros que partiam da alcova, ao ranger da cama de espaldar de ferro, se pronunciava alegre, como nos velhos tempos:

“Corre, caixeiro, despacha a moça!” – “A freguesa é mulher bonita!” – “Quer um beijo ou um cheiro?”

Temendo que alguém importunasse Amélia, devido ao adiantado da hora, o merceeiro acompanhou-a de volta. No portãozinho, sob a trepadeira florida, ela ergueu entre ambos a gaiola do louro falador. Insistiu:

– Entre comigo, meu marido vai gostar tanto de sua visita!

Encabulado, o merceeiro não sabia o que fazer. Queria só disfarçar ou evitar um pensamento maldoso por parte de seu Zeca, que, nu da cintura pra cima, vinha pelo interior da casa arrastando os chinelos, para abrir a porta.

# Aquelas cartas

**A** carta fora metida por debaixo da porta da cozinha. Escorregando pelo cimento liso, esbarrara nos pés de Liduína. A mulher passava o café do marido, o pano quente na mão, o pó já espremido. “É bem carta anônima” Era. Enquanto seu Zezinho, na sala improvisada para o desjejum, cobrava o café, mais que depressa rompeu o envelope. Não sustinha a curiosidade que lhe aluía a peitanga. “O que é isso, meu Deus?” Acalmando o marido, que insistia por ela, pôs-se a ler. “Semvergonha, quando é que tu vai criar juízo? Então será que tu não tem caráter, teu marido nasceu besta? Olha, galinha, se você passear novamente com o meu homem, o negócio esquenta, não é mole, te digo, bruta. Pensa que não sei o que vocês fazem dentro da casa? estou só avisando, que não quero que tu, bicha nojenta, fique pensando que...”

A voz de seu Zezinho soou aborrecida:

Que maçada, Lidu. Tenho de sair.

- Estou indo, bem.

Leu mais. “Para que tu te casou, se num queria bem a teu marido? Mulher que procede assim é mais melhor ir fazer como as quengas, sentar praça na putaria de uma vez. Vê bem o que tu faz. O próximo aviso vai

direitinho pro corno do teu marido. Não vou assinar esta porque não quero te dar cartaz, meretriz ordinária, perna fina.”

Meteu o papel entre os seios; arfava. Por essa não esperava. Disfarçando, como podia, foi até onde estava o marido aborrecido. Largou o bule sobre a mesinha tosca e o enlaçou pelo pescoço, meu santo pra cá, meu santo pra lá, o bastante para o homem amolecer, desamarrar a cara.

- Você demorou muito, criatura!

- Foi o pano, bem. Espirrou café.

Servido, ele ergueu-se arrotando. Meteu o palito na boca, esgaravateou o dente cariado. Liduína veio com ele até a porta da rua, querendo saber se o esperava.

- Carece não. Janto por lá, que apalavrei um extraordinário.

- Assim tu te acaba!

- Que jeito? Quero me mudar daqui, comprar o bangalô pra nós.

Despediu-se. Adiante, cumprimentou a velhinha que vivia debruçada na janela da casa vizinha.

“É bem a bruxa que dá conta de tudo que se passa na minha casa” – pensou Liduína, indo sentar-se outra vez no banquinho da sala, treslendo, alvoroçada, as ameaças da missiva. “Perna fina!” Ah, queria só conhecer a identidade da intrigante!

O Adroaldo, de pés juntos, repetira a jura de não ter compromisso com ninguém. “Sou passarinho livre, meu anjo. Jamais botei bambolê no dedo.” Quando daí a pouco chegasse, tirava a estória a limpo...

Não acertou fazer mais nada na cozinha. Volta e meia se sentava, revia a caligrafia maldosa. Inventariava os insultos, reinava atirar a carta ao fogo, esquecer tudo.

Mas como enfrentar o ladino Adroaldo? Ali estava o dedo de alguma vagabunda perdida também por ele....

Adroaldo não tardou. Baixinho, cabelo cortado rente, falava piscando os olhos. Quando Liduína, lhe segurando a mão, disse que tinha “importante coisa para resolver”, imaginou que o marido dela os havia surpreendido.

- Descobriu? - perguntou.

- Quem? Tua amante?

Jogou a carta na cara dele, como viu num filme mexicano.

- Veja o que recebi da tua-não-sei-o-quê!

- Não sou casado - isentou-se o homem, sério.

- E eu acredito nisso? Acredito? - Começou a chorar. Não podia conter a raiva por ter sido chamada de perna fina...

- Ora, deixe disso.

Ela rendeu-se ao agrado do homem, ainda ressa- biada, a dizer que não sabia que mandinga ele tinha, era só pegar nela, amolecia. Mulher como ela não me- recia viver, era brinquete em mão de homem.

Quando saíram do quarto, uma hora depois, não tinha ainda esquecido a maldita carta. Ante o desagra- do do amante, voltou a insistir:

- Não sei por que, mas acho que teu dedo anda nisso...

- Não pense nisso!

- É a outra, sei que é a outra...

Depois de um momento, mais tranqüila:

- Rasgo a carta?

Foi à cozinha picá-la em mil pedacinhos. O homem a acariciou; lhe deu mais beliscões na bunda ampla. De- pois apanhou a caixa de ferramentas - era o mais velha- co dos encanadores - e ganhou a rua. Ao passar diante

da vizinha, cínico, perguntou se ela não tinha em casa torneira entupida, cano furado, consertava tudo...

A segunda carta, igualmente anônima, chegou às mãos de Liduína também passada por debaixo da porta. Desta vez, mais atrevida, descia a detalhes. Quem a escrevera afirmava estar a par de tudo e, continuando as coisas daquela forma, contaria ao seu Zezinho.

“Tu não tem vergonha, a gente vê logo, basta olhar a tua cara lisa. Pensa que os outros não têm olhos? Pois já sei como é que teu amante faz pra chegar na tua casa, finge endireitar os canos, mas tudo de mentira, que tu não tem cano na tua casa. Tem? Anda, responde, bicha imunda.”

Depois de dois dias, nova carta. A ameaça agora era terrível. “Esperei muito, sua perna fina, por isso te dou o prazo de um dia mais, sei que é até muito, mas tenho coração, não quero destruir um lar. Ou tu te ajeita ou eu mando cópia da dita ao seu Zezinho. Vamos, acaba hoje a tua vida de safadeza, quenga pelada, se não tu vai gemer no castigo! Quem avisa amigo é!”

Ela assustou-se. E se estivesse tomando café com o marido, na hora do carteiro trazer a cópia da carta? Afinal, Zezinho era bom, gostava dela, nem por sonho desconfiava do que fazia.

Ao amante, mais tarde, depois que ele encostou à parede a mala da ferramenta, explicou a situação difícil. “Nem dormir posso mais!”

- Besteira! Quem vai ligar carta anônima?

- Não sei, me sinto tão inquieta!

Insegura, ansiava descobrir quem se escondia por trás das mensagens impiedosas:

- Me diz, tu não tem mesmo outra mulher?  
- Já te falei que não tenho ninguém.  
Pensava, Liduína parecia indagar-se a si mesma:  
- Será a vizinha, D. Francisquinha?  
- Na certa é alguém que inveja a tua vida. Tu mesmo é dengosa, bem apanhada!  
Houve um silêncio até a voz dela perguntar:  
- Minha perna é fina?  
- Por quê?  
- Responde primeiro.  
- Para meu gosto, não.  
- É isso. A cachorra, da carta, quer é implicar comigo.  
- Olhou as pernas demoradamente. - Capaz de ser só inveja...

- Outra coisa não é! - ajuntou o encanador.  
- E se mandarem outras cartas?

Não mandaram. Tudo acabou de repente, de modo tão inesperado, que assombrou o bairro. Os dois foram parar no Pronto Socorro, atraindo multidões, gente que desceu do morro para testemunhar. Liduína, mas atingida pelo marido furioso, logo faleceu. Quanto ao amante, prostrado com um tiro em cima da virilha, resistiu dois dias. Uma agonia atroz.

No bolso do criminoso, preso em flagrante, o delegado encontrou extensa carta, anônima, denunciando as safadezas de Liduína. Interrogado, confessou-se autor da carta.

Ninguém acreditou. E na verdade ele não estava interessado em que os outros se convencessem disso.



Um caso de amor ou a  
separação frívola

— **A**na!

No interior do banheiro, a água caía ruidosa no lavatório, emparelhada com o zunir do depilador, que parecia funcionar largado ao chão. Água, lavatório, zunido, depilador. Nada mais escuto, não obstante tentar perceber o respirar de Ana.

— ANA!

Chama-a outra vez, aos berros.

— ANNNNNAAAA!

A porta é aberta, de repente, e ela recorta-se na moldura do portal. Escuto a água escorrendo por trás de seu vulto; a torneira aberta, propositadamente, para irritar-me; o aparelho de depilar largado em cima do banquinho róseo do aposento, aberto, zunindo. E ela, como se me contemplasse pela primeira vez, me considerando estranho e distante, diz:

— Você falou?

— Arre! Pensei que tivesse morrido. Que doidice é uma? Lembre-se que estou atrasado. Preciso cuidar de mim para não chegar atrasado ao escritório.

A voz dela, sem pressa alguma, escapa por entre uns dentes que se encaixam justos na dentadura que o tempo, aos poucos, vai conseguindo comprometer quanto à brancura.

- Acabo já.

Bate-me a porta. O mesmo gesto todos os dias, e, por igual, na medida exata da exasperação, o zunir do depilador, da torneira aberta, da descarga do sanitário, uma, duas, três vezes, como se várias pessoas, e não apenas ela, se servissem do quarto de banho. Retorno ao espelho do quarto a imaginar que as coisas desse modo não podem nem devem continuar. Ana deve estar precisando de um psiquiatra. Não encontro justificativa que lhe perdoe tanto abuso. É isso. Deve estar doente. E por essa razão, vou ter de aguardar a sua vontade. Por cinco ou dez minutos mais? Desapressada, mover-se-á no banheiro, passando creme nas pernas alvas e gordas, como se a sua vida dependesse desse zelo. Importa pouco, para ela, saber que tenho de chegar ao escritório antes das oito, que me espera uma série de problemas. Age deliberadamente como se eu fosse um rico excêntrico, que trabalhasse por diletantismo. Não compreende o esforço que faço para conseguir dinheiro, pagar-lhe as contas que se repetem e ultrapassam o limite de minhas posses..

- Ana...

Está curvada sobre as pernas; retoca uma porção da coxa que o creme não cobriu satisfatoriamente. É como se eu lhe falasse a cem metros de distância, numa noite de chuva e trovões. Torno a chamá-la pelo nome, mas só na quinta tentativa se comove e me ergue os olhos. Nem precisa falar, que é evidente o incômodo.

- Olha... - começa a dizer -, acho que isso, todos os dias, acaba me tornando nervosa. Você devia ao menos me tratar com mais distinção. Não sabe que sou mulher? Que sou vaidosa? Será difícil dispensar-me mais atenção?

- Atenção?  
- Atenção. Isso mesmo que falei. Ou falei grego?  
- Então, acha que não a trato bem, Ana? Quem lhe dá os vestidos que possui... o luxo, o luxo todo que você esbanja?

- Ah! - enfadou-se ela. - É o que você quer. Me passar no rosto uma obrigação normal de marido decente. Eu não andava nua nem passava fome quando você me encontrou. Certo?

- Certo.

- Pois então? Se lhe dei minha vida, meu corpo, você tem a obrigação de me dar alguma coisa em troca...

Ontem, a cena foi igual. Invariavelmente Ana faz e diz as mesmas coisas. Amanhã, recomeçará novamente. "Não, não vá ao banheiro agora." - "Mas eu tenho pressa!" - "Então, não pode ser cavalheiro? Onde está a sua educação?" - "Pois então vá..." - "Mas ainda estou com sono. Não sei se vá logo. Vou?"

Quando me vir disposto a entrar no quarto de banho, ela se agitará às pressas. "Onde está o meu depilador elétrico?" - "Você pegou no meu sabonete?" - "Ligue o rádio para mim."

- Quero dinheiro hoje.

Volto-me para ela; vejo-a feliz por ter conseguido me assustar.

- Não bastou o de ontem?

- Ora, não pechinche...

Parou diante do espelho. O vestido curto, que enfiou pela cabeça, não lhe atinge os joelhos.

- Esse vestido é provocante.. . - arrisco.

- Por quê?

- Curto!

- É a moda.

- Não assenta bem numa mulher casada.  
- Ora!  
- Detesto quem se veste assim. Você sabe disso.  
- Hum! Com ciúme?  
- Não. Com vergonha.  
- Bem, você fica com a vergonha e eu com o vestido.  
- Não é conveniente você andar assim. Sabe que tem quarenta e oito anos?  
- Quarenta e nove.  
- Pior.  
- Não penso assim. Preciso aproveitar a vida. Aliás, o resto de vida que ainda tenho. Está contrariado? Sua cara está horrível!

Vou ao banheiro, mas o que quero é fugir dela. Ana está tentando levar-me a uma atitude que, na minha idade e condição social, não é aconselhável. Cerro a porta, ponho-me a escutar, tencionando seguir-lhe os movimentos, descobrir se ela vem atrás de mim para desculpar-se.

Mas a sua voz soa já diante da penteadeira, o mesmo tom negligente, sem interesse. Na verdade, ela sabe que tudo que fiz até agora foi para eximir-me à solicitação do dinheiro, iminente.

- Ouço próximos os seus passos. Ela está à porta do banheiro.

- O dinheiro é importante para mim. Tenho de pagar uma dívida. Marquei para hoje.

- Está bem.

Estendo-lhe a carteira. A vontade é dizer-lhe: “Vamos, faça o assalto.” E me contenho. Ela continua fria, senhora de si: “Não tem receio de que eu lhe carregue a carteira?”

Depois de um momento, guardando o dinheiro:

- Se você não se apressar, vou só.

- Pode ir. Sei que não quer ir comigo.
- Não lhe disse isso.
- É o que pretende. Não sou tolo. Sou?

Ela ri. Quando ri, ninguém sabe o que quer dizer o seu riso. Fico em dúvida se está debicando de mim, se me acha ridículo ou simplesmente tolerante.

Diante do espelho ajeita o vestido, contempla as pernas que escapam por debaixo da saia rodada; puxa o decote, acentuando-o.

- Decididamente esse vestido não é para você - digo.
- É a moda, a moda, a moda, a moda...
- Pode ser moda, mas você é casada.
- Ainda bem.

Calçou os sapatos. Retornou ao espelho e inventariou os detalhes do traje. Considerando-se pronta, deixou o aposento, foi dar ordens na cozinha, falar às empregadas. Pelo que escuto agora, não voltará na hora do almoço. "Talvez demore mais do que o de costume. Sirvam o almoço ao João, quando ele chegar."

Aperto o laço da gravata. Não fosse a educação que exige sacrifícios, o respeito por vizinhos e amigos, já teria aceitado o jogo que Ana propõe. Ela não quer se não irritar-me a ponto de, magoando-me, tornar-me escravo de sua vontade. Sei que me quer bem. Já não penso que me ame, que o amor, depois de vinte anos de casamento, não assegura o mesmo sentido de união experimentado nos primeiros anos de convivência. Gosta de mim. Se alguém tentasse ofender-me, desmerecer-me em público, seria a primeira a tomar uma posição de defesa. Mas algo nela que não consigo entender, certa maneira de proceder que está em desacordo com tudo aquilo que penso de suas atitudes de mulher casada. O vestido curto, por exemplo, é outra manifestação que

me desagrada profundamente. Mas desculpo-o, sabendo que faz parte dos seus ardis para me constranger. Não sairá à rua para que os homens a vejam assim, para que nas lojas os atendentes se interessem pela intimidade do decote. Será capaz de bater no rosto do primeiro atrevido que lhe disser um gracejo ou desejar conquistá-la. O dinheiro que lhe dou deve amealhar em algum banco. É inacreditável que gaste a fortuna que recebe de mim e que está a crescer de mês a mês, pois poucas peças vejo acrescentar ao seu guarda-roupa. Convenço-me de que há algo errado e, infelizmente, não sei interpretar. Será penoso para mim ter de perdê-la depois de tantos anos de convivência, principalmente sabendo que me quer, que gosta de estar ao meu lado...

- Preciso de mais dinheiro.

- Ah, sim.

Dou-lhe a carteira outra vez. Vejo-a guardar o dinheiro que toma, reafirmar ordens à empregada. E alto para que eu a escute:

- Se telefonarem, diga que fui ver alguém na cidade... Ah, um encontro! A fórmula nova, aperfeiçoada, que inventou. Até o presente jamais saiu de casa sem tomar café comigo à mesa, a discutir os assuntos do noticiário do jornal da manhã. Sei que está esperando que eu a desaprove, bata na mesa, demonstre-lhe ciúme diante das empregadas. Aí me recriminará, considerando-se incapaz de acreditar na sua honradez.

- Não posso faltar a esse compromisso - repete.

Ah, o compromisso! E penso que deve tratar-se de missa de sétimo dia, a que não pode deixar de comparecer. Nada falo, então. Com esforço, recalco em mim o desejo de desmascará-la, gritando: - Deixe de representar! É hora de criar juízo. Não seja ridícula!

Qual! Resignado, contendo a reação que já disfarço completamente, começo a premir o pão com a mão, a esfarelá-lo, enquanto a empregada, solícita, me traz o café. Ana está seguindo em direção à porta, repuxando o vestido, a falar, a repetir mais recomendações. Para ela – e sinto que ela é rude e exagera nessas horas – não sou ninguém, não conto mais em sua vida.

Quando acabo de tomar café – e o ruído do carro que a levou desapareceu –, volto para o quarto, mas já aí não posso evitar a contrariedade que me assalta. Apanho o maço de cigarros esquecido sobre a penteadeira. Tenho alguns minutos para chegar ao escritório e por isso sento-me na cadeira do quarto, baforando calmo, sem contudo apagar na lembrança todas as reações de Ana. Ao bater a cinza do cigarro, vejo ao lado do seu retrato um envelope. Carta? Para mim? O endereço está escrito a máquina. A curiosidade leva-me a examiná-la em seus detalhes, como peça de uma investigação policial. De lado, em letras vermelhas, PARTICULAR. De quem será? – começo a pensar outras coisas. Será alguma amiga de Ana, a confidenciar?

A hipótese é inconvincente. Afasto-a. De amiga, não. Aquilo mais parece astúcia de homem, algum intrumetido. Apanho o envelope. A vontade é sacar o conteúdo, mas detenho-me. Quem sabe se não é uma armadilha que preparou para me exasperar? Refletindo melhor, carta de amante não fica largada em cima das mesas, à vista do marido enganado. Um homem, com a minha experiência, não vai cair nesse laço. O que Ana quer é que me mostre ciumento, perca a cabeça, principie a lhe dizer tolices. Ah, seria ridículo para mim, para minha respeitabilidade! Não, não cheguei ainda a essa situação de apreciar o passional. Se por um lado me



maltrata, tentando exasperar-me – o que, raramente consegue –, por outro não devo sucumbir à prostração do ciumento irascível. Nunca! E sei mesmo que ela não quer o truncamento de nossa amizade. É apenas uma mulher voluntariosa que, caindo mais na idade, quer atrair sobre si os cuidados do marido...

Largo a carta, depositando o envelope no mesmo lugar em que o encontrei. O melhor é não dar atenção às excentricidades de Ana; seguir adiante como se nada de mal estivesse me ameaçando.

Aviso às moças, à costureira e à copeira, que já me vou, e uma delas vem correr a porta. Saio para o escritório, aliviado, como se nada me houvesse acontecido. Somente quando ponho o carro a funcionar é que o ruído do motor de arranque me traz a lembrança do depilador... a torneira aberta... as descargas do sanitário... E Ana vem para dentro dos meus sentidos. E eu tenho vontade de sair pelas ruas, dobra aqui, dobra acolá, até encontrá-la piedosamente ajoelhada, a assistir à missa de alguma amiga, desaparecida sem mais nem menos.

– Ana!

O susto estampou-se nas feições do homem quando a mulher entrou no aposento.

– Esperava tudo no mundo, menos você!

Ela foi direto a uma cadeira do *living*. Arriou-se, trêmula. Por mais que pretendesse encobrir o seu estado de nervos, esvaiam-se-lhe as forças.

– Tem café passado agora. Tome uma xícara.

Ela ainda tentou recusar, mas silenciou. Viu o homem mexer-se dentro da sala, desaparecer para logo voltar com a bandeja.

- Beba.

Ela atendeu-o. O café quente reanimou-a, mas não lhe restituiu a calma que queria para explicar que acabara de sair de casa para sempre. Jamais retornaria ao lar. A vida inteira suportara um marido exigente, ranzinza. Não era artista para continuar vivendo uma farsa.

- Está melhor?

Fez-lhe um gesto com a cabeça. O homem não se tranqüilizou. Depois de um momento, em que o silêncio foi cortado pelo ruído do ônibus passando na rua, indagou:

- Desconfiou?

- Não.

- E então?

Sim, e então? Então por que estava ali? O homem puxou a cadeira, mais aliviado, e sentou-se perto dela. Estava curioso para descobrir o que acontecera:

- Ignorante! Burro! - desabafou. - Levantando-se, foi encostar-se à janela que abria para a rua barulhenta àquela hora. Transpirava, e aquilo, do suor lhe bolhando por baixo da maquilagem, deixava-a impaciente. - Ignorante!

O homem mantinha-se calado, mas pensava mil coisas, a conjecturar a respeito da mulher. Temia inquietá-la diretamente, receoso de magoá-la. Preferia esperar que se descontraisse, contasse o que se passara entre ela e o marido.

Não mais suportando, perguntou:

- Ele soube?

Ela meneou a cabeça num gesto negativo, de desalento também. E como só esperasse uma deixa para representar o papel que lhe cabia, principiou a narrar...

- Fiz tudo para que ele se aborrecesse. Comecei pedindo dinheiro. Repeti o pedido. Aliás, este ano tenho

sido incontentável, mas tudo para zangá-lo, desesperá-lo. Idiota, o homem! Não se zangou.

Na pausa, enquanto levava o cigarro aos lábios grossos, suspirou nervosa. O homem estendeu-lhe o braço, ajudando-a a acendê-lo com o isqueiro. A voz de Ana pairava no silêncio do *living*.

- A torneira aberta, o depilador trabalhando por dois, cinco e até dez minutos, para irritar aquele bruto, para que ele se zangasse de uma vez por todas comigo! Eu o queria maltratar, Robério. Eu o queria ofender, e o ofendia, mas o homem é insensível. Só vendo!

Soprou a fumaça, bateu a cinza na mão, enquanto Robério oferecia-lhe o cinzeiro.

- Aquela carta, sabe? Aquela que lhe pedi para fazer...

Ele aquiesceu. Estava sem saber o que dizer, considerando aquilo tudo fora de propósito, percebendo o problema que tinha diante de si.

- Pois a carta, há dois ou três dias coloquei em cima da mesinha de cabeceira. Pensa que se interessou em vê-la? Nem ao menos tomou-a nas mãos. Tive o cuidado de marcar a posição em que a deixei...

- Pode estar lendo agora, ligando sua atitude à presença dela.

- Qual! É idiota o homem!

Chupou o cigarro, fundo. Ao expelir a fumaça, parecia querer sublinhar com ela as palavras.

- E o vestido? Veja! O mais curto que eu tinha. O decote, meu bem...

- Não se irritou?

- Pouco! Pensei que o idiota me agarrasse, me desse uma bofetada ou me repetisse um desses desaforos de novela: "Você é uma vagabunda!" O que eu esperei dele. Mas limitou-se a tecer considerações, um ar de

pai, mas nunca de marido, como se eu fosse casada com outro.

- Ah!

- A rigor, não se admirou quando me enfeitei para sair. E lhe disse que ia a um encontro.

- Mesmo?

- Mesmo. Não esboçou um gesto sequer. Ah, idiota o homem! Tanto que eu queria que tivesse me agarrado, me batido! E o idiota, nada! Reinei ir ao quarto, pegar a carta, lhe dizer:

“Vê! Lê as declarações do homem que está gostando de mim...”

Mas nada disso pude fazer. Era mais fácil sensibilizar uma estátua de bronze.

Ela gesticulava falando alto. O homem levantou-se na intenção de acalmá-la.

- Você se excede...

- Não é para isso? Acha que as coisas estão saindo como eu quero?

- Talvez seja melhor assim.

- Melhor assim? Então, você acha que não devo ter sentimento?

Depois de uma pausa, enquanto apagou o cigarro no cinzeiro como se acabasse de esmagar algo indesejável:

- Eu não o enganei, vejo agora. Foi o idiota que me enganou toda a vida. E logo ele, um idiota! Jamais demonstrou o menor interesse por mim. Pensa que tem ciúme? Nada! E eu a pensar que me casara com um homem sensível. Nada! Não me tem um pingo de amor. Sou apenas sexo. Coisa detestável!

Lamentava-se? Levou outro cigarro aos lábios. O homem o acendeu novamente. E lhe disse insincero, sem vontade:

- Bem, você agora fica comigo. Teremos tempo para pensar.

Com o cigarro aceso na mão, Ana fez um movimento largo, negativo.

- Por quê? - admirou-se Robério.

- Não! Assim não serve. - E como tudo aquilo a ferisse bem fundo no seu ser, repetia: - O idiota não devia ter agido daquela maneira! Não acha você que tenho razão?

- Talvez.

Ela sentou-se. Por um momento, apenas. Levantou-se a seguir, foi postar-se na janela, vendo os ônibus. Os carros que corriam pelo asfalto. Não tinha palavras para explicar de que modo queria chegar ao fim da amizade com o marido, mas o certo é que da maneira como agiu não convencia. Depois de um momento, em que o homem firmava a vista nas suas pernas brancas e gordas, que escapavam acintosas sob a saia do vestido curto, decidiu: - Vou voltar para casa.

- Ah... - fez o homem surpreso. - Você gosta mesmo dele?

Ela fitou-o arrogante:

- Eu? Você sabe que não gosto, não sabe? Mas o idiota me atrapalhou. Não posso sair de casa dando a impressão que sou uma vagabunda e que meu marido dá graças a Deus de se livrar de mim

Apanhou a bolsa. Antes que o homem pudesse interceptar-lhe os passos, ela já alcançava a escada, sem ao menos aguardar o elevador que descia.

E a máquina pra pregar  
botão de cueca?

**V**iajavam no mesmo ônibus, juntos. Ela não sabia quem ele era; estava apenas preocupada em chegar, tomar banho e esperar o jantar da pensão. Balduino gostou primeiro de seus olhos pretos, cintilantes, as sobrancelhas riscadas a lápis. Era professora. Os dois livros que levava, a caderneta de notas, confirmavam. Vinha do curso, aquele dia, no ônibus das cinco, que apanhava sempre. Tinha seios discretos – ele reparou –, mãos finas, dedos alongados, e o enchimento do corpo não só parecia, enlarguecia deveras, abundante, à altura dos quadris. Era um toque de anatomia feminina muito a seu gosto. Avançou o joelho em direção à perna da moça. Ou porque o carro fizesse curvas, deslocando quem não se sentara, ou porque realmente ela estivesse sem vontade de reagir ao atrevimento, o contato se prolongou até tocar e descer. Aliás, desceram juntos.

Ele seguiu-a apertando o cigarro nos lábios. Nervoso, não queria que o percebessem dando em cima de alguém. Viu a professora entrar no casarão adiante, roçando a cabeça loura no acrílico luminoso: “Rigorosamente Familiar...” Dizia isso, tudo? Sorte não ter fósforos àquela altura, o cigarro por acender-se. Foi à mercearia próxima. Com a caixa comprada na mão, viu

que o rapaz da tabacaria sabia que estava atrás de informações. Não as obteve de imediato. O outro não se metia em vida alheia. “Não tenho por que reparar no que fazem os meus fregueses.” Mas explicou afinal que a moça dava lições, realmente, e chegava invariavelmente naquela hora, só.

Balduíno, recolhendo-se daí a pouco, custou a dormir. Estava com quarenta e seis anos, vida solitária, sem ninguém para o ajudar. A máquina – gostava de dizer – agora fazia tudo, propunha substituir o homem. Mas não tinham inventado ainda aparelho de pregar botão em cueca, por exemplo, ou de levar remédio à cama, quando se adoecia de gripe. Mas, para andar bem informado das coisas do mundo, era só baixar a tecla ao alcance da mão. Se queria música, premia outro botão, adiante, e o toca-discos partia repetindo dez discos seguidos. Podia acender, por controle remoto, a televisão. Mas quem traria calor humano para si, num tocar de botão, num baixar de alavanca?

A moça se chamava Matilde. Regia a cadeira de Ciência Natural em escola municipal. À noite, ainda recebia alunos, como a professora que ensinara Balduíno, antes de vir do Crato para Fortaleza (era vigorosa, o busto largo, desatado), se debruçando sobre seus ombros num carinho que só muito depois compreendeu significar algo mais. Hoje estava desejando esse algo mais, o que o botãozinho do toca-discos não lhe dava, nem as leituras imorais, nem o controle remoto do aparelho de TV.

Sonhou visitando a família, que não queria acreditar na aliança que exibia, no que dizia, feliz, apresentando a esposa, a quem chamava “minha linda professorinha”. Quão humano era! Os íntimos pretendi-



am que Balduíno contasse o milagre. “Você era fora disso, homem!” “A gente estava esperando jamais vê-lo casado!” – “Pois se enganavam todos! Eu apenas não tinha encontrado mulher direita que me agradasse, em quem confiasse.” – “Inacreditável! Venham cá, todos! Não é que o Balduíno acabou se casando mesmo?!” – “E eu podia ficar a vida tôda pregando botão em cueca?”

Acordou. Aquilo tudo – o encontro com a professora, a viagem no ônibus, a sensação de desamparo ao recolher-se, a informação do moço da tabacaria... – convergia para robustecer a idéia de que estava diante de fato irreversível. Deus pusera Matilde na sua vida.

Deixou de ser o arquivista cauteloso de sempre. O chefe o repreendeu seguidas vezes. Tantos os erros, que teve de se explicar ao gerente. Para desculpar-se, arriou-se a um desgosto familiar. Ninguém mais, depois, se incomodou, nem foram tão freqüentes os deslizes. Já aí o homem sentia necessidade de se aproximar da professora, de dizer-lhe que o tomava enorme paixão. Imaginou levar-lhe um “bouquet” de rosas, mas acabou escolhendo uma caixa de doces. Apesar de ter ensaiado a maneira de entregá-la, foi estouvado na hora. Aquilo ocorreu na ponta da calçada, juntando curiosos, sob protestos da moça. Mas vendo-o de rosto avermelhado (iria desmaiar aos seus pés?), ela – tornou-se mais cordial. “Só aceito o presente se me disser primeiro as suas intenções.” Éle- não podia falar. Algo apertava-lhe a garganta. Por mais que tentasse, nenhum cigarro encontrou nos bolsos do paletó. Nisso, ela tornou a falar: “Melhor conversarmos na sala de espera do hotel...” Lá ficaram, por minutos, até que ele confessou, balbuciante, que a acompanhava, havia tempo, tocado por um sentimento que não sabia dizer que nome tinha.

Sem esperar que Matilde voltasse a falar, saiu precipite. Ela pensou não o ver jamais. Mas tudo ocorreu ao contrário. Já no dia seguinte viajavam juntos no ônibus das cinco. Certo de que não se explicara convenientemente, ele disse então de onde viera, o que fazia na vida, etc. A moça tinha menos de trinta anos, ajuiu, enquanto ele passava dos quarenta e cinco.

- O senhor é bem vivido - comentou a professora, sem achar o que dizer.

- Não senhora. Sou sério. Jamais gostei de brincadeiras com mulheres. Na minha família, fui sempre ouvido para tudo, muito equilibrado.

Era maio. Em junho, Balduino sabia que a moça, independente, saíra da casa dos pais para morar na pensão. Mantinha-se à custa do esforço próprio. Antes, alguém vinha trazer-lhe à porta, admirador menos persistente como ele. Nunca souberam de homens em sua vida. Falada não era.

Por ocasião do Natal, cedendo à insistência dele, a moça aceitou convite para jantar. Foram a um restaurante de praia. O mar, que não podiam ver, punha maresia na comida. Conversaram até tarde. Ela servia-se com moderação, enquanto ele contava como fora educado no Crato, por quantas aflições passara na vida como chefe de família improvisado, vendo o pai morto em desastre de automóvel, a mãe prostrada... Não tivera tempo de amar, mas agora - estavam por volta da meia-noite - sentia que lhe faltava alguém. Acrescentava a informação de que na verdade não carecia apenas de mulher, mas de quem, afinal, pudesse ajudá-lo. Ela tomava vinho, a segunda garrafa, e queria saber se os amigos de Balduino estavam todos casados. Estavam. Menos um, ordenado padre.

De madrugada, ele levou-a à pensão. Quando entrou no quarto, na mesinha de centro, viu uma garrafa de uísque. Matilde notou que Balduino estranhara aquilo e se apressou em explicar. Gripando amiúde, tomava a bebida como remédio. Punha limão no uísque, esclareceu. “O senhor quer sentar?” – “Nem sei, que acho tarde... O senhorio pode julgar mal.” – “Não, não se incomoda. Quer apenas que eu pague em dia o aluguel. E eu não me atraso nunca. Bebe o quê?”

Servido o café, que ele preferiu, ela se sentou, a saia curta lhe descobrindo um naco de coxa grossa, roliça, branca. Enquanto Balduino baforava, ela ia mudando de posição na cadeira, o vestido sungado, desnudando-a mais. Houve um instante em que o homem pareceu confundido, vendo a saia da môça assim puxada para cima, e disfarçou contemplando o *poster* de Brigitte Bardot, que enfeitava a sala. Já havia descrito pela segunda ou terceira vez a morte do pai, como se acabara ao atravessar descuidadamente a rua –, o padecimento da mãe, os anos de chefia da casa, a vida dos irmãos, desregrados todos. Narrou, melhor dito, renarrou o sentimento de vazio experimentado no apartamento, referindo os problemas do que chamava “civilização da máquina, impiedosa e fria”, tão hostil à sua maneira de ver a vida, de senti-la.

Na pausa que fez, talvez para repetir que a mãe falecera o ano passado, ou o pai fora apanhado por um automóvel em disparada, ela tomou a palavra. Viu que o assustava, mas era necessário assustar aquele homem fora do tempo, do mundo. Disse-lhe então, rude, estar separada do marido. Éle a surpreendera com o amante, na própria cama de dormir – nem se desculpar pôde. Virou o rosto, como se fosse esconder as lágrimas, mas

o gesto era voluntário, hábil, para permitir a saída de Balduino.

As passadas dele – pesadas de decepção – afundavam na calçada, quando ela resolveu levantar-se. Estava aliviada, por isso respirou forte, fundo. Fechou a porta do quarto e seguiu direta para a garrafa de uísque. Só parou de despejar a bebida quando o copo ficou pela metade. Nisso, lembrou-se da caixa de doces, tanto tempo esquecida sobre a mesa. Trouxe-a perto da poltrona, onde se sentou, descobrindo então que eram doze chocolates em forma de coração, enfeitados com glacê branco.

Até comer o último, pensou, ia se lembrar dele doze vezes.

A mão de ouro

**N**ão se chamava Gertrudes, outro nome tinha. Os olhos fundos, vindos de uma infância sofrida, agradavam num repente. D. Etelvina, escutando a moça pedir “um servicinho de cozinha”, pensou despachá-la. Fartada estava desses tipos. O dia inteiro vinha gente prometer pratos, os mais bem feitos do mundo. Tudo mentira. E agora era a vez daquela miudinha de pouca serventia, como reparou o dr. Beltrão dando uma parada na leitura do jornal. Mas a moça, sem ligar, foi declarando que não fazia comida de ciência, mas preparava “uns pratinhos” de levantar enfermo desenganado. Onde se empregara antes? Fez a senhora repetir a pergunta e a todos pareceu muito sincera quando disse que estava chegando do sertão. Trabalhara só na casa do cel. Secundiano, irmão do padre de Acaraú, um bruto que não sabia pegar no talher...

- Como é teu nome? - cortou d. Etelvina, se interessando.

À resposta musicada - “me chamo Chica, dona” - prontamente decidiu: - Empregada de minha cozinha não se chama Chica. Tem de ter nome de classe, de categoria.

Fechou os olhos, tentando lembrar-se de um prenome de mais agrado. Na novela da televisão, que acompanhava todas as noites, aparecia agora uma Gertrudes, mulher pequena mas expedita, que acabava com a mesmice da estória.

- Teu nome agora é Gertrudes. - E como se a outra fosse mouca, pausadamente repetiu, dando ênfase - GERTRUDES!

- Sim, senhora.

- Trouxe a rede?

- O menino ficou na esquina com ela... Num sabia que dava certo...

- Comigo aqui tudo dá certo. - Depois de uma pausa. - Você é moça?

Era, respeitada. Nunca se influiu. A rigor, gostava mesmo era de se topar com uma cozinha de duas pias. Babava-se diante de um fogão a gás, das seis às dez da noite. Uma vez emagreceu a ponto de ajuizarem que sofria do peito.

A voz, humilde e apagada, saía-lhe com resignação:

- A última gripe nem me lembro quando tive. Eu era ainda menina. Outro dia, uma tosse velhaca quase me agarrou. Mas qual! Sou magrinha assim, mas resistente!

Limpa, de corpo e vestidos. Depois de escorrer a água das panelas, corria para o banheiro. Passando por perto das pessoas, queria ouvir elogios. Era o de que mais gostava, saber que os seus pratos apetiessem. E, então, quando d. Etelvina reclamava que o marido inchava, "se lascando todo de comer feijão", ela impava. Invejosa, a copeira implicava:

- Aqui ninguém ainda esquentou lugar. A gente só faz perder o nome...

- Não custa experimentar...

Ia com dois anos no emprego, já acostumada com tudo, com o jeito de falar do pessoal e o nome de artista que, no começo, estranhara.

- Gertrudes!

Corria. Levava a bandeja do café, não esquecia a laranjada, os bolinhos de carimã do patrão. D. Etelvina fingia ignorar-lhe a prestimosidade. Por uns três meses, entretanto, olhara-a de esguelha, tentando flagrar algum enxerimento. Mas a empregada não se engodava. Falava sempre no mesmo tom respeitoso. Nunca pensou ir além de suas obrigações.

Com mais tempo, requestavam-na. Já não dava para quem queria. Dedicada, corria para todos, a ferver água para o banho morno, para vincar as calças do rapaz, aprontar a merenda dos domingos... E a intimidade to-sava-lhe o nome:

- Trudes! Tru... Tru!

Os que se sentavam à mesa que servia perdiam a cerimônia. Certa vez o dr. Simplício, amigo do dr. Beltrão, repetiu dois pratos de farofa de ovo. Em jantar de comemoração, noutra oportunidade, uma senhora fez questão de ir à cozinha abraçar Gertrudes.

- E não havia de fazer isso? Uma empregada dessa é uma verdadeira mão-de-ouro! Meus parabéns, moça!

- Ai que eu morro de vergonha...

- Etelvina, minha filha, um dia você vai perder essa fada!

Por isso, a dona da casa fechou a cara quando a Belinha Cintra, depois de muito arroteio numa conversa sem esbarro, propôs:

- Olha, estou tão acanhada que nem sei como falar... mas é o jeito. Quero que tu me emprestes a tua mão-de-ouro, a Trudes. Vou dar um banquete, coisa de



muito luxo, e meu marido quer que seja tudo feito em nossa casa. Já viste que coisa? Pra mim, lhe confesso, era melhor contratar o serviço de um clube... Ai, que estou morta, a mão gelada. Pega! Sei que você não gosta disso, e quem é que gosta? Mas é o jeito, te digo... Anda, diz alguma coisa, criatura, senão eu me acabo de acanhamento...

Etelvina reinou negar, mas considerou que o obséquio a engrandecia. Após executar uns gestos imprecisos com as mãos, que pareciam significar “que digo?” – “nem sei, concordou.

– Olha, só pra ti vou fazer isso, mas com uma condição. A comida será preparada em nossa casa.

– Na tua casa? É um trabalhão!

– Bobagem. Faça como quero. Me mande logo as galinhas...

– ... os perus! – emendou a vizinha.

– Pois isso, os perus, os temperos, tudo o mais, e eu ajudo.

– Nem sei como te agradeço! Mas o que é dado de coração ninguém deve recusar.

O banquete foi marcado para um sábado. As aves vieram de véspera, duas, engordadas por quem tinha conhecimento dessa arte. Os filhos de d. Belinha, cedo, começaram a entrançar pela casa. Eram temperos, ovos e açúcar para as sobremesas, que traziam – pratões de prata, outros de louça portuguesa, para decorar a mesa. O almoço de d. Etelvina saiu tarde e transcorreu com interrupções, porque, volta e meia, os empregados da vizinha surgiam com missões que exigiam pronto atendimento. Para não demonstrar que tudo aquilo a aborrecia, a dona da casa recolheu-se ao quarto. Queria manter-se afastada da azáfama, do ruído dos tamancos,

do chiado das chinelas japonesas, das palmas, que estrondavam à porta de quem vinha saber se era ali que devia entregar, ora as garrafas de vinho, ora os engradados de refrigerantes.

Beltrão, retornando a casa, afugentou as mocinhas que se divertiam na sala, ouvindo música e baforando cigarros de filtro. Já não era sem tempo, que logo apareceu Gertrudes, o suor lhe bolhando o rosto, para avisar que o trabalho chegara ao fim.

- Graças a Deus! - desabafou a patroa.

- Agora só temos mesmo de comparecer à festa! - acrescentou o marido, mais aliviado.

A mesa do banquete tinha a forma de ferradura, para dar sorte, e estava decorada com jarrões, dois ou três, de flores naturais. Quando o peru foi servido arrebatou um Ó! de contentamento. Belinha Cintra alardeou então o talento da cozinheira que lhe fora cedida por empréstimo. A senhora, que se sentava ao lado de D. Etelvina, se interessou pela receita. Leva molho? O peru foi morto de véspera? D. Etelvina respondia como podia. Iam-lhe afetados os gestos, sacudindo o dedo do brilhantão diante da perguntona, sem que esta percebesse o valor da jóia. O perfume francês, que usava também, derruía ante o cheiro da farofa que a voracidade dos comensais tratava de liquidar.

Quanto mais a vizinha, agradecida, rendia-lhe as homenagens pela comida da Trudes, pelos valiosos préstimos da mão-de-ouro, mais ressabiada se sentia a mulher. A Trudes, e não ela, estava ali em tudo, na alvíssima cor do arroz, no caprichoso enfeite dos pratos pintalgados de rodela de tomate, de pimentão, no apetite sem comedimento do dono da casa, na farofa apeti-

tosa, nos elogios do desembargador que se nutria rijo no peru à brasileira:

- Ah! Não vou esquecer uma homenagem dessa! Que coisa! Que delícia!

Mais tarde as coisas se complicaram. Antes de servirem o champanha para o brinde da noite, alguém sugeriu outra rodada de vinho tinto. À discussão dos dons capitosos da bebida, o apetite retornou impróprio, generalizado e intenso. Todos queriam experimentar novamente o peru, aquela tenra carne temperada com esmero. Já ninguém admitia abandonar a mesa. O marido de d. Etelvina, de voz engrolada, não se cansava de proclamar as qualidades da cozinheira:

- É do sertão, um diabinho mirrado, nem tamanho de gente tem! Uma merdinha de nada, mas como cozinha!

Não era só quem se portava incorretamente. Por isso, as mulheres queriam afastar da mesa os maridos inconvenientes, o que demoravam conseguir. Houve hora, afinal, que se juntaram todos no alpendre, onde soprava forte o vento.

Pela madrugada d. Etelvina conseguiu arrastar o marido para casa, desgostosa pelos seus excessos, por tudo que amargamente presenciara...

Enquanto o homem se largava na cama, indisposto, arrotando choco, Etelvina se despachou até a cozinha para tomar um calmante, aliviar os nervos tensos. Vendo o quarto de Gertrudes iluminado, irritou-se mais ainda:

- Que tu faz aí de luz acesa, abestada? Está doente?

- Não senhora - choramingou a empregada, tímida, sem ter tempo de dizer, como queria, que estava louca para saber se tudo correria bem, se haviam comido muito, se o peru apeteceira...

- Pois então é tratar de dormir! Pensará você que é o governo que paga a conta da luz? Tinha graça!

Recolheu-se, danada por ter balançado o brilhantão, inutilmente, no rosto da amiga desatenta. Sentada na cama, já livre do vestido, puxou o marido pela perna para que se pusesse atento às suas palavras:

- Tu não acha que esta atrevida daqui caprichou demais na comida do banquete? Foi só no que se falou na casa da Belinha! Pra nós, que lhe pagamos, nunca fez comida igual! Que ingrata! Você não sabe o que é essa raça de empregada de cozinha. Umas víboras! Se a gente se descuida, nos picam. Amanhã, fico só, vou cozinhar, mas boto essa atrevida no olho da rua. Vagabunda!

Entredormindo, o marido indagou:

- Quem? A Gertrudes?

E a mulher, sem se conter, a voz grossa no desabafo cuspindo, de ódio:

- A Chica! A Chica!

SEGUNDA PARTE

# Os desastres do homem

---

(A Menina: – “Cuidado, não escorregues e não caias lá de cima; porque, se Eurípedes te vê coxo, põe-te logo numa tragédia.” ARISTÓFANES, *A Paz*).

Agente de primeira classe

**D**iante do espelho o homenzinho consertou outra vez o bigode. Em cima do lavatório, a cortiça queimada na ponta. Apanhou-a. O gesto saiu-lhe natural, à força do hábito. Escureceu os fios brancos que lhe prejudicavam a aparência. Recuou então dois passos para perceber que, sem os óculos, não enxergava o suficiente para a avaliação do bigode, retocado havia pouco, e que caía desgracioso, escuro, sobre o lábio grosso. Apanhando as lentes, retornou ao espelho. Abriu a boca. – Ah, ah! – Verificou os dentes. Com o palito removeu a partícula estranha – seria de pão? – que o incomodava, e não julgando satisfatória a inspeção minuciosa a que se impunha, foi vestir a túnica, onde a gravação em letras douradas, maiores do que as permitidas pela fiscalização da companhia, diziam aos outros que era ele agente ferroviário de primeira classe. Armando de Souza Cintra era cioso de seu físico e da profissão, que adorava. E não se pode dizer também que não cuidasse de tudo, do que lhe pertencia como do que cabia aos demais, com igual zelo e proficiência. Davam-no por meticuloso e chato. Para uns, era só vaidoso. No fundo, a vaidade estava acima de tudo que fazia, eis a verdade, ou em tudo que fazia, que os resultados que colhia confluíam para sublinhar o amor

que expressava a si mesmo, aos prazeres que lhe davam as atitudes, venturoso de ser mostrado à coletividade da cidadezinha, a que servia, como elegante, digno, e cumpridor de suas obrigações.

O relógio da matriz soou as cinco horas de uma tarde de pouco brilho. Meia hora mais e o comboio, vindo da capital, estaria imobilizado na estação, até que descessem os passageiros, gente importante que confirmara seu regresso pelo telégrafo. Àquele dia, mais do que o de costume, o agente esmerava-se ao máximo. Já vestido, andou diante do espelho, a ver se não lhe escapara algum detalhe, se abotoara corretamente a túnica, se o vinco das calças não se amarfanhara na ida até o banheiro. Achando-se aprumado no uniforme, apanhou um lenço e inventariou os vidros de perfume e o do remédio para combater a halitose, que estavam sobre a cômoda. Ah, espavoria que o surpreendessem de hálito desagradável!

Deitou cinco gotas de água-de-colônia no lenço, logo enfiado no bolso da calça e, aborrecido, se lembrou que tinha de voltar ao banheiro para verter. Por que não se apercebera disso, antes de lavar as mãos e se perfumar? Pôs-se diante do vaso sanitário, achando aquilo paulificante, pensando, constrangido, depois de ver a urina esbranquiçada, que estava perdendo fosfato... Explicava-se então o esquecimento imperdoável, que, logo se erguendo da mesa, sempre ia direto ao banheiro escovar os dentes e urinar. Depois é que se veria ao espelho para completar os demais cuidados de ordem pessoal.

À porta da rua, já se certificara de que a torneira da pia estava fechada (que ruído era um que julgava escutar, como se água estivesse se perdendo?), enfiou



a chave na fechadura lubrificada. Cerrado o compartimento exíguo em que vivia a sua solidão de viúvo, deu dois empurrões na porta, o segundo para valer. Queria saber se a tinha bem fechada. Então guardou a chave na carteirinha de couro, que carregava na algibeira, e repuxando as abas da túnica, para cair assentada no corpo, seguiu em direção à estação ferroviária, o quepe à mão. Não se cobriria ainda, a não ser quando se aproximasse o trem. Havia uns inspetores impertinentes, em viagens de fiscalização, que não toleravam os agentes sem fardamento completo. Por não serem obrigados ao uso do quepe, julgavam-no a peça que estabelecia a diferença hierárquica entre simples agentes ferroviários e eles, criaturas superiores.

Armando não abandonava o seu, embora, mais de uma vez, tivesse treinado escrever ao diretor da companhia (na viagem de inspeção fora apresentado ao engenheiro diretor como “um dos mais antigos e eficientes agentes de primeira classe”) verberando aquele abuso. A rigor, não peticionou porque, raciocinando melhor, julgou que se o eliminassem, talvez por economia suprimissem também o restante da farda. Não desejava ouvir:

“Se não vai bem o quepe, que nos parece indispensável e elegante, que se elimine o resto...” Não, não correria esse risco. Afinal, só ele sabia a economia que lhe dava a farda. Afora ela, só os pijamas de dormir, de tomar a fresca na calçada, quando o calor se tornava insuportável

Entrou triunfalmente na sala de espera da estação.

Às pessoas de mais destaque logo se dirigiu com atenção especial. Do promotor de justiça, que aguardava a esposa, foi direto apertar a mão do filho do prefeito. “Quê? É a noiva que volta?” Tanto um como outro, possivelmente cientes da fraqueza maior do agente, mostra-

vam-se pródigos em elogios à sua elegância. “Bacanáo! O senhor anda cada vez mais nos trinques. Como está distinto!” O promotor, conquanto se esmerasse na sobriedade, fez-lhe o elogio que sabia tocar o coração do outro:

“Você mais parece um oficial do nosso Exército!” Fingido o elogio, porque o promotor considerava o homem tolo e afetado. A vontade que lhe dera, ao retribuir o cumprimento do outro, foi interpretá-lo como um soldado do Exército da Salvação.

“Como vai? Passou bem? Tudo em ordem em casa? E a família?” Assim ia ele apertando a mão das pessoas gradas que se juntavam ali. Aos mais humildes, por acaso intrometidos na sala reservada aos ricos, fazia apenas um meneio de cabeça, sem esconder o azedume que o encontro despertava nele.

– Ah... Você aqui?

Depois, segurando o quepe, se dirigiu até a sala que lhe era privativa, e onde, do alto de sua importância, indagou alto e bom som ao telegrafista se o trem estava com licença para prosseguir até ali. Como o satisfizessem as respostas do moço, com imponência e responsabilidade do cargo, pessoalmente acionou o sino. Era o aviso aguardado por todos. A composição ferroviária chegaria nos próximos minutos.

Completada a tarefa, à porta da sala-de-espera entabulava diálogo com um e com outro, referindo-se, espirituoso (seria mesmo espirituoso?) aos que estavam sendo esperados. O gracejo que o divertia mais, se se tratava de homem, era indagar se o viajante, desta vez, não estaria trazendo a mulher que o prendia em Fortaleza... Ficava feliz quando alguém lhe perguntava:

– Está na hora o trem?

– O P 2? Sim, chegando agora – respondia.

Essa sigla queria dizer trem de passageiros subindo. Como bom funcionário de primeira classe, Armando só falava de acordo com os termos técnicos, o que, às vezes, gerava incompreensões. Nem todo mundo tinha obrigação de entender a linguagem das comunicações ferroviárias – desculpava sorrindo – principalmente os que não tinham a sua tarimba.

Como sabia de cor o nome de todas as pessoas importantes do lugar, tirava proveito da circunstância, nomeando com intimidade. Naquele dia, por exemplo, parecia mais inspirado do que em outras oportunidades. Sabia que Rosita Antunes, como se chamava a noiva do filho do prefeito, ia chegar; telegrafara no dia anterior. Vinham também a senhora do promotor, d. Zuleide (essa não tolerava o sobrenome Leite), a Mariquinha, os irmãos Cabral e o cel. Zacarias Pinicapau, que não admitia o chamarem assim, por julgar-se alvo de brincadeira de mau gosto. Talvez por isso, os que estavam na estação de passageiros, principalmente à aproximação do trem, sentiam-se contentes com a afeabilidade de Armando que, em dado instante, consultando o relógio, anunciou feliz:

– Agora, gente!

Enquanto ele se cobria elegantemente com o quepe, o olho preso no carro-restaurante da composição que corria diante da plataforma da estação, ao receio de defrontar algum inspetor, ficaram todos alvoroçados querendo descobrir nos carros as fisionomias aos que eram esperados. “Se vier um inspetor, tenho de ficar com esse penico na cabeça” – pensava Armando. Abominava os inspetores, não que eles o pudessem surpreender em falta funcional, mas porque o compeliavam, enquanto o trem demorava na estação, a manter-se coberto com o

indefectível complemento da farda. Como não vislumbrasse, naquele dia, a figura indesejada, atirou o gorro em cima da mesa e, com os braços estendidos, apoiados em toda a largura da janela, ficou abarcando com a vista o movimento das pessoas que desapeavam, de outras que se preparavam para embarcar. De momento a momento apressava os que não se diligenciavam a tomar o trem, dizendo: “Demora pouca, meu amigo... É conveniente se despedir logo da esposa.” Às vezes, irritava-se com os vendedores populares, mal vestidos, que estragavam aqueles seus momentos de prazer, ameaçando empanar o brilho da chegada do P 2, que lhe conferia, todos os dias, à tarde, um sentido de completa realização profissional. Gritava a um e a outro, não se contentando: “Você aí, não suba, menino! Não pode vender dentro do carro! Da próxima vez, requisito um guarda.”

Indiferentes, os ambulantes entravam e saíam dos carros. Sabiam que o agente de primeira classe não abandonaria a sala para persegui-los. Nem ligavam às suas ameaças. Expirado o tempo de demora do comboio, Armando acionou outra vez a sineta, depois de ver na mão do telegrafista a informação de que a rota estava desimpedida para o P 2.

- Entregue a licença ao maquinista!

O estafeta partiu. Transcorrido um minuto, se tanto, já se ouvia a buzina da máquina “diesel”, e o trem começava outra vez a correr sobre os trilhos, ante os olhos do agente que só abandonava seu pôsto depois de o ver ultrapassar a área de manobras. Até o desvio, a responsabilidade de zelar pelos passageiros era competência sua. Como funcionário de vinte e oito anos, irrepreensível no exercício da profissão que escolhera, jamais descumprira as instruções de serviço. Por dentro, en-

tretanto, ansiava escapar daquela sala para ir cumprimentar os passageiros, mostrar-se às mulheres, retirar do bolso o lenço cheiroso para que lhe perguntassem – “Que perfume bom! É francês?” – e então poder responder que o recebera do Rio de Janeiro, pessoa amiga lho mandara de presente.

– Gente na moda...

Ainda alcançou na estação o cel. Zacarias Pinicapau cercado de familiares, a reclamar a viagem, o que não contentou o agente. “Mas, então, coronel, que aconteceu? Não compreenderam então que conduziam um passageiro precioso para a estrada de ferro?” E o coronel, aborrecido porque havia manchado a farda de graxa, não se rendia: “Ésse negócio aqui é graxa ou óleo, seu Armando?” Oferecia-lhe a aba da túnica à verificação técnica do outro, mas isso, de modo autoritário, petulante. Ruborizado, querendo manter-se digno, o agente dizia:

– Que posso dizer? Não entendo de óleo nem de graxa!...

A esposa do coronel, vendo a aflição do agente, interveio:

– Zacarias, por favor. O sr. Armando não tem culpa disso. Se você tivesse se sujado aqui na estação, vá lá!

– Exato! Exato! – confirmaram os circunstantes, quase inaudíveis, porque não queriam contrariar o amigo.

– Sim, eu sei! Estou falando assim porque é minha maneira de dizer as coisas. Então não entendo que o Armando não pode responder por isso? Onde já se viu funcionário público federal melhor do que ele? Até já disse a um homem, não sei bem quem era, que se todo empregado dessa estrada de ferro fosse da marca do Armando, as coisas correriam melhores. Mas a minha roupa... Vejam! – E se voltando para a mulher

que parecia aborrecer-se com aquele despropósito. – Essa coisa larga?

– Larga, homem. É só passar uma fórmula que tenho em casa.

– Mas, de qualquer maneira – dizia o agente de primeira classe –, em nome da Rede de Viação Cearense, lamento profundamente o incidente. E lhe peço desculpas, coronel. Isso não devia ocorrer com outra pessoa, imagine-se com o senhor! Vou telegrafar ao chefe do serviço de tráfego, externando o aborrecimento do senhor e pedindo providências enérgicas..

Já aí o coronel se acomodara. Agora, batia no ombro do agente:

– Você é mesmo o maior! Se o meu partido subir, lhe arranjo um emprego melhor...

– Melhor? Sou tão feliz como agente, coronel!

Abriu-se num riso que demorou até o coronel afastar-se com os seus. De pé, ficou vendo os retardatários que abandonavam o lugar. Era o fim do seu espetáculo... – Durava tão pouco! – lamentou sentido. No máximo, em quinze minutos, nascia e morria a alegria de sua vida; ver chegar o trem e atender os passageiros. Nesse curto espaço de tempo, ele sentia prevalecer o seu prestígio. Sabia dispor das acomodações da sala de espera, reservar os melhores lugares para as senhoras; guardar objetos delicados que os conhecidos conduziam e, quase sempre, conseguir a posição do lado da janela, desejada pelo passageiro. Se pudesse, não viria à estação apenas duas vezes ao dia, porém muito mais, que não se sentia trabalhando, mas servindo...

– Engraçado o coronel – pensou.

Ele não desejava alcançar outro posto, nem ao menos ser transferido para posição mais importante na

rede ferroviária. Havia chegado ali, vindo de cidade maior, onde os agentes não tinham nem mesmo a metade da importância que passara a desfrutar. Por isso, agradecia qualquer interesse em seu favor. Preferia ficar na cidadezinha, admirado e respeitado por todos. O coronel, decididamente, podia entender de assuntos bélicos, ou mesmo de óleo ou graxa que lhe sujasse a roupa, mas nunca da profissão de agente.

Determinou as últimas recomendações ao telegrafista; perguntou se havia algum trem cargueiro para passar e, ao receber do subordinado a resposta negativa, deu por encerrado o expediente do dia. “Vamos embora, então... Mas por favor não feche as portas da estação apressadamente. Lembre-se que temos valores guardados no armazém.”

Seguiu para casa. Teria apenas tempo para jantar e ler as notícias dos jornais recebidos pela mala do Correio. As folhas, por recomendação sua – Armando além de vaidoso era também astucioso – vinham metidas num envelope amarelo em que se lia, em letras pretas bem marcadas: “Documentos Importantes.” Ninguém ia imaginar que eram jornais os tais documentos, e Armando fazia questão de esconder o fato, pois aos olhos de todos passava por bem informado. Acabado o jantar, entregava-se à leitura das notícias, anotando os acontecimentos da capital, os caprichos da política, para em seguida ir dizer as novas aos amigos com quem se encontrava.

Naquela noite, o agente começou o seu passeio tradicional visitando o prefeito; foi cumprimentá-lo mais uma vez pela chegada da noiva do filho. Passou depois pela casa do cel. Zacarias, que contava agora, exagerando as próprias atitudes, como se comportara no trem ao descobrir a túnica manchada... “Um espetáculo à

parte, seu Armando! Fiz todo mundo me pedir desculpas. Até o chefe do carro-restaurante veio falar comigo. Nem me lembrava mais dele... Serviu comigo no Exército”.

D. Albertina, que não tolerava mais o assunto, dando entrada na sala de visitas com uma bandeja de café, propôs:

- Será que vocês não têm outro assunto? Arre, isso passa da conta!

O coronel então, como se o acudisse uma idéia de repente, voltando-se para o agente de primeira classe, indagou:

- Você que sabe de tudo, seu Armando, já soube da novidade?

- Novidade? Que novidade?

- Hum, pelo seu jeito, você está cru. Desta vez, lhe trago uma noticia que nem nos jornais da cidade vi publicada! Você vai ver! Aproveite o café, que esfria...

- Obrigado.

- Veja, Albertina, só você fazendo uma pergunta que agrade o Armando, como por exemplo que perfume é esse que ele está usando hoje. É diferente, não é?

Todo mundo riu. Contristado, o agente acompanhou a alegria debochativa dos outros. Sabia que o coronel gostava de brincar, embora não permitisse que lhe fizessem o mesmo. Mas, como havia se inteirado de todos os principais acontecimentos do dia, esperava desmoralizar o outro.

- Bem, o que eu quero saber mesmo é a novidade do senhor, coronel.

- Tenha calma! Tenha calma! Vou primeiro acender meu cigarro. Quem quer mais café? Albertina, veja aí na calçada se tem alguém sem xícara...

Não tinha. E o coronel estalando a boca dizia:



- Puxa! Está de queimar os beijos da gente! Não acha, seu Armando?

O agente pensou pouco antes de falar:

- O que está me queimando é o desafio do senhor... a novidade...

- Homem, espere mais! A sua decepção vai ser enorme!

D. Albertina já recolhia as xícaras. Para salvar o agente do constrangimento em que se metia, confiava-lhe delicadamente:

- O senhor não se incomode. Ri melhor quem ri por último.

- Assim não vale, mulher! Você está do meu lado ou do lado dele?

Os homens riram e depois se aquietaram. Estavam curiosos, desejando não perder um minuto da aflição prometida ao agente. A voz do coronel, livrando-se de um pigarro incômodo, soava clara, agora:

- Pois bem, vou começar... Quero só saber se você, seu Armando, me responde direitinho.

O agente encolhia-se na cadeira de palhinha, que estalava sob seu pêso. Mas o seu nervosismo amainou-se logo à primeira pergunta, quando foi inquirido sobre a greve dos bancários deflagrada depois do almoço. Por sorte, essa notícia era manchete do jornal que lhe chegara às mãos... Matou a questão. O coronel, não se contentando, partiu para a desforra.

- E a guerra? Como é que está a situação dos americanos hoje? Repare bem. Hoje. Na ofensiva ou na defensiva?

O agente sabia a resposta exata, mas não era tão bisonho como o imaginavam. Ficou em silêncio, revirando os olhos, meditabundo. Cerrou-os depois, como se estivesse em apuros.

- Vamos, seu doutor sabe-tudo!

Quando todos pensavam que o homenzinho ia entregar os pontos, a resposta foi fulminante. “Estão na defensiva – começou ele a dizer, seguro – e de hoje para amanhã, tudo indica, repelirão os livre-atiradores dos arredores de Saigon.”

O coronel parou de rir. Com que então o homem estava mesmo bem informado!... Na certa, ficava até tarde da noite ouvindo rádio, corujando, e o dia inteiro acompanhava os noticiários...

- Me diga, seu Armando, você leu os jornais de hoje?

- Não senhor, coronel.

- Verdade?

- Verdade – mentiu o outro.

- Papagaio! – exclamou o coronel. – Você é danado! Acho que só lhe botando no meu partido como secretário. Tenho a posição que lhe serve. Você parte disparado nas eleições como candidato a vereador. Uma honra para a cidade. E me desculpando aqui o Odílio, que é o atual presidente da Câmara, você acaba passando a perna nele...

- Não, política não. Não gosto.

- Mas você é inteligente. Tem valor. A rigor, só não gosto de uma coisa em você. É essa sua arrumação, esse jeito de quem faz tudo para não quebrar o vinco das calças...

- É meu jeito, coronel.

- Pois respeito o seu jeito. Mas não compreendo como você anda tão bem informado. É o diabo!

- Faça mais uma pergunta, coronel! – propôs uma voz ao derredor deles.

- É... acho que só tentando outra.

Zacarias Pinicapau pensou bastante. De repente, deixou transparecer no próprio rosto que desta vez ti-

nha a informação que deixaria o outro decepcionado. Ajeitou-se na cadeira de lona, estirando os pés em cima do banquinho para “equilibrar a circulação”. Acendendo outro cigarro, começou:

- Bem, é sobre a agência de ônibus que vão instalar aqui...

- De quê? – perguntou Armando, curioso.

- De ônibus, mas de ônibus mesmo, confortáveis, luxuosos! Sabia?

- Bem, coronel, ouvi falar mas... o senhor compreende, não tenho detalhes... Desta vez – confessou sério e interessado –, o senhor levou a melhor.

O coronel encolheu as pernas, retirando-as de cima do banquinho triunfante:

- Ah, eu sabia que hoje você perderia pra mim, seu Armando! Pois saiba que vem instalar-se aqui uma agência, tipo de agência americana, daquelas que a gente vê no cinema, para fazer viagens rápidas e cômodas...

Uma indagação acudiu à cabeça do agente de primeira classe: “Seria verdade ou não passava aquilo de brincadeira do coronel? Não lhe tinham dito nada a respeito... Uma empresa de ônibus, com leitos... poltronas reclináveis?” Com um sorriso amarelo, comentou:

- Se for assim, melhor. O que eu quero é progresso para nós todos.

- E o progresso vai correr com muito luxo, seu Armando! O diretor dessa companhia foi meu colega de escola. Se meteu no negócio, vou-lhe dizer, e já tem até ônibus para o Rio de Janeiro e São Paulo. Rende muito! – Agora não se dirigia diretamente ao agente, que o escutava entristecido, mas ao dr. Salustiano e ao Chico da Silva, abismados com as cifras vultosas, de lucros líquidos, apurados. – É dinheiro que ninguém conta!

- Verdade?

- Verdade! Com as estradas de asfalto uma viagem de ônibus vale a pena! Me desculpando aí o Armando, não tem aquela história de enguiçar a máquina, de esperar outro trem no desvio, qual o quê!

O agente protestava:

- Não diga a coisa pela metade, homem! Trem não fura pneu, carrega mais gente, serve a um maior número de usuários... Veja o que acontece nos grandes países, nos Estados Unidos, na Europa toda...

Mas a mão do coronel, caindo sobre o ombro direito do outro, parecia arrefecer a defesa esboçada com veemência, assim como quem esmaga algo indesejável:

- Não diga besteira, seu Armando! De trem, da capital para cá, só vai viajar no futuro quem não tiver pressa! O ônibus fará o percurso em quarenta minutos, se muito. E mais, vai cumprir uma linha regular de cinco viagens por dia. O meu amigo, na próxima semana, vem escolher o local onde funcionará a agência.

- Vai perder dinheiro! - teimava o agente.

- Meu Deus, como se é teimoso assim? Você não tem o direito de desacreditar no progresso! Você é inteligente. Se não acredita, por embirrar, concordo. Mas vamos pagar para ver.

Os outros concordaram. O presidente da Câmara externou a idéia de propor, na próxima reunião, um voto de louvor ao empreendimento.

- Vai ser uma beleza para nós!

- Acaba-se o aperreio da viagem dos trens, que me desculpe seu Armando...

Era d. Albertina, que chegara a tempo de ouvir as últimas palavras. Logo ela, que não queria ofender o agente, mas já se enjoara da promiscuidade, da mesmice

de sempre nos embarques da estação... E vendo o ar compungido do homem:

- Olhe, não foi por mal que falei. Afinal, a estrada de ferro não é do senhor, é do governo. Se fosse do senhor, tudo sairia a contento, não é?

Armando aquiesceu num gesto de cabeça. Que desalento! Estava sofrido. Aquilo soava como um impacto em sua vida. Ainda não podia aceitar aquela informação como um fato consumado.

Alguém pilheriou:

- Parece que o agente perdeu a graça!

E ele, mais que ligeiro:

- De modo algum! Apenas fiquei pensando... - Parou. Adiantaria dizer mais alguma coisa?

- Vamos, fale! - estimulava o coronel.

- Fale! Fale! - quase gritavam os outros.

- Bom, acho que essa tal linha de ônibus, mesmo com todo o luxo, esse conforto apregoado pelo coronel, não vai causar sucesso... Trem é trem, minha gente!

O coronel parecia raciocinar consigo próprio, pois demorou a falar. Como se estivesse aborrecido de ter contrariado o amigo, considerou:

- Nisso você tem um pouco de razão. O trem tem seus encantos e vantagens. Mas lembre-se que a humanidade é fraca, se baba por novidade.

- A novidade é moda, seu Armando! - ajuntava d. Albertina que viera saber se desejavam repetir o café.

O agente agradecia a gentileza da dona da casa. E se permitissem - dizia - ia continuar a peregrinação de costume. Fazia votos pela saúde de todos e que, mesmo sendo real o advento da linha de ônibus, não esquecessem que ele continuava com prestígio para garantir os lugares no trem, de última hora.

Homens e mulheres riram. O agente riu também, riso amorfo, sem sabor, que parecia ferir-lhe porque escorria de sua boca queimada pelo café. Cumprimentou a todos mais uma vez e foi saindo, esforçando-se para manter-se apumado, não demonstrar a contrariedade que surgia dentro de si. Mas um mal-estar indefinido tomava-lhe conta do corpo. Estava sentindo tamanha angústia, uma frustração terrível, que teve então vontade de sair correndo...

Foi direto para casa. Viu-se pálido na lâmina do espelho. Pálido e trêmulo. Sacou a túnica, e, enfadado, atirou-a sobre a cadeira. Mas, arrependido, foi apanhá-la, vendo se não a machucara naquele ímpeto impensado. “Afim – raciocinava lento – pode ser que o coronel não esteja bem informado e tudo não passe de uma brincadeira... Brincadeira? O assunto era por demais sério para ser inventado.” À noite, não pôde dormir. Inutilmente procurou conciliar o sono, mas não o encontrou. Se dormiu, foi por instantes, não sabe ao certo. A verdade é que, para onde se virava, na cama dura, via o mesmo ônibus, enorme, a correr disparado sobre os próprios trilhos da estrada de ferro.

No dia seguinte, levantou-se vencido, como se o atacasse insidiosa gripe. Tomou uma aspirina para sentir-se mais disposto, revigorado. E como não houve trem, cedo, foi reler outra vez os jornais, ver se via informação sobre a anunciada empresa de ônibus. Ficou mais tranqüilo, daí a pouco, por não encontrar nada que lhe aumentasse o desespero. Por volta das nove horas se dirigiu para a estação ferroviária, onde, ansiosos, os empregados o esperavam, crentes de que ele havia piorado.

O dia transcorreu sem maiores novidades. Ao cair da tarde, o agente regressou a casa. O dia todo, lutou contra a notícia que lhe transmitira o coronel e, já agora, achava que ela não passava de uma pilhéria de mau gosto. Ao se aproximar da residência, deparou o próprio coronel Zacarias.

- Surpreso? - foi-lhe perguntando o outro, a dois passos de distância.

- Feliz! Para mim é uma honra ver o senhor.

Tratou de abrir a porta, pensando consigo mesmo: "Ah, eu sabia que era pilhéria... Arrependido, o coronel vem me pedir desculpa pela brincadeira. Será que deixei em cima da cama o jornal de ontem?" Ele picava cuidadosamente os periódicos, depois de ler, para que ninguém pudesse identificar a fonte de suas informações.

Entraram ambos na sala. O agente de primeira classe, delicadamente, adiantou-se:

- Com licença, coronel. Quero ver se está tudo em ordem por aqui...

Com o pé, mais que ligeiro, à entrada do quarto, empurrou o jornal para debaixo da cama. Voltando ao encontro de Zacarias Pinicapau, indicou uma cadeira de palhinha ao pé da janela, dizendo:

- Melhor cadeira do que esta, não tenho. É confortável!

- Ora, não seja tolo! Não sou de cerimônias! Dei duro em quartel, me sento em qualquer lugar.

Arriou-se na cadeira, pondo-se à vontade. O agente, indo sentar-se noutra cadeira de couro, prelibava a cena a que ia assistir, as palavras de desculpa do coronel. O seu sexto sentido, de que tanto se jactava, funcionava mais uma vez. Só queria saber como é que o coronel ia começar, se lhe pediria logo desculpas ou se faria um

arrodeio para dizer que tudo não passava de uma brincadeira... Metia-se nesse cismar, quando Zacarias Pinicapau começou a dizer:

- Olhe, seu Armando, pensei muito ontem à noite...

- Ora, esqueça!

- Sim, mas não é tão fácil assim. Acho que você deve pensar bem.

- Pensar bem?

- Sim.

- O que há então?

- Lhe conto tudo. O dono da empresa dos tais ônibus é meu amigo, desses de servirem em qualquer hora. Tenho condições portanto, de lhe indicar para representar a empresa em nossa cidade. Eles pagam um fixo razoável e mais vinte por cento sobre a receita geral...

- Mas... - tartamudeou o agente - Eu... - Não sabia como reagir. Se pudesse, naquele momento, explicaria que completara vinte e oito anos de serviço público, e embora não ganhasse bastante, nem por isso queria meter-se noutro emprego, trocando amores velhos por paixão nova. Mas o coronel Zacarias não deixava que ele, ainda sem se refazer da decepção em que se metera, imaginando que outra razão levava ali a visita, pudesse ordenar o pensamento.

- Não perca a oportunidade, homem! Pode ganhar três ou mais vezes do que percebe na estrada de ferro!

Armando estava atordoado, imerso num torpor, sem saber como responder à proposta do coronel, que, sem ao menos levar em conta o amor que tinha pela profissão que abraçara, queria que ele, de repente, abandonasse tudo para ser... vendedor de passagens de ônibus! Ora, isso era ser bilheteiro! Quem vendia as passagens



na estrada de ferro era o Chico Fulgêncio, um borra-botas de baixa categoria!

- Olhe, seu Armando, não deixe escapar essa oportunidade. Se eu tivesse um filho, não teria vindo aqui fazer-lhe tamanha oferta. Não sei por que você me olha com esse ar apalermado! Vamos, reaja! Não estou aqui de brincadeira. Se o presidente da Câmara soubesse que estive na sua casa insistindo para você agenciar a linha de ônibus, nem sei o que ocorreria em nossas relações políticas! Veja que gosto de você. A própria Albertina me disse que você, quando falei no assunto, ficou impressionado... Impressionado ou interessado? Ela ontem não me deixou dormir, dizendo que botei você em clima de filme policial, que o certo mesmo era tê-lo convidado para assumir a agência dos ônibus. Bem, eu compreendo que você morre de amores pela estrada de ferro, se considera mesmo, acredito, móveis e utensílios dela. Mas não podia deixar de adverti-lo de uma situação que vai ocorrer breve. Me desculpe. E... Como é? Você não diz nada? Vai ficar calado, fora do negócio?

Já referido do inopinado da cena, enquanto o outro falava numa catadupa de palavras e gestos largos, a respingar perdigotos por todos os lados, o agente almejava agora que aquela voz não se calasse e continuasse falando mais tempo, uns cinco minutos mais, enquanto buscava uma razão, algo que o fizesse decidir-se de modo diferente. Mas não podia esquecer, de tão fixado em sua memória, o espetáculo da chegada do trem, da túnica de seis botões dourados, do quepe debaixo do braço, das cortesias que recebia e que concedia aos outros. Havia sido treinado por anos a fio, de uma cidade para outra, a fim de um dia, tendo acesso àquele posto, sa-

ber tratar os passageiros, gente simples, gente com quem podia conviver em paz...

- Olhe, você não deve perder essa oportunidade. Vai ganhar bastante dinheiro. Pela conversa que tive, o negócio rende. Vi o balanço. Sabe o que é balanço, não é?

O outro assentiu. Às vezes tinha vontade de ler os relatórios cheios de cifras da companhia, mas recuava. Não, as cifras não conseguiam empolgá-lo! Considerava-se empregado de uma grande empresa e embora o resultado fosse negativo - "as empresas do governo são mesmo para oferecer prejuízo" - isso não o interessava. Era pago para prestar serviço. Se todos fizessem como ele, apostava como o saldo, ao final de cada ano, seria positivo.

- Pois o balanço, logo no primeiro ano, ofereceu um lucro espetacular. Com esse resultado, afora o que o diretor da empresa ganhou e achou conveniente não apresentar nos documentos, ninguém duvida mais do êxito do investimento. Seu Armando, você ia morrer de pasmo se visse quanto meu amigo já ganhou! Ônibus dá dinheiro, me dizia, e nunca acreditei. Agora, nesta ida à capital, vi com meus próprios olhos. Aceite, homem!

O agente mudou de posição. Estava se sentindo mal desde o dia anterior. Se continuasse a olhar para o coronel, ia acabar tendo uma vertigem, pois a cabeça principiava a girar, na tentativa que fazia de fixar a vista no homem impaciente que não parava de balançar o pé, a abrir os braços, como se estivesse sendo tocado por uma descarga elétrica. Levantou-se pretextando não conter a tosse que o acometia e foi até a porta da rua. Por instantes, como se não estivesse ali a visita, ficou olhando o prédio da estação, sentindo uma voz dizer-lhe dentro do coração que não era justo abandonar o emprego...

A voz do coronel Zacarias soava no quarto estreito com veemência:

- Negócio! Lhe garanto! Ficarei imensamente feliz em poder apontar o seu nome... e você aceitar!

Por fim, como não mais possuísse argumentos ou estivesse cansado, o coronel calou-se. Foi a vez de Armando retornar à cadeira, as mãos postas em cima dos joelhos, reflexivo, certo da decisão que acabara de tomar.

- Não posso, me desculpe.

- Não quer? Não quer por quê?

- Não sei...

- Mas homem, é de vantagem! Alugo aquela casa do Malaquias, de duas portas. É lá que você instalará o escritório... Olhe, já falo como se você fosse representante da empresa de ônibus... E então? É só vender passagens e ganhar o dinheirão! Você terá também um auxiliar, mas no começo trabalhará sozinho!

Afinal o agente fez uma pergunta:

- Usa farda?

- Que farda! Você vai usar a roupa que quiser! O importante é estar sempre limpo, e eu, lhe digo, pensei em você exatamente por isso, por ser você, me desculpe, homem limpo, de certa idade... São duas qualidades que meu amigo faz questão.

Aquilo de modo algum agradava o agente. Qual! Não era homem de meter-se numa pífia casa, e logo de quem, do Malaquias, a vender passagens de ônibus! Por cima, dizia-se a si mesmo, sem farda, sem poder apresentar-se com dignidade, sujeito a desaforos de todo mundo... Caía nessa o quê! Se o coronel estivesse pensando em lhe fazer um bem, babau!

Criando coragem, mais alto:

- Me desculpe, coronel. Acho melhor ficar com meu emprego. Vinte e oito anos!... Bato na porta da aposentadoria.

- Isso também se resolve. A companhia pode pagar-lhe um salário que compense a aposentadoria que vai perder.

- Não, não senhor!

- Você empurra a sorte com os pés!

- Pode ser burrice, mas não há outro jeito. Estou certo no meu ponto de vista. Só lamento o interesse do senhor. Sou grato pelo favor...

- Que favor! Se não aceita, não há favor, nada!

Levantou-se; acendeu um cigarro. Estava decepcionado. E enquanto apertava a mão do outro, à saída, procurava a razão daquela estupidez. Afinal, cada qual tem maneira diferente de agir, pensou.

Foi-se. E o agente de primeira classe vi-o ir-se pela rua, dobrar no fim do quarteirão, sem mais olhar para trás... Fechou a porta, depois de contemplar longamente a estação. Suspirava. Não era um cabeça de vento para cair na estória do coronel. Por dinheiro nenhum do mundo deixaria a posição de chefe da estação ferroviária, para vender bilhetes de ônibus!

Mais tarde, foi ao espelho retocar o bigode e ficou indeciso se espremia ou não a espinha avermelhada que apontava no queixo. Mas conteve-se, no receio de infeccionar o rosto. Decidiu pôr um penso de esparadrapo. Depois, sem se salientar de todo da conversa do coronel, nem foi vestir a túnica. Pegou-a, com carinho, antes de meter-se nela. Vestido, foi ver-se ao espelho, retocar o cabelo que ameaçava cair sobre o olho direito. Meteu o quepe debaixo do braço e seguiu para a estação.

Quando o comboio chegou, mais que depressa ele se cobriu com o quepe. Havia um inspetor no trem, saudando-o com efusão:

- O primeiro agente que encontro de acordo com o regulamento! Você, seu Armando, é completo!

Entregou-lhe o manifesto para a conferência da carga. A respeito da linha de ônibus, assunto puxado arditamente pelo agente, explicou:

- Anda por ai um zunzum a respeito. Não sei quando será inaugurada, mas que vem para o interior do estado, vem mesmo.

- Talvez fosse conveniente a estrada tomar providências.

O outro riu, achando aquilo um gracejo.

- Providências? Quem é que vai se meter nisso? Lembre-se que a estrada de ferro é do governo, e o governo não está interessado em concorrência. Trem é assim. Se tiver gente para transportar, transporta, não tendo, se dane tudo! De acordo?

Ele simplesmente anuiu. Fez um gesto de cabeça. A rigor, estranhou a maneira de falar do inspetor, aquele desinteresse tamanho. Com ele não acontecia assim. Julgava uma glória servir à ferrovia, e não aceitava vê-la, um dia, sofrendo o desafio de uma empresa particular de transporte coletivo.

O trem partiu. Mais tarde, em casa, não conseguiu esquecer o ar displicente do inspetor. Que homem! - pensava - nem ao menos tinha sentimento! Por isso é que as coisas no país não iam para a frente!

Despediu a empregada mais cedo. Antes de deitar-se, tomou uma dose reforçada do remédio para o fígado. Precisava manter em forma a saúde, que, de contrariedade em contrariedade, perdia o prazer de viver...

Dormiu bem, embora imaginasse o contrário. De manhã, começou a esquecer a história do ônibus. Detinha agora a atenção nos preparativos para enfrentar a concorrência. Ia pintar a estação, conferir melhor aspecto à sala de espera. Haveria de encontrar alguém que lhe trouxesse flores, vez por outra, para enfeitá-la...

À consulta que fez á sede da companhia, na capital, não obteve resposta que o animasse. “Vamos mandar um inspetor verificar as condições do prédio...” O homem veio, depois de uma semana, mas não se convenceu das idéias do agente.

– Não vejo o que reformar. Está tudo muito bom ainda.

– Mas a direção da estrada não sabe que vão instalar aqui uma empresa de ônibus?

– Esqueça isso. A estrada só mandaria fazer os serviços que você propôs, se houvesse necessidade. Veja essas portas! A pintura parece nova! Não, não posso concordar com você. Olhe as cadeiras, veja a pintura também da sala de espera... Pode ser que para o ano, passando por cá algum diretor, seja concedida a autorização. Assim mesmo eu ainda acho perfeitamente dispensável. Vou escrever no meu relatório que apenas a área externa do prédio está necessitando de caiação. Uma semana de trabalho, se muito, e estará feito o serviço. – E confidencial, tornando-se íntimo. – Deixe de ser tolo. Não adianta andar morrendo por prédios velhos. Já soube, aqui pra nós, que riem quando anotam pedidos dessa natureza. – Mudando de assunto. – Café não tem hoje, não é? E eu doido pra fumar um cigarrinho! Tchau, Armando!

Na plataforma do carro: – Se prepare para a caiação!

Estava próximo o fim do ano, quando, numa tarde, alguém veio avisar ao agente, que o coronel Zacarias desejava falar-lhe:

- Pede pro senhor dá um pulinho até a casa dele. É importante.

Aprontou-se, curioso. Foi recebido por d. Albertina, que não se conformava com a recusa dele ao novo emprego. Foi introduzido na sala onde já estava sentado um homem louro, alto, ao lado do dono da casa. É o diretor da companhia de ônibus - apresentou Zacarias Pinicapau, empostando bem a voz -, e que viera concluir os estudos finais da instalação da agência.

- Talvez - dizia para a visita - você falando diretamente ao Armando, consiga o que eu não logrei, apesar de toda a boa vontade.

Valfredo, era como se chamava o homem. De voz mansa, mas firme, expôs a ação, os planos da companhia. Deteve-se no conforto dos carros, na segurança da viagem, falou sobre o controle por um serviço de rádio, perfeito, a fiscalização para o cumprimento dos horários... o êxito alcançado com duas linhas precedentes inauguradas no último mês.

- Você está ouvindo bem, Armando? - acudia interessado o coronel.

O agente meneava a cabeça. Ouvia mesmo? Estava interessado? Os números, as referências técnicas soavam-lhe aos ouvidos de modo estranho. Aquela conversa do homem não lhe "vendia" um veículo realmente importante capaz de sobrepor-se ao trem, á máquina "diesel", imponente com a sua força de tração colossal e o seu pêso de oitenta toneladas... Ônibus? Ônibus? A palavra era estranha, não tinha o poder de penetrar-lhe o coração, aninhar-se no fundo do seu querer.

- Quero ver agora - dizia o coronel - se você não toma uma atitude de homem!

- Bem - concluiu o amigo do coronel -, antes de tentar outro candidato ao cargo, gostaria de ouvir a última palavra do senhor.

O agente estava com vontade de esclarecer se o coronel usaria farda, se a usaria também... Mas por que chover no molhado? O coronel Zacarias não já o enganara antes? Sem farda, aquela empresa não se sustentaria por muito tempo...

Zacarias Pinicapau indagou do amigo:

- E farda, tem?

- De modo algum. A farda é exigida apenas para o motorista, que tem posição subalterna. Para o comissário também. Aliás, isso de farda - ia dizer, dessa monstruosidade como o seu amigo usa, por recomendação do serviço público federal, não faz sentido - já passou, pelo menos em empresas particulares. Os nossos representantes, diretores de agências, usarão terno claro, de tergal. A farda dos motoristas é igualmente simples. Na túnica, apenas o emblema da nossa empresa.

- Tem quepe? - arriscou Armando, de voz sumida.

- Um boné. Mas o motorista só é obrigado a usá-lo em serviço. Logo que descer do ônibus, pode metê-lo no bolso.

- Quer dizer que o agente...

- O diretor de agência - corrigiu o amigo do coronel.

- Sim, o diretor ganha comissão?

- Perfeitamente. É o incentivo natural em negócios dessa natureza. Assim, terá mais estímulo. Conseguirá interessar maior número de passageiros.

- Vamos, seu Armando! A hora é essa!

- Não, não posso, coronel Zacarias. Já disse antes ao senhor. Me acostumei ao meu trabalho...

- O senhor ganhará mais!



- Sei, sei, mas me desculpe. Não posso aceitar.

O coronel teve vontade de dar uma bofetada naquele homem que não entendia a excelente oportunidade que perdia. E de fato, quatro meses depois, ninguém mais reconheceria no prédio reformado a residência do Malaquias, antes acanhada e velha. Em menos de quinze dias, uma equipe de técnicos remodelou por completo o prédio: deu-lhe nova aparência. O arquiteto mandou fechar uma porta, abriu outra onde havia uma janela, tornando-a acolhedora, ampla. Foi erguido, no interior, um balcão de fórmica. E não tardaram os móveis de primeira, quatro ou cinco, a adornar a sala. Em cima de uma das mesas estava uma plaquinha de acrílico: "Diretor". O mais importante foi a ligação da aparelhagem eletrônica para comunicações com a capital. O prefeito, quando a instalaram, veio falar por minutos, seguindo-se-lhe o presidente da Câmara e outras autoridades.

Não demorou a inauguração. Quatro ônibus foram postos em circulação; eram veículos novos, diferentes dos que até então vira o agente de primeira classe. Reluziam ao sol, como naves espaciais, e faziam um ruído estranho, mas agradável, chamando a atenção de todos. Uma semana antes do estabelecimento da linha, ligando a cidadezinha à capital, todos os lugares de ida e volta foram vendidos. A hora da solenidade, o diretor Valfredo Sales, ao lado de outros figurões da companhia, discursou de improviso dizendo ser um prazer oferecer aqueles serviços "a povo tão progressista que, agora, teria transporte mais rápido e mais moderno para satisfazer seus interesses". A verdade é que de ônibus podia-se ir dali ao sul do país, para Rio e São Paulo, principalmente, pois o carro fazia conexão com as empresas congêneres.

Foi servido champanha com biscoitos finos aos convidados, enquanto os comentários eram consagradores à iniciativa. O melhor, entretanto, estaria por vir... Foi aí que o diretor da empresa anunciou que dois ônibus estavam à disposição do público para um “tour” pela cidade. “É para que todos os senhores sintam o conforto de nossos modernos veículos.”

Embora tivesse recebido convite especial, o agente de primeira classe não compareceu. Não foi nem à estação, nesse dia, tendo tido o cuidado de divulgar, pela empregada, que amanhecera gripadíssimo. “Diga ao coronel, Mocinha, que lamento muito não ver os ônibus, a festa do dr. Valfredo. Mas estou com o peito cheio, tossindo o tempo todo.” Pelas venezianas, de longe, acompanhou todos os instantes da festa. A agência ficava a menos de duzentos metros da casa, e quando o vento e o barulho diminuía, ele podia apostar que ouvia as palavras do orador, os elogios ao povo da cidade, ao luxo “incomparável, jamais igualado dos ônibus mais modernos do Brasil”... Parece que, de propósito, os carros lotados com os passageiros improvisados desfilaram diante de sua porta, e ele pôde ver a fisionomia radiante de Macário a gesticular e a falar alto a respeito daquela experiência...

O ano começou, portanto, muito mal para o agente. Não ficou nessas decepções que trouxe. Aos poucos, foi sentindo o homem que o trem perdia passageiros, a começar pelas pessoas ilustres da cidade. Como que de repente só os mais modestos, por uma questão de diferença do preço da passagem, continuavam solidários com as viagens do P 2. Alvorçado, escreveu à direção da ferrovia, aconselhando soar a hora de melhorias substanciais na estação, na sala de espera, para que a re-

ceita de passagens não descesse tanto. Preparou, cuidadosamente, extenso relatório sobre a companhia de ônibus, mostrando que o conforto apregoado pelos diretores da empresa, numa propaganda dirigida contra a estrada de ferro, começava a surtir efeito... Perguntava na carta: - Será difícil estudar um serviço de ar-condicionado para os passageiros de primeira classe?

Dessa vez nem ao menos recebeu a visita do inspetor. Ninguém, e isso o tornou cada vez mais neurastênico, desanimado, viera saber por que ele vendia menos bilhetes e aumentava a disponibilidade de lugares. O pior de tudo: avultavam na estação só os passageiros de segunda classe, gente que não dava prestígio à ferrovia... “Alguém, mais preocupado na direção, podia se interessar pelo assunto. Ele sabia cumprir o seu dever...” E se deu então que o espetáculo da chegada e saída do trem sofreu, de um momento para outro, uma transformação que o surpreendia. Não via mais na estação as pessoas importantes, mocinhas e senhoras da sociedade, passeando pela calçada, trocando idéias, conversando animadas. Fazia desgosto ter de aprontar-se agora com o empenho de sempre, manter-se na linha a que se impusera - a túnica bem passada, os botões dourados reluzindo, o quepe debaixo do braço - para não poder ser mais o grande artista do espetáculo ferroviário que, por longos vinte e oito anos, lhe enchera a vida de alegria, tornando-o elemento festejado pela sociedade, requisitado por políticos, aceito em todas as rodas.

Enfastiava-se ultimamente quando ia ao espelho retocar o bigode, ver se o cabelo estava assentado. Não, nada disso mais valia a pena! Até mesmo o perfume que escolhia, obtendo-o da combinação de diferentes receitas aprendidas de um livro de fórmulas econômicas, foi

esquecendo, porque já não encontrava mais aquelas pessoas de bom gosto que compreendiam o seu refinamento, a sua elegância pessoal.

A estação entrava em recesso. Pouca gente de importância, muitas pessoas pobres e mau cheirosas. E isso era o pior, porque faltando a educação necessária, já apareciam cusparadas nas paredes da sala de espera para onde confluíam diariamente os usuários da segunda classe. Reclamar? Reclamar para que, se já lhe respondiam aborrecidos: “Deixe de tolice, seu Armando, nós é que damos dinheiro ao trem!”

Quando recolhia, após despachar o comboio, sentia-se vencido, tomado de desânimo atroz. Até mesmo o artifício do envelope contendo “documentos confidenciais e importantes” havia perdido a razão de ser. Os jornais, cada dia, chegavam mais cedo, e até se podia dizer que circulavam na cidade com uma hora de diferença apenas. “E os malditos ônibus? Como ia a empresa do dr. Valfredo?” Tinha notícias, diárias, do êxito. Mesmo que não tivesse ninguém para dizer-lhe as novas, bastava ver da calçada da casa o movimento intenso de passageiros na agência. O cel. Zacarias devia ter passe especial, pois agora, diariamente, ia à capital, de manhã, voltando à tarde. “É um colosso! Nada de graxa para borrar a farda da gente! Ar de montanha, senhor, o que se respira nos carros!”

Um dia, o agente de primeira classe sentiu terrível dor, aguda, sobre o fígado. Não se levantou. Lançando, daí a pouco, nem assim melhorou. Tomou o pulso, aflito, e descobriu que tinha febre. Além da tortura, do mal-estar que o acometia, subindo para a cabeça, a temperatura alta o desagradava. A empregada, quando entrou para fazer o asseio do apartamento, alarmou-se

diante do estado de saúde do patrão. “Quê?” Estava branco! Não tinha uma gota de sangue! “Está sentindo alguma dor forte? A cara é de quem não pode suportar o sofrimento...” Correu então mais que depressa ao farmacêutico e narrou o que sucedia. “O seu Armando está muito doente. Vomitou o quarto todo. Horrível!”

– Vou logo com você! – disse o homem, apreensivo. Encontrou o agente com quase quarenta graus de febre, os lábios trêmulos, balbuciando palavras desconexas. Ainda delirou por minutos, e, em dado momento, quis levantar-se da cama, pedindo que não se sentassem em cima da sua túnica, já passada para vestir. “Não vê que vem gente importante, hoje? Não faça isso! Quero que me vejam bem vestido no desempenho de minhas funções.”

A custo tomou uma poção e, sob lençóis, depois abafado, a febre o alagou de suor. Mas não se manteve coerente. Daí por diante os seus momentos de lucidez alternavam-se nos comentários despropositados a respeito do serviço, revoltado porque a direção da ferrovia jogara na cesta os pedidos de remodelação da sala de espera.

De noite, melhorou. Pôde sentar-se, mas confessou, em voz débil, que se sentia fraco. O cel. Zacarias Pinicapau veio visitá-lo. Estarreceu-o a figura cadavérica do amigo. Não pôde esconder-lhe o pasmo, não obstante o farmacêutico insistir que “nada havia de anormal”. Entretanto...

– Não acredito que seja só uma crise de fígado. O nosso Armando está desassossegado. É o pior, porque não sei qual a causa dessa instabilidade.

No outro dia, embora não retornasse a febre com igual ímpeto, o doente teve quase trinta e nove graus. Não suportava mais alimentos no estômago. E seu estado se

agravava quando ingeria a poção recomendada pelo farmacêutico. Finalmente, ficou evidente que ali, na cidade, o homem não se recuperaria. O telegrafista, depois de ouvir as sugestões do cel. Zacarias, informou à direção da ferrovia, por telegrama, o estado do enfermo, considerando indispensável a vinda de uma ambulância quanto antes. O “quanto antes” foi sugestão do farmacêutico, que admitia a gravidade do estado de saúde do amigo.

Foram-se as horas; nenhuma resposta. O promotor levantou a hipótese de o aviso não ter chegado ao destino, e acordaram todos em que fosse passada outra mensagem solicitando a presença de um médico.

Na manhã do dia seguinte veio a resposta, lacônica, dizendo que o doente devia comparecer à junta médica. “Quê? – esbravejava o farmacêutico. – Isso não é tratamento que se dê a funcionário exemplar, obediente e cumpridor das obrigações! Se morrer, é capaz de quererem que o defunto vá com os próprios pés se enterrar! Não é história que se conte!” Cel. Zacarias exaltou-se igualmente. “É o pagamento que recebe! Vá ver que só o conhecem por lá como agente de primeira classe. Nem nome tem para esses animais da direção!” Mas que fazer?

O farmacêutico cientificou-o de tudo.

– Veja, Armando, você tem de ir para a capital. É lá que funciona o serviço médico da estrada de ferro.

– Eu já me danei com isso, Armando! – Falava Zacarias Pinicapau. – Não é forma de tratar um funcionário como você!

– Ora, compreenda – começou a falar o doente, em voz sumida. – É que eles estão querendo na certa me oferecer um tratamento melhor. Não vêem que na capital tudo é mais fácil?

Depois de um momento: – Será que agüento ir?

– Agüenta...

– Pois então, vou logo amanhã.

O farmacêutico não gostou da providência. A seu ver, demorava, o homem perdia forças, definhava a olhos vistos. E a viagem de trem? Não suportaria.

– Desço no primeiro P 2?

– Amanhã será tarde demais. Terá de ir hoje, de ônibus! Reservo um lugar especial para você.

Era decisiva a palavra do cel. Zacarias.

– De ônibus? – espantou-se o agente. – Nunca!

Mas por quê? É pela sua saúde, homem!

– Vou o quê!

O farmacêutico, vendo o doente empalidecer, como se fosse desmaiar, acudiu: – É para o seu bem, mas você é quem vai dizer como quer ir. Entretanto, digo como amigo. O seu caso é grave! Você precisa chegar à capital quanto antes.

– De ônibus não!

Não era um grito que saía do íntimo daquele homem, mas um urro. A sua respiração entrecortava-se, e agora, como se fosse ter um ataque, principiou a tremer. Depois de um momento, ante os homens perplexos que o cercavam no quarto, pediu:

– Quero minha túnica.

– Túnica? Pra que a túnica?

– Quero... Quero... Preciso vestir-me.

O farmacêutico e o coronel afinal o atenderam. Ajudaram o homem a se meter na farda. Tinha o corpo frio, suado, pegajoso. Nesse ínterim, o silêncio dentro do quarto apertado parecia comprimir o calor. As quatro ou cinco pessoas ali presentes começavam a suar também. Olhavam uns para os outros, às vezes para o doen-

te, avaliando-lhe o estado de saúde desesperado em que se metia, confusos todos ante o aspecto estranho, profundamente desalentador do agente que, já aí, tinha a voz dolorida, marcada por uma mágoa, por algo assim que nenhum deles podia definir acertadamente. De repente, o homem pareceu que não mais tresvariava, que se sentia consciente de seus atos.

- Coronel, quero só um último favor... Me ampare, me bote em pé, na porta, para que eu veja a minha estação de ferro...

- Mas... Você...

- É um pedido, coronel.

Cuidadosamente o atenderam os amigos. Seguro pelas axilas, trôpego, o agente foi levado à porta, como pedira.

- O quepe, por favor.

Satisfizeram-no. Todos entendiam agora que ele se rendia à idéia de ir para a capital, fosse em que fosse. Mas queria carregar consigo, para sempre, a visão daquela estação a que servira com dedicação durante vinte e oito anos.



# A cabeça do capitão

**E**ra noite, medonha noite. Sem ruído algum, a não ser o vento roçando na mata e nas sombras, opressivas e abrasadas, de um dia que ficara noite irrespirável. A casa da fazenda, disfarçada por trepadeiras alheias ao trato feminino, não era percebida com facilidade pelos que a procuravam. Antes, por meses a fio, fora esconderijo privilegiado. Volantes policiais, duas ou três, cortando por esses longes do sertão, à procura do Capitão, tinham deixado ali, no terreiro, as marcas de cavalos cansados. Úmido esse terreiro, é fétido, pois cansando os homens, por comodismo ou desordem, urinavam ao pé da varanda e saíam a respingar por ali, acomodando o sexo murcho, sem ninguém os reprimir. Há dias, um preto alto e desempenado, acompanhado de dois capangas, viera dar uma corra no ambiente. De batismo era Lucena, o preto, soldado de Pernambuco, praça de pré da milícia cearense, quarentão já e despachado pelo pelotão municipal às ordens do tenente Pereira, a ver onde andava o pé do monstro Capitão que roubava o sossego à gente ordeira. Mas o Capitão – dizia o velho que os recebera à varanda – por ali não passara, quanto mais dizer que se arranchava.

- Se querem, podem vasculhar o casarão... lá dentro, só velhice e fantasmas. Ninguém além de mim, que quem tem o que perder não vem morar nesse desterro. Não acham? Acham?

E o Capitão? Ah, esse devia de andar por longe, que botando sentido não era ele homem de esperar a morte na cama. Você esperava? - perguntou o velho, coçando as suas intimidades e cuspidando de lado.

O fartum do mijo, característico, incomodava o preto. "Chi, que porco mais parece que teve aqui e não gente. Como é que o senhor, meu velho, agüenta essa catanga toda? Me pagando a branca ou o dono, pra cuidar da casa, dizia a ele ou a ela, vá, tome, fique com o seu chiqueiro, que vou de mundo afora."

- Sim, sim. Aqui se vive assim, como bicho. Quem chega, sem vê saia, perde logo a educação, vai mijando pelos cantos. Quando se vem dar água a quem pediu, a desgraça está feita. Vosmecê quer matar a sede?

- Não!

A recusa do preto parecia repugnar a própria urina. E sem mais dizer, deu em se afastar dali, seguindo em frente, a ouvir o velho dizer que o homem, quando envelhece, borra no lugar em que dorme. Quando os três estranhos foram engolidos pela noite, o Capitão falou, de dentro da casa, tão alto, que a sua voz ecoou forte. Tinham ido? - indagava. Já não estavam ali? E veio de cuecas, passando a mão pela boca que amargava, mão cheia de anéis, apanhar o cheiro que corria no ar, o odor de homem fardado, querente de ódio. Andava desconfiado, certo de que o queriam pegar para expiar de uma só vez os dez ou mais crimes que, cuidadosamente, em talhe rude, assinalara na coronha da arma. Agora, de um tempo a esta parte, ele

entranhava-se em si próprio, caladão, vendo em cada árvore um inimigo, e, no sopro do vento, o vozear da conspirata contra a sua vida.

- Não vendo ninguém, deram para trás, se retiraram - repetia o velho, alheio a tudo. - Só notaram o fartum do mijo, que essa gente nossa, seu Capitão, parece que só vive pra verter...

- Era um preto o soldado?

- O que mandava, era.

- O Lucena! Jurou encontrar meu rastro um dia. Me deitei com a negra dele, gorda e fedorenta. Ficou assim, nessa implicância, desde então.

Fixando a atenção numa frase já ida:

- Prestaram atenção na catinga do mijo?

- Prestaram.

Calaram-se todos, outra vez, às palavras do Capitão, que se mexia nervoso. E se sentiram uns e outros ignorantes diante da palavra sábia do chefe que podia decifrar a matreirice que os outros armavam. Ninguém mais referiu nada, tão decepcionados se achavam enquanto o chefe do bando, voltando lento, foi aconchegar-se na rede, a cabeça cheia de pensamentos divagantes, pressentindo que, pela primeira vez, o inimigo realmente se preparava para exterminá-lo. Noite alta, ventruda. Enquanto os homens conversavam no alpendre, de permeio com os que limpavam as armas, ele começou a reunir os pensamentos, vendo seriamente que nas próximas horas sua cabeça poderia ser também um troféu de museu, apresentada ao povo por presa de guerra. "Cabeça de homem não se corta à toa". Não queria ter a sorte de Lampião e de Maria Bonita. Precisava arquitetar um plano, escapar dos malditos soldados que o perseguiam nas últimas horas, sem trégua.

Vai morrer lutando; não é homem para se entregar, vir soldado ou tenente passar-lhe o terçado no pescoço grosso. Não lhe valeria mais a oração milagrosa que traz consigo?

Passa a mão pelos braços; tateia o peito largo e cabeludo, sentindo aqui e ali a depressão feita por bala doida, raspão de faca ou punhal.

O estranho de tudo é que não tem vontade de ir embora, mesmo tendo perguntado pelo seu rumo o soldado preto e os capangas. Uma força estranha, uma vontade mais aguda, concorre para detê-lo no fundo da rede. Talvez seja cansaço, o que restou das caminhadas, do corre-corre dentro da mata. Mesmo se quisesse fugir, lhe desse vontade de fraquejar perante o inimigo, não sairia dali àquela hora. Não obstante imaginar que o preto deve estar contando tudo que viu no casarão de varandas ao tenente Pereira, não se vexa. “Sei, seu tenente, o Capitão estava dormindo. Só não apareceu por manha, que é manhoso como namorada de padre. Se a gente quiser, isto é, se o senhor tenente ouvir meu conselho, é juntar a moçada toda, que a hora é essa. O Capitão está estropiado de correr daqui para ali. Se vale a pena, tenente? logo ao quebrar da barra, o senhor é quem decide o movimento da tropa. A minha informação é segura...” “E a cabeça?” “Ah, a cabeça será nossa... O senhor vai ter o nome citado no jornal, e o direito de cortar ela, me desculpe a pretensão, dê pra mim. Dá?”

Fechou os olhos o Capitão; queria dormir. Em seu mundo de trevas, viu a própria cabeça decepada, e os olhos, dois buracos avermelhados, sangüíneos, derramando uma salmoura fétida.

– Ah... – Recorda, agora. No limiar do sono, que o estreita, vê-se numa visita a velho coiteiro amigo. – Di-

abo! – Se conseguisse dormir, era melhor. Não queria relembrar o pior...

Quando riscou o cavalo diante da casa, vendo-lhe as robustas colunas do alpendre, o terreiro de terra amarela, compactada, brilhando ao sol, esperou a mão que lhe estendiam sempre, ali, e que nunca lhe faltara, abrindo a porta, mandando entrar. Mas deparou um mulato sem tamanho de gente, desconfiado, espiando-o curioso, como se dissesse a si mesmo: “Meu Deus, como é que eu vou sair dessa?” Desapiado, seguiu em direção à porta da sala, querendo logo saber “por onde andava o cel. Francisco, meu velho amigo?”

E a voz de medo, trêmula, vinda do íntimo do mulato, explicava que o patrão viajara para Fortaleza, quase de muda, pois lá ficava um mês ao certo, mas podia ser dois... Filho doente, era o caso, o maior e o mais querido.

– Amor de pai é assim. Não tendo doutor de ciência aqui no sertão, o jeito era apelar pros figurões da capital.

Foi quando o Capitão, despertando do clima de decepção que o tolhia, indagou resmunguento, e começando a implicar:

“Que hora partiu? Agora ou já faz tempo?” Esperto o caseiro era muito. Adiantou-se informando que se muito andara, no galope de pressa que partira, já estava longe dali umas duas léguas... E o pior de tudo, acrescentava, é que o portador do “senhor Capitão” tinha ficado ao pé da oiticica – “Aquela ali, meu chefe!” – sem a presença de espírito de chegar pra perto.

Aquela voz, as pausas incoerentes, a falta de segurança do empregado, o desencontro dos gestos, tão evidentes, demonstrava que mentia. A verdade era outra. O Capitão sabia. O amigo não queria mais ser coiteiro,

expor-se à vistoria da força policial. Debaixo de pressão e de medo, querendo ficar nas graças de novo chefe político da capital, fugia do compromisso de abrigá-lo.

Bateu com o rebenque nos culotes, escutando a pancada fofa que o agradava. Reparou demoradamente nos homens de confiança que o seguiam de perto e que, sem receberem ordem de ficar à vontade, ainda estavam assentes nas alimárias suadas. Teve vontade de entrar de casa adentro, vomitando a raiva que o entanguia, e quebrar a mobília, despedaçar os retratos daqueles velhos basbaques de longas barbas, pais e avôs do coronel; virar a jarra de lavar mão, de louça francesa, que o amigo lhe dissera, em dia mais vagar, ter sido dote da mulher, a finada Elvira, desaparecida havia mais de dez anos. E se conteve. Era demonstrar aos homens que não estava mais nas graças de ninguém, nem mesmo dos coiteiros que o protegiam sempre. Duro aceitar aquela situação como se nada houvesse acontecido... Virou-se então para o Vinte e Um, indagando:

- Quem foi que veio trazer a embaixada ao meu amigo aqui?

Uma voz grossa, misturada com pigarro, explicou certo. Viera correndo, mas diante de tanta gente, conforme as instruções que recebera, achou prudente não se aproximar da varanda. Depois...

- Depois uma merda!

O Capitão teve vontade de sentar-se na cadeira de palhinha preta, de balanço, que avistou então. "Sente na sua cadeira de descansar, compadre. O calorão do sertão mata qualquer cristão!" Estranho aquilo! Era como se escutasse a voz do dono da casa, aquela voz pausada de quem pensa duas vezes antes de abrir a boca. Por

quantos anos fora assim? A amizade percorrera até aquele esbarro, por um decênio talvez; tudo começando pela eliminação do Frutuoso, desafeto político desse Damião Rodrigues, homem branco, apessoado, que nunca matara ninguém. Na época, o trabalho fora gabado. Frutuoso saíra de casa em demanda da fazenda, a dita propriedade que passara às mãos de Damião Rodrigues, e desaparecera. Foram encontrá-lo, um ano depois, quando já era esqueleto. Conheceram-no pelo lenço encarnado enrolado ao pescoço.

- Então, dei viagem perdida?

Podia refestelar-se na cadeira, ver e rever os álbuns da família, prosear a vagar, achando uma ou outra mulher bonita, que as fêmeas dos Rodrigues Damião davam vistosas, crescidas, abastadas de peitos e olhar doce. Logo que chegava, vinha a bandeja de prata nas mãos de uma preta rechonchuda. Era água fria servida em copo de alumínio, a sua preferência... “Sabe, doutor, num gosto de matar a sede bebendo em vidro...”

Só então o dono da casa mandava passar café, sempre quente como convém a homem valente, e tratavam dos assuntos principais. Mais tarde, convidado para “forrar o estômago”, ia direto a uma mesa larga, bem servida, a que não faltavam as garrafas de cerveja enfriadas ao pé do pote.

O Capitão até imagina ouvir a sua voz, de tanto repetir o mesmo pedido de munição, soar no casarão. “Umaz vinte caixas de bala 38 duplo, cinqüenta ou mais de rifle...”

Noutro dia, ou em data marcada pelo coronel, mandava um portador apanhar a encomenda. Quando a munição era volumosa, seguia nos costados de um animal de carga. Tição Queimado...



O Capitão ri. Esse Tição Queimado, assim chamado porque caíra em cima de uma coivara acesa, foi detido um dia pela fiscalização da prefeitura. O homem queria saber o que ia dentro dos caçuás, metendo a mão no interior dos mesmos...

- “Se você botar a mão outra vez no caçuá, eu largo esta faca na sua barriga. Escolha.”

O Capitão ri. Inventavam estórias a seu respeito, um anedotário extenso. Mas episódios, como aquele, realmente aconteceram.

- Então, o Dr. Damião foi embora... Não chegou a receber o meu recado... - recomeçou.

- Não senhor.

- É uma pena.

- É.

O outro calou. Era homem de confiança do dono da casa, não tinha autorização para falar mais nada. Que podia dizer, dialogando com o Capitão?

- Sim, senhor...

O Capitão fitou-o. Pregou-lhe os olhos pretos, penetrantes, gozando então o embaraço que provocava no empregado mentiroso. Como que caíndo do teto alto da casa, daquelas telhas antigas seguras por ripas e travessões de carnaubeira, um silêncio incômodo meteu-se entre os dois, até que o outro desviou a vista e tentou, disfarçando, dar umas passadas sem rumo. Mas o Capitão estava atento para aquele gesto. Mal o homenzinho, trêmulo, deu o primeiro passo, já o seu braço forte, a mão grossa caíam-lhe sobre o ombro.

- Venha cá! A verdade não é essa que você tenta impingir! Lhe mato já já, e o Dr. Damião Rodrigues só vai encontrar o seu cadáver se balançando na cadeira de palhinha... Como é o seu nome?

- Val... Valfrido.

- Valfrido é nome de doutor. Vá ver que você é filho dele. Sua mãe é bonita?

Tremendo, aquiesceu o outro. Esperava que o cangaceiro se exaltasse, mas não daquela forma.

- Então, está tudo explicado.

Aberturando-o, puxou o homem abobalhado, sofri-do, para diante de seus olhos.

- Me conte tudo, que quero saber a verdade como é, se é branca ou verde. A mim ninguém bota pra marchar. Quero saber tudo.

- Co.... conto... Conto.

- O dono da casa sabia que eu vinha?

- Sabia.

- E por que foi embora?

- Isso não sei, não.

- SABE!

- Sei não.

- Nem ouviu ele conversar? Você tem pinta de quem pode passar por perto das pessoas importantes, quando conversam. É de confiança do doutor. Se não fosse, não teria ficado com a missão de me receber. Vamos. Quero que se lembre de tudo. Gosto muito de gente que tem boa memória, porque eu, por exemplo, mato hoje aqui, daqui a pouco nem me lembro que fiz isso. Sou burro, burro mesmo de lembrar as coisas.

Parou de falar; era uma pausa para respirar e para gozar o embaraço do outro. Autoritário, numa golfada de ar e cuspo:

- Abra essa boca e fale de uma vez!

- Não sei! Já disse!

- SABE!

- Ai, ai, não me aperte... Acho que ele leu no jornal uma notícia...

- Ah!

Era a notícia de que o procuravam para cortar-lhe a cabeça! A... mesmo?

- Fale, homem!

- Seu capitão, me mate logo que é melhor! Eu não sei de nada. Só sei que o patrão se assustou. Viu no jornal que a polícia vinha para cá... muitos soldados... Foi isso.

Começou a chorar, um choro espremido pelos lábios num silvo grotesco que não se acasalava com a sua condição humana.

- Deixe de ser fresco! Conte direito!

- É isso. O Dr. Damião só falava em soldado, num tal tenente... E pelo que ouvi, essa gente vinha prender o senhor.

- Me prender?

- Sim, senhor.

- Cortar minha cabeça?

- Não sei não!

- E o Dr. Damião, para não se comprometer, foge, me deixa no mato sem cachorro! Belo sacana que ele é!

Soltou o moço. Naquela sala de figuras respeitadas, penduradas pelas paredes, fez um gesto de deboche, com a boca, ruidoso, que troou pela casa.

- Ora cortar minha cabeça! Inda mais essa! Comigo ninguém acaba, ninguém! Tenho o corpo fechado e só vou morrer quando Deus quiser, quando disser chega, pronto.

Ajeitou a cartucheira ao redor do corpo, botou o chapelão de couro na cabeça, fazendo soar outra vez, avacalhante, o ruído com a boca:

- Olhe. Diga ao seu patrão que a vontade que eu tive foi de cagar nesta sala de merda, ouviu? Mas hoje

só não faço isso porque fiz serviço antes de chegar aqui. E diga ainda que um dia vou me topar com ele, que a coisa que mais detesto na vida é mulher que engana homem, homem sem palavra e ladrão de cavalo. E tem mais. Saia daqui. Carregue a sua mãe pra longe desse doutor. Empregada bonita, em casa de patrão sem palavra e sem-vergonha, só dá pra arruinar a gente.

Bateu no ombro do homem, arrependido pela violência com que tinha falado. E baixo, numa voz tão diferente que até parecia sair de outra pessoa:

- Vá até a casinha, se não você se urina aqui...

Pisando forte, nos toque-toques das botas, deixou a sala. Quando passou no alpendre, alertou os homens:

- Vamos s'imbora, gente.

E desapareceu.

Depois, vieram informações colhidas pelos amigos. O governo federal expedira ordens, por telegrama oficial, para que não mais permitisse nos sertões a ação de bandidos. Soube ainda o Capitão que o caçavam de modo particular. Queriam agarrá-lo vivo ou morto. Para tanto ameaçavam a antigos coiteiros, seus amigos, e espalhavam tropas bem treinadas por todo o interior do Estado.

- Eles querem fazer com o senhor o que fizeram com Lampião

- Comigo? Comigo não, violão!

Mas no íntimo aquela advertência o impressionou. E então começou a se preparar para vender cara a sua cabeça.

Se não havia possibilidade de escapar da força do tenente Pereira, ocupando durante dias as posições principais que dominavam o Campo da Finada, encastelados no Serrote Azul e em outro cômodo menos elevado, era

reunir o bando, combinar resistir até o último homem. Era um dia de sol esbraseante. Os homens, impacientes, tinham os pés doídos da marcha forçada para escapar ao cerco E tudo em vão! Havia coisas que o bando não podia discutir com o Capitão, mas não era justo morrerem só porque ele teimava em ficar ali, depois de descer a serra. O Capitão tinha o rosto quente; pesavam-lhe mil pensamentos estranhos. Algo dizia-lhe desde o dia anterior, que assim como o pé de milho dá espiga e se extingue ainda ereto, mesmo que venha outro inverno, o homem é também arrancado, ceifado à vida, a seu tempo. Aquela peçonhenta tropa do governo não lhe concedia oportunidade para fugir e agora se plantava diante dele e de sua gente, em posição de fogo privilegiado, para assassiná-los. Não mais teria vez de ir além, por outros caminhos; ser recebido como herói, contar bravatas, de como matara dez soldados ou fizera correr um capitão de verdade, com espada e tudo, à frente duma tropa medrosa. As mãos que se estendiam para ele lhe tocando a roupa tintada de sangue, seu e do inimigo, nessa hora amarga certamente estavam afiando os ferros que ajudam a enterrar os mortos de desgraça. Ah... a morte! Não a temia de modo algum, encontrada numa peleja em que a sua coragem pudesse ser comprovada. Doía-lhe, sim, fundamente, morrer como covarde, entregar-se em instante de vacilação ou desespero, dando a impressão aos companheiros de luta que desertava, esmorecia. “Que é isso, Capitão? Deu pra conferir?” Não – remoía o homem, mastigando um silêncio grosso, sentindo o vento roçar a folhagem da mataria entretecida de sol – não era frouxo, homem submisso ao azar! Se a sua hora soar, estatalando-se no chão quente, seu corpo vai encontrar o solo manchado de sangue, de ventres

e peitos lacerados por estocadas certeiras, que tanto ele como o seu bando sabiam manejar o facão, cortavam mão, cortavam vidas, como quem apara capim em beira de lagoa. Não – e o vento recomeçou outra vez a balançar as árvores distantes, altanadas, até se aproximar dele, envolvendo-o de calor –, não seria defunto comum, dos que os mais apiedados encruzam-lhe as mãos, chorando. Nem pensava ir-se de crucifixo no peito e morte de fêmea, vencido, com aquele cheiro de incenso ou ao vozerio de falsas rezadeiras. Defunto haveria de ser, mas dos de rede, que morrem lutando de pé, e que, no final, mãos caridosas só podem recolher um resto de gente, não se sabendo onde parou a cabeça. A cabeça? Por que vinha o diabo fazê-lo outra vez pensar na cabeça decepada? Teria sido por lhe terem falado os homens à hora de distribuir a munição que restava ao bando, que era esse o vocal corrente naquele pé de serra?

Ninguém se arredava. Eram trinta e dois homens, possivelmente os que mais o ajudaram a marcar as cruzes na coronha do rifle castanho, repousado sobre as pernas. Estava sentado atrás de uma tronqueira de sabiá, disfarçado pela galharia ressequida. Dali, podia ver um a um os companheiros do bando, gente calada mas não de se acovardar na hora fatal. Que valeria um batalhão diante da coragem de seu pessoal?

Se morresse, filhos não deixava. Não sabia que sentimento era esse, de lamentar separar-se de alguém que procriara, mas às vezes pensava fosse diferente o querer que ele sentia pelos seus cabras. O mais novo, louro, devia andar pela casa dos vinte e cinco. Possivelmente não imaginava fosse aquele um encontro diferente. Tão moço, tão jovem, não percebera que dessa vez a bruxa malvada lhes armara o laço. A informação,

ditada em confiança pelo tropeiro, concluía: a tropa do governo é mesmo grande, Capitão, e agora traz cinco metralhadoras.

“Querem ir comigo, assim?” A quem indagou que arma era essa tal de metralhadora, explicou: “Fuzil infernal, de repetição, de cem ou mais tiros, que empurra a morte nas balas, uma atrás da outra, sem dá tempo a que a gente pule ou se encolha.” Ah... “Se querem ir embora, a hora é essa.” Ah... “Se meu destino é ficar só, é isso mesmo...”

O Capitão mudou de posição, estirou uma perna, apalpou o rifle. Estavam os homens calados. Teve, então, vontade de dizer-lhes um gracejo, de animar os mais íntimos com uma anedota de papagaio, mas a intenção não valeu. Agora, sabiam todos quão grave era a situação. O silêncio se abatia sobre eles. Só lhes restava verificar a munição; esperar o momento decisivo. E se incendiassem o capão?

- Louro...

O rapaz arrastou-se até o chefe. Tinha os olhos vermelhos, o rosto queimado de sol. Talvez naquele momento estivesse sentindo vontade de beber um trago de aguardente na boca da garrafa, mas desde o dia anterior o álcool havia sido proibido no acampamento.

- Hem?

- Quantas latas de querosene a gente tem?

- Umas dez.

- Bote dois homens de confiança perto delas. É importante, Louro.

Deixou escapar por entre os dentes empretecidos aquele seu riso amortecido, freado, como se não o quisesse percebido por ninguém. Que queria com o querosene o Capitão, só ele podia saber. Nem ao rapaz confiou

o plano traçado em dia de mais vagar, desde a hora em que lhe disseram que a polícia queria expor a sua cabeça no museu da Bahia.

- Ninguém me pega, Louro! Com minha cabeça, eles mesmos num enfeitam lugar nenhum!...

O outro confirmou com um gesto positivo. Seus olhos contemplavam agora o maciço rochoso que parecia despencar-se do serrotinho abaixo. Por cima dele reluzia algo. O cano de um rifle? Seria aquilo a tal metralhadora? Onde estariam as outras, se eram cinco? Assim pensando, Louro aguardou que o Capitão lhe ditasse mais alguma ordem, e nisso se passaram os minutos, e ele, cansando, sentou-se também ao pé da tronqueira.

- Acho que vi a metralhadora, Capitão... - disse, afinal.

- É ela...

- Por que não escapamos, fugindo em procura da serra, aqui para trás?

O Capitão sorriu de modo claro, de querer demonstrar alegria. Não fosse tolo! Era ver; não chegariam à meia encosta, morreriam todos. A metralhadora do Serrote Azul estava dirigida para aquele lado. E visse, menino - dizia ele -, que só um milagre nos vai livrar daqui. Compreende?

Hum, hum...

- Se a gente fugir, que vão dizer eles de nós? Que abrimos nos paus? Será pior do que tudo. Não sou homem de deixar atrás de mim a fama de frouxo... Agora, quem quiser pode partir, arribar... Fico só. Tomei o trem, vou até o fim da linha, e ainda apito nas curvas dizendo que vou indo.

Fez uma pausa. De repente, como se sentisse toda a juventude do fiel companheiro, completou baixinho:



- Se eu fosse você, ia embora... Você está nascendo para a vida.

- Vou o quê, Capitão!

Calaram-se. O Capitão largou o rifle. Nascia-lhe agora a vontade de meter a mão na areia, naquele solo solto, areiusco, que ele começava a remexer como quem passeia, carinhoso, os dedos na recatada intimidade de uma mulher. Mulher para ele mesmo era essa terra, chão feminino que amolecia macio sob os aguaceiros de abril, quando então rebentava o pasto, o capim milhã crescia aos pulos para empanturrar as reses sem dono; sem dono, ele também, que já não tinha pai nem mãe. O pai se fora, morto numa emboscada, sem se saber por quem, que do criminoso ficara só o rastro do burro pesadão que carregava um homem de mais de oitenta quilos... A mãe, de quem se lembra, é mãe de lágrimas, de lamentos. Chorou o dia todo, e dela ficou a revolta, pranto enraivecido, o vestido preto e comprido cuja saia rodada, arrastando no chão, carregava os ciscos dos tijolos vermelhos que o caminhar alisou através dos anos. Pai morto, mãe enfraquecida depois. Não tinha o que comer.

Finou-se em dia triste; poucos lhe choraram o agônico final. Logo saiu o enterro, no caixão da irmandade do Coração de Jesus, vieram pessoas estranhas, umas nem parentes eram, remexer nas caixas de sapatos, nos armários, a ver o que havia. Ficou de tudo uma única caixa, a dos seus sapatinhos, em que se via o retrato do pai ao lado da mãe; ele, desempenado, homem decidido, que não levava desaforo para casa. A voz do passado é a voz da tia, dizendo: "Teu pai era duro de roer, meu filho. Com ele tudo havia de ser direito, o preto no branco. Foi por isso que o mandaram matar."

A mão do Capitão, pluralizada em gestos, bolina o coração da terra, aquela vida morna que só esfria nos primeiros meses do ano, quando o aguaceiro se despenca do alto, de bojudas e erradias nuvens, acudindo à secura de plantas e bichos. No mais do tempo, ao passar de junho, é o resfolegar do vento áspero, o sabiasal desbotado, as folhas murchas, enroladas, que, indo ao chão sob a intensidade do verão, começam a estalar como se por cima delas corresse calangos e teiús.

Morrer – continuou pensando o Capitão – podia ser ruim para os outros; para ele, nem tanto. A pena que sentia era de não mais ver os tons verdes e amarelos do mato que o alegravam, a terra cambiante de cheiros por onde errara desde os dezesseis anos, para não se submeter aos caprichos do delegado implicante. Nessas andanças, a pouco e pouco, foi reparando as mil faces da caatinga, Os dias dela, tão estranhos, as noites, encalmadas por sossegadas brisas, principalmente quando o dia corria abafado e no descambar da noite o tempo anunciava hora de mudar. Era o inverno avisado pelo movimento de formiguinhas perseverantes que entornavam folhas, puxando-as para os ninhos, emparelhadas com o estalar das sementes tardias. Quando os céus se desatavam, de janeiro em diante, derrubava o inverno a abundância: – desciam riachos por onde nunca se imaginou ter passado água, gorgolejantes, a se enroscares ruidosos nos tufos de ervas que cresciam “a gente olhando”, como dizia, para fartar os animais.

Mas se havia Deus – continuava pensando o Capitão, alheio ao pasmo de Louro – era Ele que ensejava por linhas mal traçadas ou tortas, que o tenente Pereira o topasse nesse tempo aborrecido em que o mato já sem côr se crestara ao sol. Assim, o plano concebido em

noites de insônia, quando não mais podia rever em sonho os entes com quem vivera, se ajustava à prática da mão posta na coronha da arma. Jamais aquele tenente imberbe, com dois cursos de matar cangaceiro, apreciado pelas mulheres, conseguiria deitar-lhe a mão. Fechado era o seu corpo, todo ele livre de facada e balaço, mesmo das que doidamente saltam no tiro disperso, ricocheteando. Nunca, nenhuma se aprofundaria em sua carne magra, mas rija. Retirou a mão da terra, olhando atentamente para a copa verde dos juazeiros que, esplêndidos, marcavam a paisagem desolada, quente. Aqui e além demoravam as manchas agressivas dos mandacarus, e quando o vento vinha soprar tanta aspezeza, ao fim da tarde, podia escutar o cair das folhas dos sabiás, enquanto uma ou outra árvore taluda, pau-branco ou frei-jorge, ramalhava por instantes, para depois a natureza ir-se aquietando como bicho sossegado.

Devia andar esse mundo assim triste, espectante, pelas treze horas de um dia esbraseado, quando um tiro seco (teria sido um tiro, realmente?) rolando com estrondo o seu próprio eco despertou a serra, varou o silêncio da caatinga, assustando um bando de rolas caldo-de-feijão que demoravam na galharia da canfístula virente. Não demorou, outro estampido rebentou, desta vez perto dos homens, assim como disparo de arma a um tropeço, ou por descuido. E, então, movidos por um choque impressentido, ou aguardado demasiadamente, todos quiseram erguer-se, e destravavam as armas, remexiam ferros, até esbarrarem à voz gritada do Capitão:

- Não atirem!

Quando o silêncio tarrafeou sobre eles, uns periquitos zuadentos passaram por cima do mato e desapa-

receram engolidos pela copa dos juazeiros. O vento sumira, e cada um, agora, tinha de puxar o ar com força, para inflar os pulmões. Aqueles tiros, incontidos, ecoavam ainda, e andava entre o chão e o céu uma fumaça nojenta que tornava difícil a respiração.

- Gastou-se bala à toa - comentou o Capitão.

E baixo confiou ao ajudante. "Fizeram isso de propósito, que estão querendo saber quantos nós somos, só para apressar o medo. Soldado é bicho do cão." Começava a batalha - ia explicando o Capitão. Era assim que os mercenários do governo lutavam. O amigo não esperasse uma briga de homem, punhais sendo vibrados em golpes fatais... E quando estivessem cansados, a tropa do governo arremeteria...

Seria, aquela, a última batalha? O Capitão tremia ao enfiar a mão na areia, revolvendo-a, desejoso de entranhar-se nela, ligar-se ao solo, para que força nenhuma o removesse dali. Depois de um momento, sucumbido na calma:

- E o pior, seu Louro, é que a gente está cercada.

- Mesmo?

- Mesmo. Se o inimigo não tivesse a certeza de me pegar, não estaria tão quieto...

- Será que também tem soldado na serra?

Não respondeu o Capitão. Explicava. A voz deslizando pelos lábios grossos, cansados.

- A ratoeira está armada. Nós somos o queijo bichado, debaixo da armadilha. A isca e o rato, ao mesmo tempo.

Foi aí que Louro notou que o chefe tinha os olhos injetados, um vermelho só, como se tudo aquilo doesse, fundo, dentro dele.

- Os outros sabem do perigo? - indagou baixinho.

- Ainda não. É preciso ter experiência, ter vivido situações iguais, noutros tempos.

Continuou falando, a voz agora estava rouca. E o ajudante pensava então que ele punha um interesse, um zelo maior no que lhe dizia, assim com a ternura e o cuidado de um pai.

- Ande ligeiro, Louro... Você ainda pode fugir daqui. Vá andando enquanto é tempo. Só leve uma faca com você, pra não chamar a atenção. Você está nascendo agora, posso dizer, não vale a pena morrer totalmente.

Calou-se. Que mais aconselharia àquele jovem a quem tanto estimava? Fechou os olhos. A espera o deixava impaciente, cansava-o. Já nem sabia o que falava. Não queria pensar no passado, na sorte da mãe infeliz contemplando o pai morto, dependurado em cima do burro, as mãos, a cabeça puxada para baixo. De repente, levou a mão ao coração, que batia forte. Maior do que o medo era o ódio que crescia agora dentro de si.

O tempo passava, e o Capitão se maltratava na espera. Ele não sabia ficar imobilizado, assim como um inseto mofino numa teia de aranha. Queria enfrentar o inimigo, decidir a sorte, livrar-se daquela expectativa que o paralisava por longas horas seguidas. Ardiam-lhe os olhos, terra e brasa neles, na necessidade de um sono reparador, que não vinha. A paisagem, banhada de sol, deixava-o intranquilo; dava-lhe vontade de levantar-se gritando: "Covardes! Aqui estou eu!" Que horas davam? Esperou o ataque do tenente para depois de meio-dia, e já vencia a metade do dia sem ver nenhum sinal dele. A partir dessa hora se sente ofendido. Na certa o tenente está querendo diminuí-lo, como dissesse a si mesmo: "Ele vem se entregar só de medo. Com um ca-

bra ordinário assim eu não gasto uma bala!” Ah, aquilo o torturava, porque o homem, em sua angústia, em seus pensamentos atordoados, parecia ouvir o comandante da tropa confidenciando aos mais íntimos: “E levo comigo a cabeça desse peste, vocês vão ver!”

Levantou-se, como uma mola que se soltasse, encarando o serrote, o espinhaço da serra. Irritado, queria provocar o inimigo, ver se o tenente era mesmo de lhe deitar a faca no pesco.....

– Meu Capitão, não faça isso! Essa gente é traiçoeira!

– A minha cabeça, Louro! É isso que eles querem!

E descontrolado, nervoso, começou a gritar:

– Atirem! Venham decidir a parada!

Mexiam-se todos, no bando. Estavam apreensivos, os homens. E por mais que olhassem a paisagem, nada viam. O mesmo silêncio, o sol descambando, a esmorecer. Assim mesmo o vento que soprava, ramalhando as árvores, ainda estava morno.

– Vamos, atirem!

Louro se ergueu também, insistindo para que o chefe se abaixasse. Afinal, viu o Capitão acomodar-se outra vez na tronqueira de sabiá, o rifle engatilhado sobre as pernas.

– Eu sei o que vou fazer com eles! Tenho aqui o meu plano, seu Louro!

– Que plano é, Capitão?

E ele então explicou. Sairia na frente, em dado momento.

Louro partiria logo depois, distanciando dele setenta braças. O Balduíno, que era homem de coragem, carregaria pelo outro lado.

Quando escutassem o pipocar de três tiros, havia chegado a hora.

Entendiam? Uma coisa – dizia – era preciso cuidar a tempo.

Se ele sucumbisse, não o deixassem no campo da luta. Arranjassem um jeito de lhe cortar a cabeça.

– Ai, que minha cabeça não fica pra esses putos botarem ela em museu!

– E o gás? – perguntou um cangaceiro de voz sumida.

– É pra incendiar o que restar de mim. Só vou com eles feito um toquinho de cinza...

Os homens riram, mas logo se calaram. A voz do comandante continuava empapada de ardor, grossa pela raiva, que, desenlaçada de vez, não podia conter no peito.

– Chega de risada! Chega! A hora é séria. O tenente vai querer levar a minha cabeça pro museu da Bahia. Mas vocês não deixem, se são meus amigos!

Uma voz – seria a do velho Zuza? – considerou que ate ali tinham perdido tempo. “Para mim, os soldados já levantaram o cerco... Não tem ninguém por aqui...”

– Hem? Como é que você diz?

– Acho que os soldados já foram embora...

– Pois experimente! Saia daí, de onde você está, e siga em frente até o serrote, gritando: “Estou aqui! Não acredito na existência de vocês!”

– E por que ainda não atiraram na gente?

– E eu sei? Quem é que pode saber, velho besta?

Sentou-se no chão. Tudo estranho, mesmo, incompreensível. Mas era necessário imaginar uma tática diferente para vencer os soldados do tenente. Ao seu lado, Louro esforçava-se para ver os planos nas feições do chefe, agora contraídas mas apagadas pela noite que descera. As vezes, o Capitão resmungava, arrastava os pés em cima dos gravetos, batia a mão aberta sobre as coxas, na certa matando os mosquitos que pi-

cavam por cima da roupa. Uma ou outra vez, aborrecia-se, e depois, silencioso, parecia ferrado no sono. Mas, logo, voltava a se movimentar, a respirar outra vez forte.

- Louro...

- Oi...

- Você jura que não deixa pegarem minha cabeça?

- Juro.

- Pois é. Confio em você. Pelo meu gosto, você se mandava daqui, ia embora. Podia juntar novos cabras, fazer outro bando...

- Ninguém vai morrer não, Capitão.

- O negócio dessa vez é sério.

- Acho que o velho Zuza tem um pouco de razão...

Quem sabe que os soldados não já foram embora?

- Nem pense nisso. Estou sentindo a catanga dessa gente. Tenho o travo deles na boca e o mau cheiro no nariz...

Calaram-se. Adiante, os homens conversavam baixo, e, de espaço a espaço, ouvia-se o manejar de armas, a imprecação de alguém. Estavam todos sofridos, experimentando na pele, nos nervos, a demora sem fim. Mil vezes decidir a parada, como dissera o Capitão, a terem de ficar deitados na terra, a esperar... a esperar... Esperar o quê? Quem lhes ia responder?

Ainda não era meia-noite, e o céu já estava recheado de estrelas. O Capitão pôs-se de pé, lépido. Tocando Louro com o braço, ordenou baixo:

- Agora. De um em um, acorde quem está dormindo. A hora é essa. Vou tirar o mistério que está dentro da noite. Chame o Vinte e Um, o Dourado. Leve os dois com você. Divida o pessoal e faça como lhe disse.

Diante dos homens, estremunhados, explicou as ordens:



- Me sigam todo tempo, mas cuidado para não haver cruzamento de tiro. Vou na frente e vocês me guardam a retaguarda.

Na confirmação das instruções, o Capitão sorria satisfeito. Reconheceu que acudia os homens o mesmo interesse pela luta.

- Mas se eu cair ferido, vocês me carreguem para trás, toquem fogo em mim. Só não quero ficar em poder deles.

Olhou para o céu, consultando as horas. E então partiu seguido de Louro, pisando o chão como se soubesse, nas trevas, onde ia pondo os pés. As folhas chiavam de leve aos seus movimentos e era de se duvidar que, na caatinga, alguém pressentisse o bando na sortida. Os homens conheciam cada acidente do terreno, onde iam encontrar um pau caído ou o emaranhado de alguma trepadeira selvagem. Contornavam os obstáculos, paravam de repente a estorvo mais sério, e, logo mais, seguiam varando o mato como animais fugindo astuciosamente. Silêncios profundos havia, maiores uns, que desabavam sobre eles, quando a um esbarro mais acentuado o bando parava até que o vento soprasse novamente forte.

O Capitão empunha a arma engatilhada, obstinado. Pelos seus cálculos, no exato momento em que um pássaro piou dentro da noite, estava alcançando o lugar em que deviam topar as sentinelas da força policial do tenente. Estendeu uma mão para tocar a árvore de porte que crescia perto. Era o juazeiro virente que, de longe, por todo o dia, viu distorcer com a ponta do serrote. A metralhadora estaria assestada nele? Dali a cem metros? E as sentinelas, por que não se movimentavam? Por que não o pressentiam?

Metido em seus receios, retomou lento a marcha. Agora a cada duas passadas, parava, a respiração contida. A mata entretecida de cipós, silente, estendia-se misteriosa, mas fresca, á sua frente. Apurando os ouvidos, jurava escutar a conversa dos soldados no acampamento próximo.

Mas não se pôde conter por mais tempo. Como se mil olhos o contemplassem ao clarão de uma fogueira descomunal – e depois não saberia explicar o que aconteceu – acionou o gatilho da arma, e, aos três disparos rápidos, explodiu na mata a fuzilaria quente, nervosa, alvoroçando bichos, despertando aves e morcegos. Por instantes as armas dispararam, atirando a esmo, e o inimigo se ali estava não reagiu.

Sem conter a decepção que lhe acudia, tornando-o quente, o Capitão explicava:

– Não tem ninguém! Estamos gastando munição!

Aquietaram-se. Uma ou outra ave, talvez um animal perdido, abalroava a escuridão, atemorizado. Logo, tornou o silêncio. Voltou outra vez o vento soprando o cheiro da pólvora queimada, e ninguém correspondeu aos tiros. Baixo, para disfarçar a contrariedade que o trans-tornava, o Capitão ordenou:

– Vamos voltar. Os danados recuaram. Eles querem nos pegar numa emboscada!

E o bando todo, alertado e espavorido, precipitou-se para trás.

– Aqui! Era aqui que a gente estava! – gritou o Capitão, e todo mundo parou àquela ordem estranha, sem razão de ser. Agora, já não sabiam o que pensar. Pela primeira vez o bando não sabia o papel que representava. Não podia compreender a atitude do comandante da

força policial e, aos poucos, desconfiava das ordens do Capitão.

- Capitão...

- Fala quem chamou.

- Sou eu, o Louro. O senhor tem certeza de que eles ainda estão lá?

- Eu sei o que estou fazendo, Louro. Eles queriam atrair o bando. Nós estamos agarrados pela ratoeira, a virola de aço prendendo a gente. O plano deles é bem feito. Querem cortar minha cabeça...

- Esqueça essa história de cortar a sua cabeça, Capitão.

- Isso é comigo, Louro. Me contaram a vontade deles. Querem botar a cabeça de Lampião de um lado, a minha, do outro. E sabem como preparam a cabeça da gente? Dentro de um mel de farmácia, fedorento...

- Ninguém vai fazer isso com o meu Capitão.

- Mas eles querem... De que vale só a cabeça do Lampião? Um Lampião bosta que eu derrotei mais de três vezes? A minha cabeça sim, tem valor. É a mim que eles cobiçam, Louro. Eu sei.

- Acho que o Capitão está se impressionando muito...

Os homens se arriavam pelo chão; queriam dormir. Um ou outro reclamava, achando tudo aquilo cada vez mais estranho. Houve hora em que o Capitão se zangando, alteou a voz para os mais exaltados, ameaçando-os:

- Quem quiser dormir, durma! Mas tem de ficar todo mundo calado. Quem manda aqui sou eu. Quem quer se medir comigo? Quem quer?

Aos poucos, voltou o silêncio. Louro encostou-se a uma pedra. Não sabia o que pensar daquilo. Era estranho - raciocinava consigo mesmo - a idéia do chefe, a história da cabeça, as peripécias do bando até ali... Era

incompreensível que, estando tão perto deles, a força do tenente Pereira não lhes caísse em cima num ataque fulminante. Que maldade maior ainda queriam eles? Se estavam cercados, se não podiam fugir, por que tardava o ataque? Desejavam mesmo a cabeça do Capitão?

De repente, de dentro da noite, veio aquela mão grossa, e o agarrou pelo pescoço. Quis gritar, e não pôde. A voz do Capitão, morna, pegajosa, entrava-lhe pelo ouvido direito, por cima do ombro, como se tanta violência fosse necessária para selar o compromisso que exigia:

- Você vai carregar a minha cabeça com você, jure!

- Ai, ai...

- Jure!

- Ai!... ju.. .juuuuro!

- Era isso que eu queria. Amanhã, poucos escaparão com vida. E eu não estarei vivo, tenho certeza.

Aliviado do arrocho brutal, Louro respirou com dificuldade. Teve vontade de gritar, mas nada fez. A mesma mão grossa, do Capitão, caía pesada sobre a sua cabeça.

- Eles estão vindo, Louro. Não me deixe ser pegado vivo.

- Haja o que houver, Capitão, levo comigo a cabeça do senhor.

- Obrigado, Louro!... Obrigado...

Cansado - foi o que pensou o rapaz -, o Capitão afinal calou-se. Aos poucos, Louro foi-se deixando invadir por um esmorecimento total. Não conseguia mais manter o corpo livre da sonolência, daquele cansaço que o invadia lentamente, entorpecendo-o. Fechou os olhos, indiferente a tudo. Não lhe importava ser apanhado de surpresa, ser trespassado por uma baioneta. O que que-

ria mesmo era se deitar, entranhar-se no sono ventruado, tudo esquecer...

Por quanto tempo dormira?

Um estampido forte estrondeou de repente.

A princípio, o rapaz não atinou com o que os seus olhos viam, imaginando que aquele disparo, estourando a cabeça altiva do Capitão, fora o tiro de misericórdia deflagrado pelo tenente Pereira, coroando o assalto que derrotava o bando. Empunhou a própria arma, antes de se levantar, disposto a se vender caro.

E esperou, o corpo todo tremendo, a alma agoniada. E nenhum outro estampido ouviu mais. Havia só o ruído dos homens, assustados, querendo ver de perto o que acabava de suceder.

Então Louro compreendeu. Nele mesmo o Capitão soltara o tremendo tiro que o ceifara. A cabeça grande e teimosa do chefe, em que se pegavam uns cabelos encaracolados e sujos de terra, da terra que tanto queria, parecia dividida ao meio.

O impacto do disparo, ao pé do ouvido, dava-lhe um avermelhado que cintilava à luz indecisa dos fífós.

Ao contemplar os outros, que se mostravam aparvalhados, Louro compreendeu que lhe restava apenas sepultar o Capitão e tomar a liderança do bando. Mas só entenderia o que verdadeiramente acontecera, quando, daí a pouco, grimando a serra para fugir àquele sítio maldito, em nenhum momento viu os soldados do tenente Pereira.

A longa esperade quem sofre

“**N**a cadeira de rodas...” Mil vezes pensasse a mesma coisa, de que serviria? O destino o apanhara de repente, quando pretendia viajar para a Europa, sufocando velho desejo de conhecer o mundo, divertir-se. E se dizer que aquilo tudo veio tão de surpresa, que relembrar agora machuca, dói.” Na cadeira de rodas ..” O fato do dia que se foi, longe vai. Deve ter ocorrido há mil dias. Primeiro, a dor lancinante sobre o peito, mão crispada, de ferro, comprimindo-lhe a ânsia de viver. O que restou da vida que andava feliz, ria e falava sobre negócios e viagens, vê-se ali no esforço que faz para manobrar as rodas da cadeira. Nas primeiras horas do insucesso, Clotilde, Zeneida e Rodrigo revezaram-se solícitos, em vigília. No terceiro dia, ao café, já Rodrigo acentuava as suas obrigações de dono de loja, atarefado com listas de preços a conferir necessariamente. Zeneida, a menos ocupada dos três, podia demorar com o paraplégico, porque Clotilde – proclamava em voz anasalada – tinha um mundo de responsabilidades domésticas; o jantar do marido para cuidar, o cabeleireiro para visitar, as empregadas para orientar...

Zeneida aquiesceu. Por toda a semana foi levar ao pai os chás, as poções que lhe haviam prescrito. Mas

veio dia em que esses cuidados pareceram ultrapassar os limites da boa vontade. Convocou a irmã, para explicar que eram filhas do mesmo pai. Cansara, era agora a vez da outra.

Ia-lhe falso e lacrimoso o tom de voz. “Olhe, tem mais. Não agüento ver papai como um fardo”. Ela queria dizer: como uma trouxa de roupas em cima da cadeira. “Não posso mais! Venha você, mana, para o meu lugar, por uns dias que seja!” Diferente a verdade, imaginou Clotilde, e o pensamento estava certo. A irmã queria livrar-se dos cuidados ao enfermo, tornar às noites de boate... E logo pensou recriminá-la, acre, mas se arrependeu em tempo, sabendo-se incapaz de também demorar ao lado do pai. No fundo, havia o desejo de dedicar-se ao pobre enfermo, àquele santo homem que tudo diligenciara por ela e os irmãos. Mas havia o marido, um eterno desajeitado que não sabia ao menos onde apanhar a cueca que pretendia mudar...

– Vamos combinar com Rodrigo? – propôs.

– É melhor.

Veio o irmão. Não contava deparar aquela situação. A tanto, irritou-se. Então, não sabiam as mulheres que chegava o fim do ano?, que a fiscalização do Imposto de Renda andava voraz, querendo que ele explicasse onde ganhara dinheiro suficiente para possuir dois carros? Além do mais, que entendia ele de enfermagem?

– E nós, criatura? – acudiam as mulheres.

– Mas vocês têm mais sensibilidade, mais jeito...

– Ora, não seja isso desamor ao velho – aventou a mais velha.

Ele retrucou ríspido e passou a explicar que não queria desfazer no amor que ambas demonstravam pelo velho pai, mas o compreendessem. Não era mulher. E



havia obrigações numa família que se ajustavam mais às filhas. – Então, vocês não podem ajudar mais?

Elas, cada uma a seu turno, enumeravam horários, problemas de dentista, da roupa dos meninos, a frequência das aulas. E o cabeleireiro? Por cima de tudo, tinham também de cuidar da aparência pessoal, fazer as unhas, limpeza de pele... Quanta coisa mais! Vendo-as assim ninguém poderia imaginar que fossem terrivelmente ocupadas!

Beberam café, fumando despreocupadas. De momento a momento, na ponta dos pés, iam espiar o pai, ver aquela coisa indistinta amontoadada sobre a cadeira, no canto da sala, de quem se percebia somente os olhos.

Não tardou acertarem a contratação de uma enfermeira profissional. Rodrigo teve a idéia, que os salvava de mais aborrecimentos. As irmãs, suspirando, aceitavam a moça, mas faziam questão de dizer que nem por isso deixariam de estar sempre com “o coitadinho do velho”.

– E se papai não gostar de nossa idéia? – arriscou Clotilde.

– Vê-se logo. Vamos falar com ele.

Acompanhado das irmãs, enfiou-se no quarto do enfermo. Diante do doente fez tremendo esforço para não perder a serenidade. Mesmo assim, ao explicar-se, tinha a voz trêmula, vacilante.

– Tudo para o bem do senhor, papai. Além do mais, foi recomendação do médico. Nosso prazer era ficar aqui o tempo todo.

Parou. Queria vislumbrar no rosto do outro uma reação qualquer que o encorajasse. Por trás dele respiravam as irmãs, nervosas, apertando as mãos.

– A enfermeira é de curso, papai. Moça educada. O senhor vai gostar.

Insistiam os três para que o doente se manifestasse, assentisse.

- Se o senhor ao menos mexesse a mão...

- Vamos, papai, movimente a mãozinha - propunha Clotilde.

- É, papai, dê um sinal com a mão, dizendo que concorda.

A mão não bulia, aquela mão troncha, a esquerda. Nem a outra, paralisada sobre o condutor da roda da cadeira. Como se ali não estivesse ninguém, o doente começou a pensar. Não sabia que jeito tinha a morte, que face apresentava, e a desejava tanto! Se pudesse falar, transmitir-se, informaria aos filhos que tudo aquilo ia bem. Não viam que já estava conformado em viver daquela forma? Feria-o, isso sim, o olhar de cansaço que nenhum deles podia esconder mais.

Ah, como pedira, como desejara morrer de repente! Dizia-se a si mesmo: "Quero desaparecer sem dar trabalho a ninguém. Que Deus me tire do mundo de maneira rápida, sem que me transforme em estorvo para a família". Deus o castigara! Reduzira-o àquele constrangimento. Era prisioneiro de uma cadeira de rodas. Não falava, mal se mexia e era essa porção final de vida que o supliciava, assistindo nos outros, principalmente nos filhos, às reações que o seu estado de saúde despertava.

Ah... E ganhou a enfermeira. Teve de aceitá-la, amargurado, em sua intimidade, no pouco de si mesmo que ainda lhe pertencia. Difícil resignar-se com ser outra vez criança, molhando a calça, vendo o líquido escorrer e manchar o piso do quarto, expelido sem ao menos pressentir. Nessas horas dava-lhe vontade de se acabar, escapando não por um fio almiscarado de urina,

mas pelo seu próprio sangue despejado de veia aberta, até exaurir-se completamente.

Rosita, a enfermeira. Desde que chegou a casa, aliviou os encargos dos três. Agora, só de raro em raro eles vinham ver como ia o velho pai enfermo. A moça é quem reportava as desculpas dos irmãos, cada vez mais numerosas; porque Rodrigo deixara de vir visitar o doente, porque Clotilde há mais de uma semana não o visitava, porque Zeneida se ausentara...

Às vezes, como se aquilo tudo parecesse realmente indesculpável, a filha mais velha irrompia de casa adentro, aos gritos, alvoroçada, jurando que não era por falta de amor que não viera ver mais vezes “o meu papai querido”. Queria fazer-se ouvir, então, pelo doente. E a enfermeira solícita encorajava o diálogo impossível.

– Vamos, senhor, ..... O pai deve alegrar-se com a filhinha tão gentil.

“Tão gentil” – “Muito bondosa” – “Sempre interessada”. Assim dizia a moça enfermeira, quando preparava a seringa para a injeção ou anotava a temperatura do seu paciente. Maquinalmente, repetia tudo aquilo, dia após dia, a ponto de o velho ficar pensando que, desde quando ela começara a falar, não aprendera mais do que aquelas palavras.

Rareavam as visitas. Rodrigo, mais de uma vez, estivera fora da cidade, concluindo negócios inadiáveis. Retornando, eram de tal forma os problemas da loja – como fazia crer ao telefone – que não encontrava uma “horinha para ver o meu papai”. Zeneida só raramente aparecia. Escondia-se em seus hábitos estranhos. Quando entrava no quarto, movimentava-se rapidamente, e fugindo realmente do cheiro dos remédios, da impassividade do pai, ia sentar-se ao fundo do corredor, e fumar, até desaparecer mais tarde.

Afinal, os três se cansaram de manter mesmo o aparente interesse pela saúde do pai. Acordaram em visitá-lo apenas uma vez por mês. E para que um ou outro não parecesse ao enfermo, mais dedicado, compareciam juntos. Entravam e saíam do quarto à mesma hora.

Ao se afastarem dali, o homem sentia doer-lhe mais ainda o coração, principalmente porque escutava no interior do quarto contíguo ao seu, em que existia um lavatório, a avidez com que era despejada a garrafa de álcool. Imaginava com acerto que Rodrigo, Clotilde e Zeneida se livravam, depois de vê-lo, do contato infecto de sua velhice de maus cheiros.

Um ano mais e estavam alterados os costumes da casa.

As reações da enfermeira, o azedume do filho, o nervosismo das filhas, ante a situação que não se atenuava, eram flagrantes. A enfermeira passava o dia no quarto a enxugar o assoalho, a mudar os panos que forravam o paciente, a aliviá-lo da urina e das fezes respingadas nos lençóis ou no forro da cadeira.

Era evidente que os filhos, mais do que o doente, estavam cansados. Transferiam agora os seus cuidados para as chamadas telefônicas.

- Alô? Como ele dormiu à noite? Passou melhor?

A moça que cuidava do doente, respondia a tudo. Antes, tinha o cuidado de fingir que acreditava na curiosidade dos irmãos, e, descendo a detalhes, informava que tomara o pulso tantas vezes na noite, a que horas ministrara o dilatador das coronárias...

Cansando, submetia-se à intrujice, explicando agora com economia:

- Vai na mesma. É... não melhorou nada.

Não retornava mais ao pé do enfermo, para informar. Apanhava um livro – era sempre um romance de amor – e lia, lia, lia, como se estivesse sentada no parque, numa manhã de domingo. Quando a urina do homem estalava no chão, num ruído característico e comum aos seus ouvidos, mais do que depressa ela abandonava a cadeira. Depunha o livro sobre o móvel dos remédios e aseava o homem, sem lhe perceber, entretanto, o enorme constrangimento fixado naquele rosto decepcionado.

Por um domingo de maio, ensolarado mas ameno, a enfermeira em dado instante pressentiu que algo de estranho ocorria com o paciente. Aos filhos, que des preocupados conversavam na sala, tomando café, foi transmitir os seus receios.

– Venham comigo, depressa... Acho tudo tão esquisito! Foi postar-se novamente diante do pai daquela gente estranha, vendo o homem pálido, o rosto contraído de modo violento.

Ela instava:

– Dói? Faz um gesto qualquer... Vamos! Dói? Onde?

– Vai morrer? – queriam saber as filhas, no limiar do choro.

E a enfermeira, desencorajada, não mais podia esconder a gravidade da situação:

– Aqui, só um médico. Chamem um com urgência.

Teve vontade de acrescentar que o pai deles desta vez morria, que soava ao homem a sua última hora, mas refluíu do intento. Era mais aconselhável que todos sentissem, aos poucos, a realidade.

Rodrigo segurou a enfermeira pelo braço:

– Morre?

– Quem sabe?

Atarantavam-se homens e mulheres pela casa, agora, nas providências derradeiras. O ruído do telefone, completando ligações de urgência; o roçar de vidros nas prateleiras do armário branco, aberto pela necessidade da hora, importavam muito pouco para o enfermo.

Quando Rodrigo, ofegante, tornou a se juntar às irmãs aparvalhadas, compreendeu afinal o que sucedia. Só não chegou a entender realmente é que o pai, ficando-se naquela hora, não lhes pudera dizer de viva voz que eles haviam morrido muito antes.

O menino que tinha  
fome e era guia do cego  
que morreu

**O** guia havia de ter oito anos, não mais. Chupava manga, sentado na ponta da calçada, e o cego, esmorecido pela caminhada, encostara-se à parede da bodega. Alguém lhe metera na mão a banana que comia. Para uns, a fruta verdosa o constrangera. Assim pensou também o menino, em dado momento, quando, virando-se para intimar com o cão que lhe lambia os pés, viu o patrão tremendo, sem um pinga de sangue. Ligeiro, largou a manga espremida, querendo saber o que ocorria:

- Dão! Dão! Que é?

A banana, deglutida pela metade, pendia da boca do patrão. "Se engasgou na certa", pensou o guia. E logo o acudiu, nascente, a intenção de aliviá-lo. Mas aquela baba esbranquiçada, viscosa, a pingar no paletó encardido do outro, deixou-o impressionado. Naqueles andares não tinha visto nada igual, mas o haviam informado que se acautelasse, "abra bem o olho, que Dão amolece nuns ataques"; e o mal pegava, visguento que era. Não sabendo então o que fazer, começou a chorar; um choro agoniado, baixo, de fôlego curto. Daí a pouco, diante do velho engasgado, abria a boca num ai, ai, ai meu Deus, que, de repente, tocou para o meio da rua, em atropelo, a gente toda que demorava na bodega.



Quem primeiro viu o homem naquele estado foi Chico Eufrásio. O biscateiro palpitava na compra de um burro, a erguer dúvidas sobre a procedência do animal, e a conversa se arrastava por mais de uma hora, num evidente desejo de matar o tempo, só. Aos ai, ai, ai meu Deus, do menino, entestou o cordão de curiosos, a tempo de gritar para o vendeiro, que pretendia comprar o burro:

- Não meta a cara, que perde dinheiro!

Acercaram-se os curiosos do corpo estendido na calçada. Os palpites sobre a saúde do cego ferviam sob o zunzum espectante dos que tossiam, dos que arrastavam tamancos no cimento esburacado, como Zé Português, ruidoso e roufenho, a indagar:

- Será que já morreu?

Entrecruzavam-se as frases:

- Esse aí só outro:

- Lascou-se!

- Bota a mão no coração dele - lembrou um terceiro, mas sem qualquer iniciativa, embora estivesse perto do enfermo. Quem se arriscaria a tanto? Que doença tinha o cego?

Os olhos grudavam-se na banana meio deglutida, na baba viscosa, numas borbulhas que pareciam continuar espocando da boca murcha, podre. Afinal, como se a ausência de providências mais humanas o incomodasse, Chico Eufrásio, sem se saber ao certo o que dizia, deu em afastar o pessoal e se debruçou sobre o corpo estirado, inerte. Sungando-o pelos sovacos, encostou-o no muro. Tão perto esteve do cego, que sentiu quente o derradeiro bafio da morte arrancando o resto de existência daquele rebotalho de gente. Careteando, mas solene, referiu-se aos presentes:

- Acabou de empacotar agora mesmo!

Mal fechara a boca, aliviando a tensão dos circunstantes, o menino, de quem ninguém se lembrava mais, desesperou-se:

- Ai, ai, ai meu Deus! Ai, ai, ai meu Deus!

As mulheres, duas ou três, logo se reuniram em volta do chorão inconsolável. Desvaneciam-se. Era “meu bichinho”, para cá, “meu santinho” para lá, mais uns coitadinho”, “tristezinho”, tudo assim tão lamentoso que fazia lágrimas. O menino não diminuía o tom, que chorador era demais - reparou contrafeito Chico Eufrásio. Só ele, enfim, podia saber o desamparo em que se metia com o passamento do cego.

- Coitadinho!

- Era seu pai? - perguntou uma voz feminina o que todos queriam saber.

A criança meneou a cabeça, vago. Era? Não era? E isso não aliviou a ninguém. Uns restos de caldo de manga escorriam-lhe pela cara empoeirada, e o seu aspecto - reparou d. Margarida, mulher do bodegueiro - era de um piolhento que não se banhava nunca.

- Vem caminhando de longe? - indagou a mulher, curiosa.

Ele demorou a resposta. Não sabia o que dizer, se devia ou não reduzir o choro. O choro era a moedinha que possuía, a única talvez para sensibilizar os outros. Aí entornou todo o seu pranto, o olho esquerdo arregalado para d. Margarida, que, apesar da repugnância sentida por ele, mas só para se exhibir, passava-lhe a mão pelos cabelos duros. Dizia:

- Sossega, filhinho, sossega!

O cego fora deitado na calçada, outra vez, mãos encruzadas sobre o peito. Alguém trouxera uma vela, acesa, logo posta ao seu lado para que “a alma, por falta de luz, não se perdesse nas trevas do inferno”.

- Isso! A luz garante a salvação! - repetia o Zé Português, supersticioso.

- Bem, a alma ganha o céu, e o corpo? Que se faz com o corpo, gente?

Ah, o enterro!... Ninguém se lembrara de providenciá-lo. Transcorria um domingo ensolarado, passando das doze, a tarde iminente. E se dizer que aquele transtorno os acudira em hora de ócio, de bebedeira, a atrapalhá-los. O bodegueiro somava o prejuízo das vendas, amaldiçoando o cego por ter-lhe vindo cair logo ao pé do estabelecimento. Estava aborrecido:

- É chamar o padre e enterrar o homem!

Novamente o choro do menino desabou sobre o bando. Voltaram-se homens e mulheres para o chorão. Agora, compreendiam todos que a morte do cego lhe estragara o dia. Zé Português dizia a si mesmo: - E por cima de tudo inda tem mais o diabo desse menino!

A vela já se queimava pela metade quando acertaram o enterro. A Chico Eufrásio as perspectivas não lhe sorriam, pois imaginou que, além de não poder beber mais, teria de se mandar numa caminhada, até o cemitério, de mais de um quilômetro... Para evitar esse transtorno, apegou-se à decisão de tomar conta do menino.

- Olhem, cuidem de carregar o defunto que eu, por cá, me encarrego do menino.

Apertava a cabeça do guia num carinho desajeitado. Mas pensava: "Diabo é quem vai ajudar a enterrar um traste velho que não sei de onde veio! Enquanto vocês, seus bestas, cuidam do cego, entretenho aqui o menino e tomo a minha cachacinha. Depois, solto esse berrador no mundo. Vai-te, cão chorão! Vai-te daqui, piolhento dos diabos!"

O bodegueiro, não contendo a contrariedade, explicava:

– Também fico. Preciso cuidar da bodega.

Logo alguém falou alto:

– O menino ‘stá dizendo que tem fome.

O vendeiro olhou-o, penalizado. Entrou na bodega e apanhou no fiteiro dos bolos uma fatia de pé-de-moleque.

– Tome... Mate a fome, bichinho.

O menino recebeu o confeito. Fitando os homens, desconfiado, começou a comer. Do lado de fora, discutia-se agora o sepultamento, como haveria de ser. Uns, mais compadecidos, queriam a presença do padre, tomar de empréstimo, à irmandade, o caixão da caridade. Outros, zuadentos, discordavam. E ninguém parecia ver que a tarde se aproximava morna pelo sol que esplendera até o meio-dia. – Se fossem falar com o vigário – explicava um sabido – quem chegaria em casa antes das seis?

Acordaram com a sugestão. D. Margarida doou a rede, dizendo que, infelizmente, outra melhor não. Havia de ser a que trouxera, “velhinha, mas limpinha”. As amigas enalteciam o seu desprendimento. “Credo, criatura, quem é que tem por aqui rede melhor?”

Enquanto um portador ia ao cemitério, mandando abrir a cova, os homens conseguiram uma estaca de sabiá. Nela prenderam a rede com o cadáver.

Ao partirem, Chico Eufrásio segurava o menino dizendo:

– Vão seguindo, que me interesse aqui pelo coitadinho.

O menino pouca atenção deu ao enterro. Tinha os olhos compridos, novamente, em direção ao fiteiros dos bolos, enquanto o bodegueiro, indo e vindo no interior da mercearia, fingia não lhe perceber a intenção. De repente, como se o olhar da criança doesse nos seus sentimentos, apanhou outra fatia de bolo e empurrou para ele:

- Toma, infeliz! Te empanturra logo! Quero só ver se tua fome é canina!

O guia recebeu o confeito com alegria e se pôs a comer. Daí a pouco já não sentia fome – foi o que pensou o dono do estabelecimento – pois do contrário se serviria, como da primeira vez, ávido, a apanhar os farelinhos que ameaçavam cair.

E por estar mesmo perdida a tarde, não havendo mais fregueses a despachar, o bodegueiro, abespinhado, decidiu:

- Olha, Chico. Vou fechar essa joça. Hoje está escrito. Não dá mais nada! A compra do burro azarou tudo.

Veio para fora do balcão bater as portas, correr ferrolhos. Chico Eufrásio foi saindo. Metia na boca, por acender, o toco de cigarro apanhado do chão. Recolhia também; queria descansar. Mais tarde, o sol enfiado daria uma espiada na pelada dos meninos... O cego tinha atrapalhado o domingo do bodegueiro, o dele, o de d. Margarida, o de todo mundo. Ainda bem que ele escapara da chateação de caminhar um quilômetro para enterrar um Zé qualquer. Ele mesmo não ia nessa! Só suava a camisa para ganhar dinheiro!

De repente, Chico Eufrásio percebeu que lhe puxavam a blusa de algodãozinho. Quando se virou, deparou o rosto do menino. Com que então, ali estava o guia do cego, de rosto sujo, rajado, farelos de bolo grudados no sumo da manga apodrecida . Que é, seu coisa? – reagiu aborrecido.

O menino demorava, silencioso. Parecia ignorar o rancor do homem. Seus olhos, fixos no biscateiro, cintilavam como os de um cão carente de agrado.

- Meu filho – tornou Chico Eufrásio –, eu sou pobre, nada tenho para lhe dar. Vá s'imbora, seu peste!

Não se aluiu nem afastou. Parado estava, no mesmo lugar se plantou. Mudo, figurava ter perdido a voz, nem mesmo à ameaça desabusada:

- Lhe puxo as orelhas, safado!

Nem assim o menino se moveu. Só olhando, um olhar fixo, inquisitorial. Chico Eufrásio reinou dar-lhe um pontapé no fundo das calças frouxas, remendadas, ou um empurrão de descontrolar, mas verificou a inutilidade do gesto. Cauteloso, a esboçar agora uma solicitude que filhava da conformação aparente, fingida, alisou a cabeça do menino como se estivesse deveras encalmado:

- Criatura, fiz tudo por você. Agora, vá atrás de uma mulher, uma dona qualquer. Veja d. Margarida, por exemplo! Mulher tem coração mole, viu? Se você chorar nos cós dela, e ela mora aqui perto, a situação muda pra você. Chorar sempre deu certo.

Fez uma pausa; consultava a máscara suja do rosto do menino.

- Não vê que lhe quero ajudar? Se entendeu, balance o diabo dessa cabeça suja!

Empurrou-o; deu duas passadas. Tentava livrar-se dele. Mas o menino, mais que depressa, o seguiu. Chico Eufrásio reinou então plantar-lhe a mão no pé do ouvido... Peste de menino! E tomando funda a respiração, disse de si para si:

"Agora, me largo daqui correndo, e esse desgraçado não me acompanha!" Mas vendo duas ou três pessoas debruçadas nas janelas, assistindo ao diálogo, desistiu. Era ir com bons modos, ajeitar as coisas, porque o diabo daquele menino...

- Olhe, meu filho, siga meu conselho. Vá chorar pertinho de d. Margarida. Ela é mulher. Amolece logo. Entendeu?

“É agora” – pensou. “Vou saindo de mansinho. Quando ele despertar, já me mandei pra longe...” Não dera mais que cinco passadas largas, o menino como se o danassem mil demônios, rebentou num choro agoniado que semelhava o berro de uma criança sendo rasgada ao meio.

– Ai, ai, ai, ai meu Deus! Ai, ai, ai, ai!

Chico Eufrásio estacou. Atarantava-se. Já não sabia como proceder, vendo a torrente de lágrimas no rosto sujo da criança. Vexado, estendia-lhe as mãos, fazia-lhe roda, era uma ânsia para conter aquele choro abortado de surpresa:

– Por favor, seu diabo! Deixe de chorar! Olhe, isso não se faz! Olhe!...

– Ai, ai, ai meu Deus! Ai, ai, ai, ai meu Deus!

– Não chore, seu peste, não chore, eu...

– Ai, ai, ai meu Deus! Ai, ai, ai, ai meu Deus!

– Isso me faz mal, seu diabo! Não chore, não...

A cada palavra o menino respondia com novo aceso, um choro horrível, entrecortado de gemidos, lancinantes, como se alguém lhe arrancasse as pernas ou os braços, supliciando-o.

Não se pode contar que durou a cena. Foi a sorte do menino. Chico Eufrásio tinha também coração de mulher.

Velório de amigo



**F**rancisco Antônio, pela posição das estrelas, na noite densa, viu que horas davam. Era tarde, observou. Voltava do velório de Sabino Brito, um infeliz que, caindo diante da máquina de estampar chapa de fogão, morrera depois do susto. Que coisa aquela! Sabino nunca se metera em briga, odiava o álcool, só bebia guaraná. E lhe acontecera o pior; lascava-se, engolido pela prensa de aço. Que horas soavam? Francisco Antônio auscultou o céu outra vez e estugou o passo, dizendo baixinho para si mesmo: “Anda, Chico, amanhã é dia de trabalho e a noite pretona mete medo.” Foi aí que se lembrou da mulher. Quando saiu de casa ela lhe deu, para prevenir, um canivete Coreta. “Leva uma arma qualquer, homem, que os ladrões andam no mundo assustando a gente boa como tu.” A rigor, nunca apreciara andar armado de faca ou revólver. Afinal, num momento de aperiço, podia livrar-se do agressor e correr até encontrar um guarda... ou chegar em casa.

- É o diabo! - murmurou quase inaudível. Arrelia-va-se nesse exato momento ao descobrir, pela posição do satélite, o adiantado da hora. Demorara-se com o morto mais que devia... E enquanto procurava desculpar-se a si mesmo, apressou os passos, uma vontade de

correr, de já estar deitado. No dia seguinte, que ia fazer? Ajustara um pano de cinco metros de alvenaria, corrido, até o início da tarde. De verdade, nem ia poder dormir. Era só tempo de mudar a roupa, lavar a cara para afugentar o sono, pegar o ônibus. Lastimou pela primeira vez a má sorte do amigo; finar-se numa segunda-feira. Ao enterro não ia, era escravo do trabalho.

- É o diabo!

Mal fechara a boca, dois ou três homens o cercaram inopinadamente. Sofreu tamanho tropeção, que se desequilibrou. Não foi ao chão porque duas mãos fortes o pegaram pela gola do casaco. Era a ronda policial, desabusada, autoritária.

- Vá dando logo o serviço, seu vagabundo! - disse o mais alto dos policiais.

A voz rouca do homem cuspiu-lhe no rosto, enquanto um revólver, de cano luzidio, que brilhara no escuro antes de encostar-se às suas costelas, maltratava-o agora.

- E logo, pra destravar o bico!

- Dou uma corra nele, chefe?

Começaram a revistar o operário. De repente, vitoriosas as mãos pararam sobre o bolso da calça.

- Está armado!

A voz que expelia perdigotos, aduziu:

- Bancando o sabidinho, hem?

- É um canivete - gemeu Francisco Antônio - que a mulher me deu para evitar os malfeitores...

- Então, o senhor anda armado de canivete... para quê? Conte logo a verdade!

Francisco queria falar e não podia. Saía-lhe por entre os beiços um chiado confuso, sons articulados com dificuldade, e o que explicava não convencia nem mesmo a ele. Custou a concatenar as idéias, informar aos

inquiridores que regressava do velório de velho amigo, o bairro andava cheio de ladrões, de marginais, como diziam os jornais...

- É, mas o desordeiro que nós encontramos aqui foi você. Vamos, conte logo o que faz de certo na vida... Você é pedreiro?

- Sou sim senhor.

- Farsante!

"Meu Deus, o que quer dizer farsante? Confirmava que era? Devia insistir?"

- Você pensa que a gente é besta?

Deram-lhe uma botinada nos fundos.

- Aprenda, viu? Já somos velhos demais para ser enganados por um cabra de sua marca!...

- E não pense em correr, que você não escapa de nós!

Nisso, propôs o homem que expelia um fartum ácido:

- O melhor que a gente faz é dar uma surra nele...

O alourado, fumando um cigarro fedorento, ia pensando antes de decidir. Quase uma hora da manhã, a ronda chegava ao fim, fracassando. Não era de voltar para a delegacia, as mãos abanando. Que ia dizer o delegado?

- É mais conveniente se levar ele preso. Na delegacia abre o bico.

Francisco Antônio começou, lamentoso, a pedir que o deixassem em paz; era pedreiro de responsabilidade, não gostava de faltar ao trabalho - ia explicando trêmulo -, tinha até de cumprir um trato, cinco metros de parede...

Quanto mais falava, mais riam de sua fraqueza. O altão louro, com o revólver reluzindo na mão, parecia divertir-se com a cena.

- Gozado esse cara! Vem da farra, inventa a estória de um velório e quer que a gente acredite! Você

dava para trabalhar num circo. Ora, pedreiro! Pedreiro uma porra!

- Falo a verdade. Juro por Deus.

- Não meta Deus nisso! Na delegacia você conta tudo ao delegado. E vá seguindo, que temos pressa!

O pedreiro foi empurrado, deu dois tombos, quase se larga no chão. Alimentava nessa hora a idéia de convencer o delegado, uma autoridade certamente séria, à altura do cargo.

Quando entrou na delegacia, a autoridade dormia. Suplicou que o acordassem, era homem de responsabilidade, não queria faltar ao compromisso dos cinco metros de parede... Mas os homens riram a valer de suas palavras e o encheram de chacotas.

O alourado dizia:

- Quando o delegado acordar, vai pedir desculpas. Você merece.

- Tenho de chegar logo em casa, moço. - Choramingou, vencido.

De manhãzinha, arrancado da cela, foi metido diante do homem gordo, sonolento, que mastigava agora um pedaço de pão, a reclamar o café sem gosto.

- Merda de bebida! - E para o tipo que o atendia, subserviente. - Onde você comprou isso, seu pedaço de burro?

- No botequim, seu doutor.

- Fraco, frio e fedorento. - Parou. Contemplava o preso como se visse ali um animal asqueroso. Com a boca cheia, enquanto ia mastigando, indagou:

- Só esse cara?

O agente começou a repetir que vinha na ronda, assim, assim, quando topou o detido. Cercado, não esboçara resistência alguma, pois o serviço tinha sido bem

feito. E como todo malandro, negou que andasse armado. Mas andava.

- Hummmmm. Adiante.

- Então o Chaguinha tomou a arma dele. - Jogou o canivete em cima da mesa.

- Isso lá é café! De outra vez - o delegado se virou para o servente - lhe boto nas grades. Foi só?

- Foi, doutor.

- Andaram muito?

- Até por volta das duas.

- Hummmmmmmmm.

A essa altura Francisco Antônio achou que devia falar:

- Doutor, não sou malandro. Sou pedreiro. Eu tinha ido ao velório do Sabino, ele morreu imprensado numa máquina, até o jornal deu o caso. Queria que o senhor visse que feia morte o pobre teve.

- Espere! - troou o delegado. Retirando um lenço, na encenação galhofeira que queria armar, falou em tom lacrimoso

- Adiante, que pode ser que eu chore.

Os outros riam ruidosamente. O que atendia por Benedito comentou: - Nós vai chorar muito, doutor!

Alheio àquilo tudo, Francisco Antônio expunha os detalhes, explicava que o amigo sofrera pouco, a morte dele acontecera num repente. - O povo todo na fábrica correu para tentar salvar ele. Foi ó operário-padrão do ano passado. Era uma criatura...

- Pronto! Chega de tragédia. Conte agora a verdade.

O pedreiro assustou-se. "Contar a verdade? Que outra história podia ter?"

- Ô café dos diabos! - reclamava a autoridade, tentando livrar o dente de um farelo da casca do pão.

- Vamos, velhinho! O delegado tem o que fazer, e nós não vai ficar de castigo esperando que você fale. Essa de sentinela amigo do peito, armado de canivete, não entra direito!

Se ao menos a gente tivesse encontrado nos seus bolsos um rosário, mas um canivete!

O delegado fez um ruído de boca, puxando o ar pelo dente, para saber se já estava desobstruído, e falou para o servente:

- Vá buscar outro café. Esta merda não presta. - Derramou o resto no chão, por cima das costas, e limpou a boca com um pedaço de papel que amassou com a mão. - Vamos!

- Já disse tudo... - eximia-se Francisco, trêmulo.

O alourado, fingindo-se cordato, confiava-lhe ao ouvido:

- Abre a boca, conta logo tudo, que assim tu te livra.

O pedreiro calou-se por um instante. Não sabe por que, talvez pela sugestão do policial, imaginou que se contasse uma estória qualquer o deixariam em paz. Saindo dali, nem ia mais para casa. Corria para o emprego, dava conta do trabalho ajustado.

- Acorda, macho! Fala!

Àquele grito, o delegado bateu, furioso, em cima da mesa. Estava possesso.

- Vamos! - continuou. - Abra a boca! Dê o serviço agora mesmo, senão vai sofrer como nunca pensou na vida. Lhe moeremos de peia.

Mudando de tom: - Cadê o café? Quero tirar o gosto de sentina da minha boca!

Benedito falava delicadamente ao chefe:

- Já vem, doutor. - E para um dos soldados de plantão:

- Vai correndo dizer ao servente que o chefe está esperando.

- VAMOS! FALE!

A mão batendo outra vez sobre a mesa, a mão do anel de pedra vermelha, faiscante. Francisco Antônio já não sabia o que fazer. “Como era mesmo? Não falando, ficava preso, ia apanhar, ter a vida manchada, acabar prejudicado nas promoções. Mas falar o quê? Que podia dizer àqueles homens?” Veio-lhe então um torpor, um estranho cansaço – fazia tempo que estava de pé, não comera nada no velório, nem ao menos tomara uma xícara de café – e por isso cabeceou para a frente, como se fosse desmaiar.

- Ai, que o homem fumou maconha! – gritou o delegado.

- Não! Não! – protestou o pedreiro aflito.

A coronha do revólver do alourado bateu-lhe nas costas, dessa vez para valer. Francisco Antônio sentiu um dor aguda, como se a arma lhe dilacerasse a carne. O outro policial bateu-lhe com um cacete por debaixo das pernas, sem que ao menos ele pressentisse o gesto. Quando gritou, o delegado meteu-lhe o dedo em cima da cara:

- Calado, seu merda! Não faça escândalo na minha delegacia. Vamos, me conte tudo, calmo. Foi você que furou ontem à noite o carroceiro do Pici? Foi ou não foi?

Nova coronhada na cabeça sofrida, enquanto lhe torciam um braço com violência. Perdia a noção de tudo, de que estava na delegacia, que devia reagir para viver – já achando inútil lutar pela salvação. Salvação de quê? Quando o fizeram sentar-se diante do escrivão, figurava um saco de roupa servida, tão moído estava de pancadas. O delegado, alienado do sofrimento de Francisco

Antônio, externava um ar repousado. Guloso, bebera o café recém-passado e já baforava um charutão que fedia como tudo ali.

Daí a instante, o pedreiro foi obrigado a assinar a confissão que fizera. Quando suspendeu a mão do papel, aguardou que lhe exigissem mais, achando pouco aquilo que tinham querido dele, depois de tantas bordoadas. Já não raciocinava direito, quando o empurraram para o fundo da cela. Estava exausto, cansado mesmo, os olhos pesados de sono.

Quando clareou o dia, ele ainda dormia. E levantava no sonho os cinco metros de parede, só que, do alto do andaime, o mais elevado em que já trabalhara, via os homens cada vez menores, como se não fossem gente...